



Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS
Departamento de História

SERGIO ESTRELLITA DA CUNHA

Umbanda: “A Manifestação do Espírito Para a Caridade”.
(O Advento do Caboclo na Construção da Identidade Umbandista-1908 à 1939).



Rio de Janeiro

2007

Umbanda: “A Manifestação do Espírito para a Caridade”.
(O Advento do Caboclo na Construção da Identidade Umbandista-1908 à 1939).

Sergio Estrellita da Cunha

Departamento de História / IFCS / CFCH

Bacharelado em História

Prof.Marcos Luiz Bretas.

Doutorado.

Rio de Janeiro

2007

Cunha, Sergio Estrellita.

Umbanda: “A Manifestação do Espírito para a Caridade”-
O Advento do Caboclo na Construção da Identidade
Umbandista -1908 à 1939 / Sergio Estrellita da Cunha.
– Rio de Janeiro, 2007.

xi, 95 f. : il.

Monografia (Bacharel em História) – Universidade Federal
do Rio de Janeiro - UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
– Departamento de História, 2007.

Orientador: Prof.Dr. Marcos Luiz Bretas.

1.Umbanda. 2.Religião. 3.Memória. 4.História – Monografias.
I. Bretas, Marcos Luiz (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de
Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Departamento
de História. III. Título.

PREÂMBULO:

*“TODAVIA, O BANTU CONSTRUIU A CASA
COM AJUDA DO NAGÔ, EM TERRENO DO
ÍNDIO, COLOCOU O TELHADO DO
BRANCO COLONIZADOR, AS PORTAS E AS
JANELAS PEDIU AOS ESPÍRITAS, E DEU O
ACABAMENTO OCULTISTA, DAÍ
RESULTANDO UMA CASA FUNCIONAL:
A UMBANDA.”*

Do Livro: “Umbanda-Evolução Histórica e Religiosa”.

Autor: Armando Cavalcanti Bandeira.

Rio de Janeiro – 1961.

DEDICATÓRIA:

Dedico este exercício de investigação histórica, primeiramente aos meus esforços de que é possível acreditar na superação humana em processo constante de aprimoramento pessoal. E poder ter a certeza de um reinício de caminhada, onde mais amadurecido, direcionar projetos de vida, trocando, aprendendo, em contínua produção dos conhecimentos pertinentes a uma melhor compreensão do mundo em que estamos inseridos, engendrando valores históricos, culturais, filosóficos, políticos, econômicos, sociais e artísticos.

Agradeço a oportunidade de existir através da memória dos meus pais, o Sr. Telmo O. Estrellita da Cunha, in memoriam, e a Sra. Eglantina Estrellita da Cunha. Pelo incansável incentivo, força e paciência, dedico este trabalho monográfico à Sra. Edith de Oliveira Abranches, minha grande tia. Não esquecendo dos meus eternos avós “Rubem e Dalila”, in memoriam. Em caráter de cumplicidade, dedico este esforço à minha esposa Deise F. Estrellita da Cunha, pela força, compreensão, credibilidade, carinho e afeto.

Academicamente, agradeço ao incentivo dos meus professores, orientadores e colegas que acreditaram no meu percurso no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, na Faculdade de Educação e no Colégio de Aplicação da UFRJ. À Profa. Ana Maria Monteiro, à Profa. Carmem Teresa Gabriel, à Profa. Francis Picarelli, à Profa. Regina Bustamante, à Profa. Marieta de Moraes, ao Prof. Américo Freire, ao Prof. Fernando Vale, à Profa. Cláudia Mesquita, à Profa. Celeste Zenha, à Profa. Andrea Daher, à Profa. Maria Beatriz, à Profa. Gisele Jacon, e ao meu orientador Prof. Marcos Luiz Bretas, principalmente pela sua paciência e credibilidade. Aos colegas, Daniela Valle (in memoriam), Cláudia Nazaré, Érica Líbano, Marcus Marques, Fabrício Martins, Thalles Amaral, Marcus André, Alexandre Britto, Ricardo Vieira, Lísia Silveira, Araci Alves, Filipe Duret, Marcello Assunção, Andrea Barbosa, Bruno Gomes, Rogério José, Paulo César e a todos. Ao Departamento de História, à Secretaria Acadêmica e aos seus funcionários.

Com imensa gratidão, dedico este trabalho aos amigos umbandistas da Tenda Nossa Senhora da Piedade, da União Espiritista de Umbanda do Brasil, da Congregação Espírita de Umbanda do Brasil, da Cabana de Pai Pescador das Almas, da Irmandade de Pai João. À Sra. Zilméia de Moraes, à Lygia Cunha, ao Carlão, à Laudelina, e a todos os médiuns desta histórica Casa. Ao Sr. Pedro Miranda, à Sra. Fátima Damas, Sr. Carlos Damas, Arthur e Jorge. Ao Prof. José Henrique, pela referência acadêmica, orientação e incentivo pessoal. À Sra. Hilda Crispim, ao Manoel Ferreira, à Glória Maria e a todos. Aos Construtores da Identidade Umbandista, Antônio Iloízio, Adriano Camargo, Rodrigo Queiroz, Ortiz Belo, Thashamara, Adriana Berlinski, Armando Fernandes, José Beniste, e a todos os Terreiros de Umbanda visitados. Em especial, ao Sr. Zélio Fernandino de Moraes, in memoriam, pela trajetória de referência nacional.

Concluindo, agradeço plenamente a força, carinho, incentivo de Lucrécia (Tia Priminha), in memoriam, Iara de Faria, José Gurgel, Elza Cléa, Gilma Iara, Renata Brahim, Cláudia Ribeiro, Marise Fernandes, Cleiton Barcelos, Diego Gama, Juliete Cardoni, Geraldo Sergius, aos meus Alunos, à minha irmã Simone Estrellita, pelo Notebook, não esquecendo ninguém... .

HINO DA UMBANDA:

*“REFLETIU A LUZ DIVINA
EM TODO SEU ESPLENDOR.
VEM DO REINO DE OXALÁ,
ONDE HÁ PAZ E AMOR.*

*LUZ QUE REFLETIU NA TERRA,
LUZ QUE REFLETIU NO MAR,
LUZ QUE VEM LÁ DE ARUANDA
PARA TUDO ILUMINAR.*

*UMBANDA É PAZ E AMOR,
UM MUNDO CHEIO DE LUZ,
É FORÇA QUE NOS DÁ VIDA
E A GRANDEZA NOS CONDUZ.*

*AVANTE, FILHOS DE FÉ!
COMO A NOSSA LEI NÃO HÁ.
LEVANDO AO MUNDO INTEIRO
A BANDEIRA DE OXALÁ”.*

Letra e Música de J. M. Alves.

SUMÁRIO:

1-Introdução-----pág.8.

2-Capítulo I:

“O Advento do Caboclo e a Proposição do Culto Umbandista”---pág.25.

3-Capítulo II:

“As Estratégias de Legitimação da Umbanda”-----pág.47.

4-Capítulo III:

“A Construção da Identidade Umbandista”-----pág.67.

5-Conclusão-----pág.78.

6-Bibliografia-----pág.80.

7-Anexos-----pág.86.

INTRODUÇÃO:

Através de um exercício de investigação histórica, com a preocupação, a priori, de analisar os desdobramentos históricos e culturais que culminaram no culto umbandista, houve a intenção de investigar a origem de uma religião ⁽¹⁾, considerada brasileira, a partir dos amálgamas que a estruturaram, com influências africanistas, ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas ⁽²⁾. Com base em diversas reflexões, orientações, leituras e estudos dirigidos, procurei focar esta temática, compreendendo a importância dada ao “Advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas através de Zélio Fernandino de Moraes na Construção da Identidade Umbandista”, e conseqüentemente na análise de compreensão de um processo histórico do culto, propriamente dito, buscando entender as estratégias de legitimação e institucionalização resultando a “UMBANDA”, significando atitudes, comportamentos, mentalidades, valores simbólicos, aspectos litúrgicos e doutrinários, hierarquização, posturas e organização política, social e cultural.

No limiar do século XX, em um contexto republicano, onde os ideais de liberdade, igualdade, progresso, estavam presentes na sociedade brasileira, consagrando o ideal nacionalista, incorporaram-se valores de identidade cultural que possibilitavam a existência de uma referência do que é ser brasileiro, emergindo expressões de cunho científico, filosófico e religioso. Isto fazia parte de uma proposta de construção da nação e de sua estrutura histórica, política, econômica e sócio-cultural, com propostas evolucionistas, civilizatórias e progressistas.

Analisando a diáspora africana, correlacionada ao intenso tráfico negreiro entre África e a América Portuguesa, verificou-se a afluência das diversas etnias sudanesas e bantus ⁽³⁾, principalmente nas regiões mais ao sul do Brasil, dos povos do Congo, de Angola, de Moçambique. Neste encontro complexo entre culturas, nada pacífico, vislumbramos os diversos grupos étnicos indígenas principalmente do tronco tupi-guarani, que juntamente com os aspectos culturais europeus, deram base ao desenvolvimento dos diversos trabalhos históricos, sociológicos e antropológicos acerca das interações sócio-culturais entre os mais diversos povos, que aqui se encontraram. No tocante ao tema das interações religiosas, observamos na percepção, assimilação, acomodação, os perfis religiosos que de certa maneira bricolados, sincretizados, amalgamados, deram margem ao entendimento das formas de expressão religiosa verificados no período colonial da Nossa História. Como são citados nos trabalhos relacionados aos Calundus, que eram uma espécie de ritual africano com evocações dos espíritos ancestrais, batuques, oferendas, danças e mesclas devocionais.

Em inúmeros trabalhos foram analisados a história das múltiplas crenças que se cruzaram no período colonial, onde as religiosidades indígenas, os cultos africanos e a descaracterização dos moldes católicos, aqui reelaborados, designaram um montante de “hereges” perante as diretrizes dogmáticas da religião oficial. A este respeito temos o livro da Profa. Laura de Mello e Souza, intitulado “O Diabo e a Terra de Santa Cruz” onde a autora analisa as expressões de feitiçaria nos tempos coloniais, dentro de uma perspectiva da História das Mentalidades e do Imaginário. Ela traça um perfil, através de um profundo trabalho de campo, reelaborando os mais diversos aspectos da religiosidade popular, se embasando em cronistas da época, devassas eclesiásticas e processos de inquisição do Santo Ofício. Nisto, se identifica uma herança cultural das diversas religiosidades que bricoladas, sincretizadas e amalgadas ainda se fazem presentes na crença dos diversos terreiros espalhados pelo território nacional. Denotando a gênese da alma devocional brasileira. E ainda dizendo que (4) :

“...Feitiçaria e religiosidade popular apresentavam-se assim extremamente multifacetadas, agregando concepções e crenças diversas. Durante o processo de colonização, esta complexidade cresceu, acabando por tomar feição tipicamente colonial. Houve momentos de tolerância a elas: Fernão Cabral e a “Santidade”, Antonil e a complacência ante o catolicismo sincrético dos escravos. Mas o tom geral foi dado pela intolerância e pelo repúdio às práticas mágico-religiosas especificamente coloniais. Os momentos máximos deste repúdio e desta intolerância foram as visitas, as devassas, as perseguições encetadas pelos comissários e familiares do Santo Ofício em terras brasileiras. ...A feitiçaria colonial se engastava na vida cotidiana da população, notadamente a das camadas mais pobres. ...Procuravam-se feitiçarias para filtros de amor, para ensinarem palavras mágicas que mantivessem sempre enamorado o parceiro, para desvendar segredos, prever o futuro, fazer retornar navios desgarrados nos mares da Índia e da África, curar chagas, fechar feridas, benzer animais vitimados por bicheiras. Sobre elas, a comunidade despejava seus demônios internos, suas angústias, dúvidas, incertezas. Seus depoimentos desvendam parte importante do inconsciente coletivo, dos sonhos de cada um...”

Conclui seu trabalho afirmando que no século XVIII “a população colonial fixara formas específicas de magia e feitiçaria: as bolsas, os calundus, os catimbós” (5), sendo que estas averiguações surgiram dos processos e denúncias verificadas neste período histórico. É claramente analisado a relação entre o sagrado e o profano nestas averiguações históricas, demonstrando a interpretação dos dogmas católicos na reelaboração das religiosidades da cultura popular, envolvendo escravos, indígenas, colonos. Ainda, de acordo com a autora, “...Deixando

pelo caminho mortes e sofrimentos atrozes, o longo processo de aculturação acabou por fundir sabbats, missas e calundus. ...Foi assim, no cruzamento de concepções e discursos vários, que se elaborou uma feitiçaria colonial. Ela foi simultaneamente objeto de colagem complexa e origem de novas sínteses: hoje, a Maria Padilha das orações setecentistas de conjuro é Pomba-Gira da Umbanda. No plano da magia e da religião, os sincretismos acabariam por se mostrar irreprimíveis e inextinguíveis (5). Dentro deste parecer, a autora das religiosidades no período colonial, nesta perspectiva, nos remete a um contexto histórico em ebulição das diversas crenças que estavam se interagindo, talvez em busca de uma identidade, possivelmente. Porém, nos dando um embasamento histórico e cultural da circularidade dos valores, idéias, comportamentos religiosos entre as várias camadas da população colonial, da mais erudita a mais popular, suas imbricações, reinterpretções, reelaborações de determinada liturgia católica, como exemplo, a denominada “Caraimonhaga”, expressão advinda dos índios caraíbas que se traduzia por uma “coisa santa”, “a santidade dos índios” ou “o fazer a santidade”. Isto é, na reinterpretação do batismo cristão, mesclando a pajelança indígena com os aspectos litúrgicos do catolicismo, podendo se justificar como uma forma de resistência à catequese jesuítica, mantendo os padrões das religiosidades ameríndias, onde se buscava a chamada “Terra sem Males”. De acordo com o Prof. Ronaldo Vainfas seria um batismo as avessas (6), pois *“era no domínio religioso que a rebelião afirmava a sua identidade, construindo-a por oposição à Igreja Católica. Utilizava-se, pois, um rito católico, o batismo, para invertê-lo e neutralizá-lo. Se o batismo dos jesuítas simbolizava o ingresso dos índios na comunidade cristã, o rebatismo da santidade procurava anular aquele trânsito cultural, limpando os neófitos da nódoa mortal do sacramento cristão”*. Através destes rituais de santidade indígena os nativos realizavam, por meio de um transe místico, a comunicação com a sua ancestralidade mítica. Utilizavam a dança, o uso do tabaco, dos maracás, cabaça sagrada, que eram devidamente adornadas, acreditando-se possuir os espíritos dos ancestrais. Em alguns momentos, o “pajé açu”, espécie de sacerdote caraíba, em pleno transe de possessão, incitava aos demais indígenas que não mantivessem obediência aos brancos, aludindo que não trabalhassem mais, pois acreditava-se que chegaria um determinado tempo em que *“as flechas caçariam sozinhas no mato e os alimentos brotariam da terra sem que ninguém plantasse”* (7). O pajé exortava que os indígenas se libertassem da opressão dos brancos, incitando-os à guerra, à migração, na busca de um paraíso tupi. Nestes transes se realizavam profecias de rejuvenescimento e imortalidade.

Estas santidades se dimensionaram pelo litoral brasileiro, durante o século XVI, sendo descritas por padres jesuítas, cronistas, católicos, protestantes, sendo demonstradas nas documentações dos capuchinhos franceses Claude d'Abeville e Yves d'Evreux, religiosos que acompanharam a expedição de La Ravardiére no Maranhão (8). Nesta breve digressão, rememoramos através dos autores citados, algumas características das religiosidades vislumbradas durante o período colonial vivenciadas na América Portuguesa, nos permitindo refletir parte de um processo histórico, que culminou no início do século XX com a institucionalização e a gradativa legitimação do culto umbandista.

Na segunda metade do século XIX, em pleno segundo reinado, surge em terras brasileiras, mais precisamente na década de sessenta, uma doutrina originária da França, de cunho científico, filosófico e religioso, era o espiritismo codificado pelo médico Alan Kardec, pseudônimo do Sr. Hippolyte Denizard Rivail, nascido em Lyon, em 1804. Através da reunião e análise das diversas mensagens advindas do além, é publicado em 1856, o “Livro dos Espíritos” e posteriormente o “Livro dos Médiuns”; em 1864 “O Evangelho Segundo o Espiritismo” em 1865 “O Céu e o Inferno”; em 1867, “A Gênese”; ainda responsável pela publicação da “Revista Espírita”, periódico mensal francês, fazendo parte do conjunto de obras da doutrina codificada dos espíritos. De acordo com a historiadora Sylvia F. Damazio (9), esta doutrina de origem francesa *“foi incorporada ao mundo do pensamento brasileiro, neste momento, e restou como uma opção entre o catolicismo de elite e as formas religiosas populares, com a vantagem de conciliar o aspecto tradicional da religião ao aspecto moderno da ciência”* (10). A doutrina espírita tinha a convicção da existência de um Deus criador, da sobrevivência da alma após a morte, do caráter evolucionista do espírito, que através de várias reencarnações atingiria gradativamente a perfeição dos puros. A noção de progresso estava presente, onde a humanidade caminhava rumo a uma iluminação contínua, a fazer parte das diversas moradas existentes no universo, de acordo com o seu grau de evolução espiritual. A Terra, seria um planeta de provas e expiações, aonde os homens deveriam resgatar as suas faltas passadas, atingindo um patamar cada vez maior de aperfeiçoamento moral. Nisto se configuravam os pressupostos do espiritismo (11).

Em terras brasileiras, a revelação espírita de Alan Kardec foi bastante divulgada nos meios aristocráticos da corte imperial, a nossa elite se interessou pelos aspectos científicos desta nova doutrina importada da França. Muitos se interessaram pelo aspecto fenomenológico, outros pela parte filosófica, que incentivava o aprimoramento moral, porém existia uma vertente mística que valorizava o aspecto religioso, engendrando e dando sentido a doutrina kardecista, através do

“Evangelho Segundo o Espiritismo”. De acordo com Sylvia F. Damazio, “...Kardec partira para a elaboração de um espiritismo evangélico, onde tentava concordar as máximas do Cristo com os enunciados revelados pelos espíritos. Esta interpretação respondia aos anseios presentes na cultura brasileira, tradicionalmente vinculada às diretrizes da Igreja Católica, e mais afeita às crenças do que às doutrinas científicas” (12). Este aspecto religioso foi muito bem representado pelo Dr. Bezerra de Menezes, que pretendia unificar o movimento espírita através da prática da caridade aos necessitados do corpo e do espírito. Sendo médico alopata, passa por inspiração espiritual a estudar a homeopatia e a realizar receitas mediúnicas de remédios que iriam ajudar na cura dos diversos males das pessoas que procuravam a Federação Espírita Brasileira ao pronto atendimento. Esta prática se tornou rotineira em diversos centros ligados à federação espírita, como na especialização de diversas farmácias que iriam produzir os medicamentos de acordo com os pressupostos homeopáticos amplamente divulgados. O Dr. Bezerra de Menezes, cearense, foi político liberal, abolicionista e republicano, sendo um grande incentivador da criação da Federação Espírita Brasileira, na defesa da ideologia espírita no Brasil, mantendo os pressupostos doutrinários frente às reinterpretações dos diversos núcleos que surgiram, defendendo o movimento dos ataques da Igreja Católica, na legitimação das suas práticas científicas, filosóficas e religiosas, consolidando o espiritismo no Brasil, dentre outras figuras importantes, não citadas.

Estas práticas desenvolvidas pelo aspecto religioso do espiritismo se afinaram com os aspectos religiosos do catolicismo popular e foram reinterpretadas pelos cultos de origem africana e ameríndia, pois se realizavam processos de curandeirismos em diversas comunidades carentes da assistência médica oficial, através da comunicação com uma ancestralidade mítica, uso de ervas, medicamentos e rezas diversas, propiciados por uma ritualística bastante pertinente. Estas reuniões eram classificadas como “baixo espiritismo”, pois verificava-se a presença de elementos do espiritismo, do catolicismo popular e da ritualística dos cultos afro-brasileiros do candomblé, caracterizado pela reunião de divindades das diversas nações africanas e da religiosidade bantu, congo-angolenses, na interação com uma ancestralidade mítica, incorporando espíritos dos antigos sacerdotes negros, pretos-velhos, antigos escravos, pagés indígenas, orixás, caboclos, pertencentes às diversas etnias ameríndias, que eram classificados, pela elite espírita, como atrasados ao devido atendimento terapêutico, sendo confundidas como núcleos de curandeirismo barato, fetichismo, feitiçaria, magia negra. De acordo com o espiritismo oficial, estas “entidades” deveriam ser doutrinadas a progredirem gradativamente a um aprimoramento moral e intelectual devidamente aceito por uma sociedade civilizada, republicana e evoluída.

Em diversos núcleos espiritualistas se manifestavam entidades de antigos negros velhos, caboclos, orientais, intelectuais, médicos, que se interagiam mutuamente dentro de alguns procedimentos que professavam uma proposta doutrinária de manifestar o espírito para a caridade, incluindo os relatos do jornalista Leal de Souza, que na década de 20, no século XX, realizou uma série de visitas a diversos agrupamentos localizados em diversos pontos do distrito federal, na cidade do Rio de Janeiro, evidenciando uma multiplicidade de manifestações da fenomenologia espírita imbricada pelos elementos do catolocismo popular e dos procedimentos ritualísticos afro-brasileiros, que foram organizados no livro “No Mundo dos Espíritos”⁽¹³⁾. Em outros núcleos proliferavam o charlatanismo, representado pelos adivinhos, curandeiros, mandigueiros de toda a espécie, que se aproveitavam da boa fé das pessoas de diversas classes sociais para lucrarem bons dividendos em troca dos serviços mágicos prestados. Neste momento, final do século XIX e início do século XX, presenciávamos um dimensionamento das crenças, práticas e terapias espiritualistas, em geral, influenciando a devoção religiosa de diversas camadas da população carioca e posteriormente ou concomitantemente a nível nacional. Apesar do processo de desenvolvimento urbano e industrial verificado no distrito federal, os recém-libertos em 1888, não encontravam condições favoráveis de trabalho e adequação social, muitos vieram das regiões do Vale do Paraíba, se colocando muitas vezes como operários nas fábricas, empregados domésticos, ambulantes, ou como falsos médiuns ou sensitivos, aproveitando os seus conhecimentos ancestrais, via oralidade, na realização das suas magias, sem os devidos escrúpulos sociais, fazendo trabalhos mágísticos tanto para o bem quanto para o mal, atendendo aos pedidos materiais, afetivos e de saúde da população crente. Com isto ocorreram denúncias e perseguições policiais contra a exploração da credence popular ⁽¹⁴⁾. Apesar disto, a necessidade de afirmação destas populações libertas se caracterizava pela tomada de atitude onde pudessem se adequar melhor em uma sociedade de classes, como bem analisou a historiadora Sylvia F. Damazio ⁽¹⁵⁾:

“O preconceito em relação ao ex-escravo e à sua cultura constituía-se em um complicador à integração do negro à sociedade dominada pelos brancos. Assim, a apropriação de elementos do espiritismo pode ser explicada pela necessidade que o liberto sentiu de revalorizar aspectos religiosos de sua cultura, estigmatizados como fruto de mentalidade inferior. O espiritismo, doutrina de origem européia, ao aceitar e estudar o intercâmbio entre o mundo material e espiritual, os transe mediúnicos e o tratamento à saúde física e mental por entidades desencarnadas, referendava práticas ancestrais e comuns às religiões africanas”.

A partir desta perspectiva de análise histórica, vislumbrou-se no complexo conglomerado de intercâmbios sincréticos amalgados que se denominou de “macumba carioca”, através da comunicação dos espíritos de pretos-velhos, caboclos, consultando os indivíduos acerca das suas necessidades materiais, afetivas e de saúde, ainda se utilizando das forças da natureza representadas pelos orixás africanos sincretizados com os santos católicos e divindades indígenas, a utilização dos mecanismos de reelaboração dos pressupostos preconizados pelo espiritismo, sendo a cultura bantu que melhor se afinou com estes aspectos doutrinários, pois em algumas nações africanas não deveriam haver interações com os espíritos dos mortos denominados de “eguns”. Estas práticas presentes no ritual dos cultos africanos, principalmente os bantus, com influências congo-angolenses, estariam ligadas às tradições de cura e adivinhação no contato com os ancestrais míticos, que deveriam ser cultuados, incluindo as forças da natureza, para que o destino dos indivíduos em comunidade estivesse assegurado, principalmente centralizado em uma divindade maior denominada de “Zambi”, o criador de tudo e de todos os viventes na Terra.

A “macumba” desenvolvida pelos descendentes bantus, através da memória oral e das bricolações sincréticas que amalgadas se expressaram em ritualísticas que de certa maneira se identificavam com as culturas congo-angolenses, teve no cientista social Artur Ramos, um importante analista e observador das suas características etnológicas, onde em um processo de aculturação histórica, estes cultos presentes no Rio de Janeiro, na sua visão estavam se transformando em jeje-nagô-bantu-caboclo-espírita-católico, ocorrendo uma degradação do modelo jeje-nagô. Ainda analisa que, *“é quase impossível hoje, identificar as sobrevivências puramente congo-angolenses nas macumbas brasileiras. Elas estão fusionadas a elementos de outras religiões e práticas mágicas africanas, ameríndias, e ao catolicismo e espiritismo popular, que a macumba contemporânea, pelo menos no Rio de Janeiro, é um vasto conglomerado mágico e ritual, de transformações contínuas e rápidas”* (16). É importante citar algumas descrições etnográficas que caracterizavam os trabalhos realizados nas chamadas “macumbas cariocas”, de acordo com Artur Ramos (17):

“...O que caracteriza a macumba de influência bantu, são os espíritos familiares que surgem, encarnando-se no Embanda, e que são a sobrevivência dos cultos dos antepassados de Congo e de Angola. Há grupos de santos e espíritos que surgem em falanges, pertencentes a várias nações ou linhas. O sacerdote torna-se mais poderoso de acordo com o número de linhas que trabalha. ...Todos os santos católicos, espíritos das mesas kardecistas e orixás sudaneses

aparecem nestas linhas dos terreiros ou “centros”, de influência bantu. ...Há a linha da Costa, linha de Umbanda

15

e de Quimbanda, linha de Mina, de Cabinda, do Congo, linha de Angola, linha de Omolocô, linha maçuruman ou maçurumim, linha de Rebolo, de Cassange, de Monjolo, de Moçambique, linha do Mar, linha das Almas, linha cruzada, etc. ...”Pontos” são os cânticos dedicados a cada “santo”, que vai descer do seu gongá ou altar; significa também os sinais simbólicos de cada santo, são os pontos cantados e os pontos riscados. ...Além da pomba, para “riscar” os pontos, utilizam-se os macumbeiros do Rio de Janeiro, do pombo ou charuto, do ponteiro ou punhal pequeno de funções mágicas, do fundango ou tuia, a pólvora, do fumo ou macaia, da marafa ou otin, a cachaça, da maza ou mazia, a água, flores, ervas e demais utensílios de culto. ...A certa altura das cerimônias, o Embanda diz receber um espírito protetor, geralmente um velho negro da Costa, Pai Joaquim, o Velho Lourenço, que passa a dar conselhos, ouvidos com respeito pelos consulentes, sucedendo as várias linhas do cerimonial da macumba, em um antigo terreiro de Niterói, o de Honorato, que era uma casa de ritual dedicada a Ogum Megê, e no altar não era a imagem de Ogum que cultuavam, mas a de São Jorge. ... Nas macumbas no Rio, os fenômenos de possessão raramente tomam aquele aspecto forte, que caracteriza o estado de santo dos candomblés gêge-nagôs. Em dado momento, algumas pessoas possuídas pelos velhos espíritos africanos, curvam-se, os cabelos ficam caídos para a frente, fumam cachimbo, cruzam as mãos nas costas e dispõem-se em pequeno círculo, “trocando” palavras, falando em “linguagem da Costa”. ...As cerimônias terminam como começaram: pela invocação ao santo protetor. O côro canta, e o Embanda lança a bênção a todos, com a fórmula católica, “Louvado seja Deus”, logo respondido, “Para sempre seja louvado”, pela assistência contrita”.

Nesta descrição etnográfica vislumbramos os aspectos das diversas religiosidades, católica, espírita, africana, ameríndia, imbricados em um culto onde acontece um contato com espíritos ancestrais, desenvolvendo uma ritualística mágica através dos elementos utilizados que se interagem com posturas, comportamentos litúrgicos, na realização e consumação de determinados trabalhos de cura, premonições, advertências, aconselhamentos, orientações afetivas e resoluções dos problemas que afetavam a vida cotidiana dos consulentes em geral. Em muitos aspectos assemelha-se com o culto umbandista vislumbrado atualmente, tendo algumas modificações e articulações políticas, sócio culturais e doutrinárias que levaram a institucionalização e legitimação da Umbanda, na construção da sua identidade, propriamente dita, como religião brasileira, assim considerada pela maioria dos umbandistas dispostos em território nacional. É importante salientar que uma determinada linha denominada de “umbanda”, irá se sobressair, pois um novo culto religioso surgirá a partir das influências religiosas amalgamadas,

assimiladas e acomodadas em sua essência de síntese, se constituindo como uma revelação da espiritualidade trazendo uma nova proposta doutrinária, litúrgica e

16

organizacional, onde os espíritos de negros africanos e ameríndios, dentre outros, iriam adquirir um aspecto digno nas suas comunicações mediúnicas, expressando “a manifestação do espírito para a caridade”. Não se compreendendo como uma substituição na escala evolutiva de um novo culto por um outro já defasado, iremos observar no decurso do processo histórico, uma convivência com diversas formas de cultos afro-brasileiros, se influenciando mutuamente, sendo o culto umbandista considerado, posteriormente, uma referência de síntese em caráter essencial, tendo em vista a revelação do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através do jovem Zélio Fernandino de Moraes, em 15 de novembro de 1908, considerado o marco oficial da Umbanda.

É interessante mencionar que antes de 1908, não existia ainda a utilização do vocábulo “Umbanda” para designar algum tipo de culto institucionalizado, pois nas crônicas publicadas no livro “Religiões no Rio” do escritor João do Rio, em 1905, não mencionava agrupamentos religiosos de procedência afro-brasileira ou afro-ameríndia, utilizando esta nomenclatura que identificasse determinado grupo de referência. Como mencionado anteriormente, já se manifestavam espíritos dos ancestrais africanos e indígenas nos remanescentes dos cultos afro-brasileiros, designados como “macumba”. No livro “Umbanda e sua História”, o autor Diamantino F. Trindade descreve algumas ponderações do escritor umbandista W.W. da Matta e Silva, realizando algumas análises pertinentes a este assunto (18) :

“Em 1934, tivemos contatos com um médium de nome Olímpio de Melo, oriundo de Magé, era um mulato alto e magro, que praticava “a linha de Santo de Umbanda” há mais de 30 anos, portanto desde 1904, e que trabalhava com um caboclo dito como Ogum de Lei, com um preto-velho de nome Pai Fabrício e com um Exu de nome Rompe-Mato. Em 1935 conhecemos o velho Nicanor, com 61 anos de idade, num sítio da Linha Auxiliar denominado Costa Barros, que sempre afirmava orgulhosamente que, desde 16 anos, já recebia o Caboclo Cobra-Coral e o Pai Jacob e que desde o princípio, as suas sessões “era no giradô da linha branca de Umbanda, nas demandas e na caridade”, portanto desde o ano de 1890, segundo as suas afirmativas. Em 1940 conhecemos um famoso “pai-de-santo” denominado Orlando Cobra-Coral, nome de sua entidade de cabeça, um caboclo, também num subúrbio da Linha Auxiliar, em Belford Roxo, que dizia praticar a “Umbanda Branca”, já há 27 anos, portanto desde 1913. Lamentavelmente suicidou-se com um tiro no peito, deixando um bilhete, onde escreveu que assim procedia, “mas não por força de pomba”...Entendam o sentido da frase os entendidos do santé... A Revista “O Cruzeiro” por ocasião daquele evento, fez ampla reportagem a respeito. Isso em 1945”.

Verificamos alguns elementos imbricados advindos da doutrina espírita mesclados às práticas de sobrevivência das religiosidades bantus, congo-angolenses, já denotando alguma organização ritualística e doutrinária dos seus pressupostos litúrgicos. Porém, é importante atentar para a força de referência institucional que o advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” teve através de uma forte revelação espiritual, que iria engendrar moldes doutrinários legitimadores de uma nova religião que consubstanciaria a síntese dos outros movimentos que vinham se processando historicamente. Neste sentido, observou-se que muitas destas manifestações anteriores à 1908, foram consideradas por vários autores como o prenúncio da formação de uma legítima religião brasileira delineada por um sistema doutrinário, com regras, leis básicas de organização, posturas e procedimentos litúrgicos. Um destes antecessores, de acordo com os estudos de Diamantino F. Trindade, relatado pelo jornalista Leal de Souza, que tinha ligações diretas com a Tenda Nossa Senhora da Piedade, nos seus primeiros anos, foi a evidência da manifestação de uma entidade denominada “Caboclo Curuguçu” da falange de Ogum, que no final do século XIX profetizava o advento da revelação do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, trazendo uma nova doutrina que se popularizaria sob o nome de “UMBANDA” (19).

Acerca da etimologia da palavra “umbanda”, de acordo com a gramática kimbundo do Prof. José L. Quintão, significa a arte de curar, derivada de Ki-mbanda, do dialeto bantu, se referindo àquele que cura, geralmente o sacerdote, feiticeiro ou invocador de espíritos entre os angolanos. Artur Ramos assinala que Heli Chatelain, em Angola, evidenciou vários outros significados (20) :

“...faculdade ou arte de adivinhar por meio de remédios naturais; arte de consultar os espíritos dos mortos, dos gênios e dos deuses; arte de induzir esses espíritos a influenciar os homens; força curativa dos espíritos; objetos materiais ou fetiches que estabeleceriam o contato entre os espíritos e o mundo físico...”

Alguns conceitos construídos posteriormente foram dados ao vocábulo “umbanda” de acordo com os pressupostos ideológicos de cada grupo que experimentava o contato com o mundo do além, através das suas ritualísticas, doutrinas e liturgias, como foi o caso da revelação do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” que disse que “Umbanda é a Manifestação do Espírito para a Caridade”. O Primeiro Congresso Umbandista de 1941 concluiu que a palavra “umbanda” era derivada da expressão sânscrita: “AUM + BHANDÃ”, de origem hindu, “OM-BAN-DÃ”, dos

“upanishads”, significando “Conjunto das Leis de Deus”. Sendo estas as principais reinterpretações do termo originado do dialeto bantu kimbundo de Angola.

18

Retomando a proposta inicial, a intenção do meu exercício de investigação histórica foi em analisar o advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” na construção da identidade umbandista, compreendendo o dimensionamento da trajetória de Zelio de Moraes, a partir do seu envolvimento com a manifestação de uma entidade que vinha trazer uma nova religião, manifestando o espírito para a caridade, orientando, aconselhando, curando, dando lenitivo aos vários problemas de ordem moral, emocional, física e mental no nosso planeta considerado de “provas e expiações”, estando o homem em busca constante de sua evolução espiritual (21). Como mencionado anteriormente, a força da sua revelação se reverte em uma referência no processo de consolidação do movimento umbandista em terras brasileiras. Tendo em vista estas evidências foi divulgado um relato dos principais acontecimentos ocorridos durante os primeiros anos do século XX, na cidade de São Gonçalo e Niterói, estado do Rio de Janeiro. Neste famoso relato, onde vislumbramos a rememoração dos principais acontecimentos que culminaram com a institucionalização de um novo culto (22), verificamos nos depoimentos do próprio Zélio de Moraes, os principais desdobramentos deste evento, fundando a Tenda Nossa Senhora da Piedade, as demais Sete Tendências consecutivamente, culminando com a criação da Federação Espírita de Umbanda no ano de 1939.

A partir deste relato e das suas repercussões, temos um instigante material a ser investigado, analisado e compreendido, na reelaboração e sistematização das diversas documentações escritas, orais e visuais, focando a trajetória de Zélio e suas implicações que nortearam a simbolização de um marco oficial e fundador daquela que seria denominada de “Religião Brasileira”, através dos amálgamas religiosos e culturais sincretizados em sua doutrina, prática e ritualística. Algumas fontes primárias, representadas pelos registros em cartório, depoimentos orais de memória dos antigos umbandistas que vivenciaram este processo, como também os regimentos internos das tendas fundadas, os relatórios dos congressos umbandistas realizados, representaram uma importante contribuição de análise histórica a ser rememorada e compreendida, além das fontes secundárias através das diversas obras acadêmicas e doutrinárias que servem de base a uma análise mais aprofundada deste período em análise, aludindo aos desdobramentos do movimento umbandista posteriores à 1945. Partindo destes pressupostos teóricos e metodológicos, envolvendo Memória e História, seguindo a determinação da

periodização em análise, foi delineado o meu exercício de investigação histórica pertinente a temática selecionada.

19

Alguns estudiosos das chamadas ciências humanas se interessaram nesta temática, principalmente etnólogos, sociólogos, antropólogos e historiadores comprometidos com a compreensão da história das religiões, dos grupos sociais, das mentalidades e dos aspectos culturais subjacentes às mais variadas religiosidades manifestadas em território brasileiro. Podemos citar os trabalhos da antropóloga americana Diana Brown, que desenvolveu sua tese de doutorado envolvendo os aspectos da gênese do movimento umbandista no Rio de Janeiro, escrevendo vários artigos, “Uma História da Umbanda no Rio”, durante a década de 70. Seus trabalhos são considerados como uma importante referência acadêmica com relação à História da Umbanda, realiza no final da década de 60, algumas entrevistas com Zélio de Moraes, percebendo coerência com as informações veiculadas pelo relato de referência amplamente divulgado, ainda reconhecendo que os centros fundados pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas” se identificavam como umbandistas, autenticando os depoimentos dados. Renato Ortiz em sua tese sociológica intitulada “A Morte Branca do Feiticeiro Negro”, discorrendo sobre a Umbanda e a sociedade brasileira, analisa as relações entre cultura e classes sociais no Brasil, onde o escravo recém-liberto se apropria das tradições cristianizadas. Na emergência do culto umbandista, este fenômeno social é analisado como um resultado de desafricanização e embranquecimento das ritualísticas remanescentes dos cultos africanistas e ameríndios, podendo ser legitimados em um ambiente elitizado pelos valores civilizatórios europeus. Da mesma forma um empretecimento dos pressupostos kardecistas, se considerar a Umbanda como uma vertente de um “espiritismo à brasileira”. O historiador Carlos Eugênio Líbano investiga as origens do culto umbandista, descrevendo e divulgando o relato oficial do advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” e a trajetória de Zélio de Moraes (23).

De acordo com Emerson Giumbelli, sociólogo, autor de uma tese analisando a condenação e legitimação do espiritismo no Brasil (24), afirma em um interessante artigo presente em uma coletânea analisando algumas personalidades presentes na memória afro-brasileira, organizada pelo Prof. Vagner Gonçalves da Silva (25), que *“as trajetórias como a de Zélio de Moraes representariam um campo imprescindível para as problematizações e interpretações”*, principalmente no que tange a região sudeste, Rio de Janeiro, e a enorme influência do

kardecismo nos moldes preconizados no processo de institucionalização do culto umbandista a partir de 1908.

Roger Batisde, sociólogo francês, em seu livro “As Religiões Africanas no Brasil”, publicado em 1960, se dedica a analisar o culto umbandista, o tratando como uma religião

20

advinda das macumbas cariocas, com proposições autonomistas pelos seus mecanismos de institucionalização e legitimação. De acordo com este autor, a Umbanda corresponderia a um novo sistema religioso em face da desagregação do negro na razão direta das inadequadas condições sociais presentes na sociedade brasileira. Este novo culto manteria uma relação ambígua com as heranças africanas, na análise de Giumbelli. Busca compreender o culto umbandista em um movimento de reconhecimento e valorização, quanto no estabelecimento de uma certa distância dos elementos culturais reconhecidos como africanos.

O antropólogo Vagner Gonçalves da Silva, irá contribuir com uma coleção intitulada “As Religiões na História”, realizando uma investigação das contribuições dos cultos afro-brasileiros, como o candomblé e a umbanda, na compreensão das práticas religiosas com relação aos comportamentos do cotidiano do povo brasileiro, analisando o processo histórico de engendramento do culto umbandista (26). O sociólogo Lísias Nogueira Negrão, da USP, defende uma tese intitulada “Entre a Cruz e a Encruzilhada” (27), considerando a Umbanda como um culto ainda em construção da sua identidade, bastante complexo e contraditório, oscilando aos apelos da moralidade cristã, representada pela cruz, e a fidelidade às suas origens, simbolizada pela encruzilhada, ou aos elementos africanistas e/ou ameríndios, presentes na memória dos seus descendentes. Realiza um estudo investigativo dos processos de institucionalização e legitimação, focando o dimensionamento do culto umbandista em São Paulo, aludindo a relação entre as federações umbandistas e suas diretrizes doutrinárias frente às reinterpretações das várias vertentes das religiosidades vislumbradas.

Recentemente, temos como referência uma importante reflexão acadêmica do Prof. José Henrique Motta de Oliveira, historiador e jornalista, que defendeu, em 2007, a sua dissertação de mestrado no curso de Pós-Graduação em História Comparada na UFRJ, investigando a construção de uma religião brasileira, entre a macumba e o espiritismo, se aprofundando no período do Estado Novo, onde a Umbanda acelera o seu processo de legitimação frente às perseguições religiosas e políticas aos cultos afro-brasileiros (28).

Na estruturação teórica e metodológica deste exercício de investigação histórica, realizei um levantamento bibliográfico acerca da temática evidenciada, verificando um mapeamento das

várias obras doutrinárias, literárias e acadêmicas pertinentes. Vislumbrei uma quantidade de artigos, livros, monografias, teses, periódicos, que interpretavam o fenômeno umbandista na sociedade brasileira.

21

Mantive um dinâmico contato com a Congregação Espírita Umbandista do Brasil (CEUB), através da Sra. Fátima Damas, que me direcionou à União Espiritista de Umbanda do Brasil (UEUB), sendo recepcionado pelo Sr. Pedro Miranda. Em Boca do Mato, distrito de Cachoeiras de Macacu, RJ, tive o contato com a Cabana de Pai Antônio, onde está funcionando atualmente a Tenda N.Sa. da Piedade, fundada em 16 de novembro de 1908, entrevistando a Sra. Zilméia de Moraes, filha de Zélio, e de sua neta Lygia Cunha. Através da sua diretoria social, por intermédio do Sr. Carlão, tive a oportunidade de ter acesso a importantes registros escritos que remeteram a uma memória documentada dos principais aspectos do advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, veiculando depoimentos do próprio Sr. Zélio Fernandino de Moraes, organizados pela Sra. Lília Ribeiro (in memoriam). Contando com o apoio de diversos depoimentos de alguns líderes umbandistas de Rio de Janeiro e São Paulo, através de um questionário de pesquisa, tive a possibilidade de verificar a importância do advento do “caboclo” na construção da identidade umbandista.

A construção deste trabalho monográfico se embasa na perspectiva de reelaboração da memória dos principais aspectos históricos que compreendem a análise do processo de institucionalização e legitimação do culto umbandista, envolvendo a trajetória de Zélio de Moraes, o advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” e os desdobramentos dimensionados, sendo refletida uma referência de identidade e pertencimento a uma determinada comunidade religiosa. Com isto, os fatos, acontecimentos e narrativas registrados em documentações, relatórios, regimentos, livros, artigos, foram de suma importância neste processo de reelaboração e exercício de investigação histórica. Os aspectos da mística religiosa vivenciados na Tenda N.Sa. da Piedade, as expressões artísticas, como uma pintura retratando o caboclo fundador do culto umbandista, através do vidente Jurandyr, em 1949, figurando um indígena de caráter tupi-guarani, sendo representado próximo a bandeira nacional, remete a uma referência de religião nacional. Algumas fotografias comprovam a liderança de Zélio de Moraes na direção dos trabalhos realizados nas diversas tendas que foram fundadas a partir da Tenda N.Sa. da Piedade.

De acordo com o pesquisador Jorge Eduardo Aceves Lozano, em seu artigo: “Prática e Estilos de Pesquisa na História Oral Contemporânea” (29), há várias modalidades de percepção

dos fatos, acontecimentos e realidades dos indivíduos, não muito divulgados pela História Oficial, tornando-se pertinente, desde que determinada pesquisa seja realizada com acuidade, análise, interpretação, utilizando técnicas de captação de uma memória social e histórica na relação direta com os objetivos propostos.

22

A partir destas investigações pode-se esclarecer trajetórias pessoais, eventos, processos históricos, através dos depoimentos das pessoas envolvidas, fazendo relações entre escrita e oralidade, memória e história, recriando determinado acontecimento, ordenando os trabalhos, fazendo uma interdependência entre prática, metodologia e na própria relação teórica com a produção do conhecimento histórico.

Com base nas reflexões teóricas envolvendo a relação entre a Memória e a História, tendo como referência os estudos de Jacques Le Goff ⁽³⁰⁾, a partir de uma análise criteriosa e sistemática das fontes primárias e secundárias, verificando nos relatos escritos e orais pertinentes as evidências históricas rememoradas, nortearam a minha metodologia do exercício de investigação histórica. Dentre as fontes primárias, foram analisados alguns artigos do Jornal de Umbanda entre os anos de 1950 e 1960, publicações do jornalista Leal de Souza nos anos de 1920 e 1930, e como mencionado anteriormente, registros das tendas umbandistas em cartório, regimentos internos, as análises documentadas do Primeiro Congresso de Umbanda no ano de 1941, depoimentos registrados do próprio Zélio de Moraes, como as impressões dos líderes umbandistas da atualidade. A realização de uma articulação com as fontes secundárias foi de suma importância na confrontação dos estudos já realizados acerca desta problemática envolvendo a construção de um novo culto ou na consideração do surgimento de uma “Religião Brasileira” identificada com as características da alma devocional brasileira, percebendo a importância dada a um evento fundador na compreensão do mito de origem simbolizado pela mensagem do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” que diz: *“A Umbanda é a Manifestação do Espírito para a Caridade”*.

De acordo com a Profa. Marieta de Moraes Ferreira ⁽³¹⁾, *“O papel do historiador é ter uma visão crítica das várias memórias, analisando, procurando sempre trabalhar com vários pontos de vista, versões, e produzir, naturalmente, uma interpretação a partir deste confronto de pontos de vista, de documentos, de fontes”*. Consciente de que os aspectos que envolvem a reelaboração de uma determinada Memória estão diretamente correlacionados aos sentimentos e emoções que são exaltados na elaboração de uma determinada História ⁽³¹⁾, com referência a determinado grupo, instituição ou nação, criteriosamente selecionada, procurei seguir as

determinações acadêmicas no estabelecimento de uma reflexão, pretendendo construir um conhecimento racionalizado, através dos procedimentos e métodos adequados, criticamente analisados, apresentando este exercício de investigação histórica na compreensão do advento do “caboclo” na construção da identidade umbandista.

Notas Explicativas da Introdução:

(1)=Considerando este termo com relação a crença na existência de uma ou mais forças sobrenaturais, divinizadas pelos homens, que se manifestam através de uma determinada ritualística, doutrina e liturgia, fomentando uma religião com o aspecto divino, inerente ao ser humano, supostamente renegado, negligenciado ou mal direcionado pelo livre arbítrio em épocas remotas. Busca-se a reelaboração das posturas, ações e pensamentos, almejando, em processo gradativo, a evolução da alma humana para uma melhor qualidade de vida no planeta Terra.

(2)=Processo histórico analisado por diversos estudiosos envolvendo a formação das religiosidades que se encontraram em terras brasileiras, envolvendo as incorporações, assimilações, sincretismos, reelaborações de crenças, valores e liturgias em uma perspectiva de bricolagem e síntese estrategicamente negociadas e assumidas.

(3)=A matriz bantu, na sua grande maioria, era formada pelas etnias do Congo e de Angola, sendo denominadas respectivamente de congo, muxicongo, loango, cabinda, mojolo e massangana, cassange, loanda, rebolo, cabundá, quissamã, embaca, benguela.

(4)= Souza, Laura de Mello e. “Sabbats e Calundus” in “O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial”. São Paulo: Cia das Letras, 1986. p.375.

(5)=Id., p.378.

(6)=Vainfas, Ronaldo. “O Batismo às Avestas” in “A Heresia dos Índios: Catolicismo e Rebeldia no Brasil Colonial”. São Paulo: Cia das Letras, 1995. p.121.

(7)= Vainfas, Ronaldo e Souza, Juliana Beatriz de. “Brasil de Todos os Santos”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.17.

(8)=Id., p.18.

(9)=Pesquisadora do Setor de Pesquisa de História da Fundação Casa de Rui Barbosa e autora de “Da Elite ao Povo: Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro”, editado pela Bertrand, em 1994.

(10)=Damazio, Sylvia F. “Um Pouco da História do Espiritismo no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994. p.3.

(11)=Espiritismo é um termo concebido por Alan Kardec significando uma doutrina que desenvolve a crença na existência e na manifestação dos espíritos (seres humanos desencarnados). Espiritualismo seria um termo oposto ao materialismo. Define Kardec que *“Todo o espírita é necessariamente espiritualista, mas nem todos os espiritualistas são espíritos”*. Id., p.18.

(12)=Id., p.5.

(13)=Coletânea de inúmeras reportagens do inquérito do Jornal “A Noite”, publicado em 1925, onde o jornalista Leal de Souza, descreve as mais diversas manifestações da fenomenologia espírita que ocorriam na Cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Visitou algumas macumbas, núcleos familiares, centros espíritas, federações, tendas umbandistas.

(14)=Vide o Capítulo II deste exercício de investigação histórica acerca das estratégias de legitimação do culto umbandista.

(15)=Damazio, Sylvia F. “Um Pouco da História do Espiritismo no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994. p.12.

(16)=Ramos, Arthur. “As Culturas Bantus no Brasil” in “As Culturas Negras”. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante do Brasil. Volume II (Introdução à Antropologia Brasileira). p.188.

24

(17)=Id, pp.185-187.

(18)=Trindade, Diamantino F. “O Caboclo Curuguçu e o Surgimento do Movimento Umbandista” in “Umbanda e sua História”. São Paulo: Ícone, 1991. p.54.

(19)=Entrevista com Leal de Souza publicada no “Jornal de Umbanda” de outubro de 1952, intitulada “Umbanda- Uma Religião Típica do Brasil”.

(20)=Definição elaborada segundo o pesquisador Heli Chatelain no livro “Folk-Tales of Angola” de 1894.

(21)=Aspecto doutrinário preconizado pelo espiritismo e assimilado pelo culto umbandista.

(22)=Vide a narrativa rememorada do relato do advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através de Zélio de Moraes no Capítulo I deste exercício de investigação histórica.

(23)=Libano, Carlos Eugênio. “Umbanda-Religião Brasileira”. Reflexões quanto a origem, o culto e a religião. Rio de Janeiro: Centro Cultural Casa Branca, 2000.

(24)=Giumbelli, Emerson. “O Cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo”. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

(25)=Giumbelli, Emerson. “Zélio de Moraes e as Origens da Umbanda no Rio de Janeiro” in “Caminhos da Alma: Memória Afro-Brasileira / (organizador) Vagner Gonçalves da Silva. São Paulo: Summus, 2002.

(26)=Silva, Vagner Gonçalves da. “Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira”. São Paulo: Ática, 1994 .

(27)=Versão da Tese de Livre-Docência, intitulada “Umbanda e Questão Moral”, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP por Lísias Nogueira Negrão. Sendo professor associado do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP e diretor do Centro de Estudos da Religião Duglas Teixeira Monteiro.

(28)= “Entre a Macumba e o Espiritismo: Uma Análise Comparativa das Estratégias de Legitimação da Umbanda durante o Estado Novo”, dissertação de mestrado defendida pelo Prof. José Henrique Motta de Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, em março de 2007.

(29)=Lozano, Jorge Eduardo Aceves. “Prática e Estilos de Pesquisa na História Oral Contemporânea” in “Usos e Abusos da História Oral” / Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. 5ª. edição. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

(30)=Le Goff, Jacques. “História e Memória”. Tradução Bernardo Leitão. 4ª. edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

(31)=Ferreira, Marieta de Moraes. “O Ensino de História: Entre a Deficiência e a Excelência” in Caderno de Educação da Folha Dirigida, Jan/2008.

CAPÍTULO I:

“O Advento do Caboclo e a Proposição do Culto Umbandista”:

Com a seguinte afirmativa (1): “*Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade*”, demarcando o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, no dia 15 de novembro de 1908, iniciará a trajetória de Zélio Fernandino de Moraes, diretamente ligada ao processo de legitimação e institucionalização do culto umbandista, bastante significativa na construção de uma identidade contemporânea de referência nacional, que irá considerar a Umbanda como uma religião brasileira, legitimada através dos elementos socioculturais rememorados, que constituem a reelaboração da sua própria História.

De uma tradicional família católica das Neves, município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, nasce no dia 10 de abril de 1891, Zélio Fernandino de Moraes, filho de Joaquim Fernandino Costa e Leonor de Moraes. Aos dezessete anos de idade, se preparando para servir as Forças Armadas, através da Marinha, ocorrem alguns sintomas anormais influenciando a personalidade do jovem rapaz, em dado momento inicia-se através de sua fala, um discurso com mansidão, semelhante a de um ancião bastante idoso, em outros se comportava, inesperadamente, como se fosse um lépido felino. Temendo estar acontecendo um distúrbio mental, seus pais o encaminham ao seu tio, Dr. Epaminondas de Moraes, médico psiquiatra, dirigente do Hospício da Vargem Grande. Sendo observado durante alguns dias, não foi constatado nenhum sintoma suspeito de loucura, de acordo com os anais psiquiátricos da época. Com isto, é sugerido que Zélio fosse direcionado a um padre católico, a fim de que fosse realizado um ritual de exorcismo, pois foi suspeitado que estivesse possuído pelo demônio. Um padre da família foi procurado, realizou o ritual pertinente, não conseguindo nenhum resultado efetivo capaz de sanar àquelas anormalidades. Passado algum tempo, Zélio foi acometido por uma estranha paralisia, de acordo com os relatos analisados, incluindo o da sua filha legítima, Sra. Zilméia de Moraes, atualmente aos 93 anos, dona de uma memória invejável, por assim dizer. Esta paralisia mencionada não foi explicada pelos médicos, ainda ficando surpreendidos com a sua recuperação, pois de maneira inesperada, Zélio ergue-se do seu leito e declara: “*Amanhã estarei curado*”.

Na manhã mencionada começa a andar normalmente. Preocupada com o ocorrido, sua mãe, Sra. Leonor de Moraes, procura uma curandeira denominada Cândida, pessoa muito conhecida daquela comunidade pelas suas rezas, mezinhas e supostas curas, diziam que recebia um espírito de um preto-velho chamado “Tio Antônio”.

26

A entidade mencionada observando o jovem rapaz, através dos seus rituais curativos, percebe que Zélio possui o dom da mediunidade (2), tão propalada na época, devendo desenvolvê-la e praticar a caridade. Seu pai, Sr. Joaquim Fernandino da Costa, gostava muito de ler e estudando a obra de Allan Kardec (3), é sugerido por um amigo que seu filho fosse levado a Federação Espírita de Niterói (4), pois era presumido que àqueles fenômenos estariam ligados a manifestações de entidades sobrenaturais (5). Neste momento irá se iniciar um relato de referência à construção da identidade umbandista, quando através de Zélio Fernandino de Moraes, irá se manifestar o “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, trazendo a mensagem da manifestação do espírito para a caridade, o foco de trabalho do ritual, devoção, religiosidade, liturgia, daquela que foi denominada Religião de Umbanda, com uma contundente proposta intitucionalizadora:

“...Vim para criar uma nova religião, baseada no evangelho de Jesus e que terá como seu maior mentor o Cristo...”.

No dia 15 de novembro de 1908, Zélio é direcionado à Federação Espírita de Niterói, cujo presidente, José de Souza (6), o convida a participar de uma reunião espírita. Determina que o rapaz ocupe um lugar à mesa branca (7). Neste momento, tomado por uma força sobrenatural, fora do comum, contrariando as normas e procedimentos do regimento interno, que limitava o afastamento de qualquer componente da mesa, Zélio levanta-se e diz: *“Aqui está faltando uma flor”*; saindo da sala em direção ao jardim, retornou logo após com uma flor, colocando-a na mesa branca. De acordo com o relato rememorado, esta atitude causou um sério constrangimento os participantes da sessão espírita. Com o restabelecimento da concentração da corrente mediúnica, manifestaram-se espíritos de diversas naturezas, com características de antigos anciãos africanos, que foram escravos, como também de vertentes étnicas de indígenas brasileiros, que com severidade doutrinária, bem comum nas mesas kardecistas, imediatamente foram convidados a se retirarem, pelo modo de se manifestarem, fora dos padrões de comportamento exigidos, tratados com advertência, sendo considerados atrasados espiritualmente, pertinente à mentalidade espírita em evidência na sociedade carioca e fluminense, neste início do século XX. Então, o jovem Zélio, reagiu com altivez, como ele bem

relatou, sem ter conhecimento do que dizia, ia pronunciando as palavras, que articuladas, transmitiam um discurso argumentativo, levando os dirigentes da federação a refletirem os motivos de julgarem a comunicação inadequada e considerar àqueles espíritos atrasados, simplesmente pelas condições étnicas, de classe social e comportamentos sócio culturais revelados, supostamente quando eram vivos, dizia ele:

27

“Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na morte, os grandes niveladores universais, ricos ou pobres, poderosos ou humildes, todos se tornariam iguais na morte, mas vocês, homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Porque não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se apesar de não terem sido pessoas socialmente importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do além?”.

A partir deste episódio surgiu um inflamado diálogo entre o espírito desconhecido, através de Zélio, e os dirigentes espíritas, que procuravam doutrinar àquela entidade. Neste ínterim, uma médium vidente, se dirige severamente ao referido espírito, dizendo que apesar das argumentações de defesa das manifestações daquelas entidades, ditas atrasadas, estava se vislumbrando nele próprio, uma aura de luz, remetendo por uma veste branca, bem característica, o perfil de um antigo jesuíta (8), quando a entidade responde:

“O que você vê em mim, são restos de uma existência anterior. Fui padre e o meu nome era Gabriel Malagrida. Acusado de bruxaria fui sacrificado na fogueira da Inquisição em Lisboa, no ano de 1761. Mas em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como caboclo brasileiro”.

Logo em seguida, solicita-se o nome da entidade, que oportunamente disse ser o “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, não havendo caminhos fechados à uma importante missão que deveria ser estabelecida, a inicialização de um culto, onde todos os espíritos dos pretos e dos indígenas poderiam se manifestar livremente, trazendo uma mensagem peculiar, cumprindo objetivos pré-determinados que um “Plano Espiritual” lhe confiou.

Afirmou ainda, que seria uma religião que falaria aos pobres, humildes, doentes, necessitados do corpo e da alma, que simbolizava a igualdade entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. Foi indagado se alguém iria assistir o culto a ser estabelecido, onde o “caboclo”, pela voz de Zélio, confirmou que :

“Cada colina de Niterói atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã iniciarei”.

De acordo com a Sra. Lília Ribeiro, falecida, que foi diretora de culto da Tenda de Umbanda, Luz, Esperança, Fraternidade-TULEF, e do Boletim Macaia, veículo de informações

umbandistas que circulou durante muito tempo, coletando e coordenando as articulações dos principais aspectos, detalhes e informações deste relato de referência, reelabora a fala do próprio Zélio de Moraes, com 83 anos, em Cachoeiras de Macacu (Boca do Mato), rememorando os fatos ocorridos no dia 16 de novembro de 1908:

28

“Minha família estava apavorada. Eu mesmo não sabia explicar o que se passava comigo. Surpreendia-me haver dialogado com aqueles austeros senhores de cabeça branca, em volta de uma mesa onde se praticava um trabalho para mim desconhecido. Como poderia, aos 17 anos, organizar um culto? No entanto, eu mesmo falara sem saber o que dizia e porque dizia. Era uma sensação estranha; uma força superior que me impelia a fazer e a dizer o que nem sequer se passava pelo meu pensamento. E no dia seguinte em casa de minha família, na Rua Floriano Peixoto, no.30, em Neves, São Gonçalo, ao se aproximar a hora marcada, às 20 horas, já se reuniam os membros da Federação Espírita, seguramente para comprovar a veracidade do que fora declarado na véspera; os parentes mais chegados, amigos, vizinhos e do lado de fora um grande número de desconhecidos. Às 20 horas, o “Caboclo” manifestou-se”.

A partir de uma contundente declaração do “Caboclo” através de Zélio de Moraes, iniciava um novo culto em que os espíritos dos ancestrais africanos, ex-escravos, como também os indígenas brasileiros, abarcando a todas as almas afins que estivessem aptas a trabalharem em prol dos irmãos encarnados, de pluralidades diversas, sejam de caráter étnicos, religiosos e sócio culturais. Onde a “manifestação do espírito para a caridade”, através de um direcionamento de amor fraterno, seria a principal característica deste culto, embasada no evangelho de Jesus Cristo, considerado o Mestre Supremo (9).

É mister salientar, que de acordo com este novo culto, iria-se trazer uma nova proposta regeneradora com relação aos chamados remanescentes das “seitas negras” (10), que estavam sendo consideradas uma deturpação, pois estariam ligadas aos chamados rituais de feitiçaria, encomendas de trabalhos de magia negra, macumbarias, no senso comum, onde na maior parte dos casos, usavam determinados mecanismos mágicos, goécia, vodus, no intuito de prejudicarem algum incauto. O “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através de Zélio, estabelece as normas e procedimentos litúrgicos e ritualísticos deste novo culto. Seriam denominadas sessões os períodos dos trabalhos com as entidades espirituais, diariamente, das 20 às 22 horas; estando os médiuns de maneira uniforme com vestuários de cor branca, atendendo a “clientela” gratuitamente. Este novo movimento religioso que se iniciava, foi primeiramente denominado de Allabanda, não sendo considerado de boa vibração, havendo uma imediata substituição por

Aumbanda, se pronunciando definitivamente a palavra UMBANDA, que se dizia ser uma palavra de origem sânscrita, onde se traduz por *“Deus ao nosso lado ou ao lado de Deus”*, de acordo com Zélio de Moraes.

O templo então fundado, recebeu o nome de “Nossa Senhora da Piedade”, *“porque assim como Maria acolhe o filho nos braços, também seriam acolhidos como filhos, todos que*

29

necessitassem de ajuda ou de conforto”, sendo assim confirmado o objetivo dos trabalhos espirituais a serem desenvolvidos através das diretrizes do “Caboclo”.

Quando foi relatado o ritual preconizado pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, por intermédio de Zélio de Moraes, são percebidas algumas reelaborações das tradições religiosas afro-brasileiras, consideradas exageros, supérfluos, como nos remete a sua própria fala:

“O caboclo das Sete Encruzilhadas nunca determinou o sacrifício de aves e animais, quer para homenagear entidades, quer para fortificar a minha mediunidade”.

Nos rituais estabelecidos pelo “Caboclo”, não deveriam ser utilizados atabaques, palmas ritmadas, apenas os cânticos entoados com firmeza, no intuito de incorporar as entidades espirituais e para manutenção da corrente vibratória de pensamentos. Demais adornos, espadas, capacetes, escudos, vestimentas multicores, rendas, lamês, que eram considerados adereços fomentadores da vaidade dos chamados “aparelhos”, determinados indivíduos que iriam incorporar os guias do astral, não estavam de acordo com as orientações que iriam ser aceitas nos templos que seguiriam o ritual que a entidade preconizou. O vestuário seria branco, confeccionado a partir de um tecido modesto. O uso de colares ritualísticos, chamados de guias, seriam determinados pelas entidades que iriam se manifestar. É deixado claramente que não é a quantidade das guias que daria força ao médium, indivíduo que tinha a possibilidade de receber as entidades da aruanda ⁽¹¹⁾, como bem relatou em uma entrevista à jornalista Lilia Ribeiro da Revista “Gira de Umbanda” no ano de 1972:

“A guia deve ser feita de acordo com os protetores que se manifestam. Para o preto-velho deve-se usar a guia de preto-velho, para o caboclo a guia correspondente ao caboclo. É o bastante. Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço”.

Os principais elementos de preparação mediúnica seriam os banhos de ervas, os amacis ⁽¹²⁾, as concentrações nos ambientes da natureza: Praias, florestas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, jardins, etc. O aspecto doutrinário seria embasado no evangelho de Jesus o Cristo, sendo bastante severos os testes que iriam considerar aptos os indivíduos que deveriam cumprir a missão de manifestar o espírito para a caridade, a mediunidade na Umbanda.

De acordo com José Álvares Pessoa, em um artigo publicado no suplemento espiritualista de “O Semanário”, em 1957, é colocada uma definição bastante interessante da missão do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”:

“A tarefa que sobre os seus ombros tomou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, através de Zélio Fernandino de Moraes, seria organizar a Lei de Umbanda no Brasil, sendo considerado um verdadeiro milagre de fé, nos levando a um sentimento de profundo respeito por essa entidade

30

que se faz pequenina e procura velar-se sob a capa de uma humildade perfeita. É a ele que se deve a purificação dos trabalhos nos terreiros. Não veio destruir o ritual e sim dar-lhe força e método, manter sua pureza e propaga-lo com a sua organização maravilhosa. O que nós todos lhe devemos é inestimável; jamais poderemos retribuir os benefícios espalhados por ele e pelos espíritos que ocorreram ao seu chamado. Este espírito de luz, cuja fé é um incentivo para os novos espíritos cheios de indecisões, fracos no cumprimento do dever, rebeldes quando não são vistos satisfeitos os seus desejos, esse espírito de luz bem merece ser enaltecido por todos os filhos de fé, que se sentem felizes no ambiente humilde de Umbanda e que nem de leve suspeitam do seu valor. Ele não é um entre muitos; é o primeiro entre todos, porque foi comissionado para o estabelecimento da Lei, a purificação dos rituais, verdadeiro Pastor de Umbanda, cuja obra, que um dia será gigantesca, se espalhará pelos confins deste mundo, porque a fé que é o seu alicerce, a sustentará pelos séculos afora”.

Sendo assim, fica bem caracterizada a essência do propósito do “Caboclo” quando ditou as bases deste novo culto, considerado por ele, fundado em 15 de novembro de 1908.

Quando foi fundada a “Casa de Trabalhos Espirituais”, denominada Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, no dia 16 de novembro de 1908, o “Caboclo”, de acordo com o relato, respondeu em latim e em alemão algumas questões teológicas direcionadas por alguns representantes das instituições kardecistas presentes, como forma de autenticar o fenômeno prenunciado anteriormente, ainda curando enfermos, fazendo andar aleijados, passando os trabalhos espirituais a uma segunda entidade que iria se manifestar, dizendo ser um Preto-Velho, Pai Antônio, que tinha a missão de complementar as curas efetuadas anteriormente.

Nos dias posteriores ocorreram verdadeiras romarias à Rua Floriano Peixoto. Paralíticos, doentes, cegos, chegavam em busca de cura para os seus mais diversos males físicos, mentais e emocionais. Muitos foram considerados médiuns, pois a manifestação dos espíritos, em muitos casos, era considerada loucura, dando provas de excepcionais qualidades mediúnicas, deixando os sanatórios. Tudo isto remetido pelo célebre relato de Zélio Fernandino de Moraes, aqui sendo reelaborado.

Este Preto-Velho mencionado, quando se manifestou, recusou-se a sentar-se junto com os presentes à mesa, proferindo as seguintes palavras:

“Nego num senta não meu sinhô, nego fica aqui mesmo. Isso é coisa de sinhô branco e nego deve arrespeitá. ...Não carece preocupa não. Nego fica no toco que é lugar di nego. ...Cadê minha cachimba, nego qué o pito que deixou no toco. Manda mureque busca”.

31

Em estado de perplexidade, os presentes constataram que estava sendo exigido alguns elementos de trabalho que embasariam os procedimentos ritualísticos desta nova religião. Também foi solicitada uma guia, que até os dias de hoje é utilizada pelos membros da Tenda Nossa Senhora da Piedade e de maneira afetuosa denominada de “Guia de Pai Antônio”. Posteriormente, a partir de 1913, ocorreu a manifestação de um espírito malaio, denominado “Orixá Male”, através de Zélio, que se responsabilizava em desmanchar os trabalhos da chamada magia negra, sendo bastante sábio na destruição das vibrações maléficas, denotando profundo conhecimento magístico do ocultismo (13), de forte personalidade e agitado quando percebia alguma demanda.

Algumas testemunhas nos contam que os médicos dos sanatórios de doenças consideradas mentais, como o de Jurujuba, em Niterói, enviavam uma relação de doentes e a entidade, possivelmente o “Orixá Male”, incorporado em Zélio, indicava os que efetivamente eram portadores de perturbações psíquicas e áqueles que eram qualificados como obsedados pelos malefícios da baixa magia, tendo a possibilidade de cura imediata, através dos procedimentos ritualísticos preconizados pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas”:

“Estes, eu posso curar, podem se direcionar á residência do meu aparelho. Os outros são realmente enfermos mentais, então a cura compete a medicina vigente”.

Conta a Sra.Zilméia de Moraes, em várias entrevistas, que ela e sua irmã Zélia, cediam os seus dormitórios para o devido acolhimento daquelas pessoas consideradas obsedadas, isto é, doentes espirituais. Existia uma enorme empatia com referência a prática dos trabalhos, das curas e desobsessões, sendo estudada a parte teórica e doutrinária através de reuniões semanais.

A doutrina do culto umbandista, ministrada pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, chamado de “O Chefe”, era refletida semanalmente, todas às quintas-feiras, na própria residência de Zélio de Moraes. Nestas aulas eram explicitados os mais variados conceitos de fraternidade, humildade, lembrando as principais passagens do evangelho de Jesus, tendo aconselhamentos acerca dos procedimentos nas relações do cotidiano, prevenções ligadas á uma vida saudável, e das regras de atendimento pertinentes:

“Daí de graça o que de graça recebeste! São três os perigos que ameaçam o médium: a vaidade, a consulente mulher para o médium homem e vice-versa; e o dinheiro, a vil moeda que leva o homem a perder o carácter, e o médium que mercantilizar a sua missão e faltar aos compromissos com o mundo superior”.

32

Não se direcionando à carreira militar, Zélio, trabalhava para sustentar à família, contribuindo financeiramente na manutenção dos templos fundados pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas”. Existia uma clientela bastante variada interessada no atendimento da entidade, onde era solicitado, principalmente, a cura aos enfermos, da alma e da matéria, como: políticos, ministros, industriais, comerciantes, militares, profissionais liberais, jornalistas, advogados, donas de casa, estudantes, etc. Muitos destes gostariam de retribuir os benefícios alcançados, ora oferecendo “cheques vultosos”, como também através de presentes diversos, sempre ordenando o “Caboclo”: *“Não os aceite; devolva-os”*.

E o próprio Zélio, em 1974, ainda lembrava:

“Nunca recebi um centavo pelas curas praticadas pelos guias. O caboclo abominava a retribuição monetária ao trabalho mediúnico. Não há ninguém que possa dizer, no decorrer destes 66 anos, que retribuiu uma cura, e foram aos milhares, com dinheiro. Retribuíam, isto sim, com a sua fé, ajudando o trabalho do Caboclo e de Pai Antônio, como cambonos, ou assumindo a direção material dos templos fundados, ou participando da corrente mediúnica, quando tinham condições para isso. Cito alguns nomes importantes, como: o Sr. Júlio Viana, médium excepcional, de transporte e de incorporação; o Deputado José Meireles, que se tornou presidente da Tenda São Pedro; o Advogado Belarmino Tati, o seu cambono, na época major, hoje general; Alfredo Marinho Ravasco, o General Aristóteles Santos, João Bustamante de Sá, José Albino Coelho, Alfredo Rego, Olívio Novaes; O Sr. Leal de Souza, jornalista que publicou uma série de reportagens sobre a Tenda Nossa Senhora da Piedade e foi, durante muitos anos, presidente da Tenda Nossa Senhora da Conceição; João Salgado, da Tenda Santa Bárbara; José Mendes, da Tenda São Pedro; Paulo Lavois, da Tenda de Oxalá; José Pessoa, da Tenda São Jerônimo, que posteriormente, contou com a colaboração de Floriano Manoel da Fonseca, figura que se tornou verdadeiramente um patrimônio moral da Umbanda, pela atividade que desenvolve há 51 anos, graças a uma conduta exemplar e à firmeza de suas convicções.

Com isto, Zélio demonstra a dimensão da proposição do culto umbandista, em um processo de institucionalização e a propagação da chamada “Religião Brasileira” (14), pressupondo uma aceitabilidade legitimada pela participação de várias camadas da sociedade carioca e fluminense.

A TENDA NOSSA SENHORA DA PIEDADE:

Então, como mencionado anteriormente, a partir de 16 de novembro de 1908, inicia-se os trabalhos ritualísticos da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, sob a direção espiritual do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, através do jovem médium Zélio de Moraes, com a autorização da família, na supervisão direta do Sr. Joaquim Fernandino, seu pai.

33

As sessões umbandistas se norteavam pelas normas estabelecidas, influenciadas pelos procedimentos da doutrina kardecista, tendo em vista os pressupostos legitimados pela sociedade da época. Primeiramente situada no bairro das Neves, São Gonçalo, próximo a cidade de “NICTHEROY”, sendo transferida e reorganizada posteriormente à então capital federal, na cidade do Rio de Janeiro, se sediando na Rua Theophilo Ottoni, no.90, sobrado.

De acordo com o seu estatuto, no capítulo I, referente a organização e seus fins, registrado no Cartório Teffé, em 07 de junho de 1940, situado na Rua do Rosário, 84, onde funcionava o “*Registro de Títulos e Documentos do Distrito Federal-1º.Ofício*”, a Tenda se constituía uma instituição de caridade, onde deveria se professar a doutrina espírita, composta de pessoas de ambos os sexos, sendo ilimitado o número de associados, com tempo indeterminado de duração e capital a constituir. É importante salientar, que não consta neste primeiro momento, a proposição de uma ritualística umbandista propriamente dita, pelo menos formalmente registrado, porque não era aceito na época a especificação de termos que remetessem a uma determinada cultura marginalizada, passível de especulação, perseguição policial e drasticamente discriminada pela sociedade vigente, principalmente se tivesse referência a uma religiosidade advinda da escravidão negra ou de rituais de pajelança e curandeirismo indígena. A prática da caridade deveria ser material e espiritual, divulgando a doutrina preconizada pelo Evangelho de Jesus, prestando sem distinção de cor, credo, ideologia, a assistência aos necessitados do corpo, da mente e do espírito. Como também, sem nenhuma retribuição pecuniária, referente aos trabalhos e atividades caritativas praticadas, enfatizando a fala do próprio Zélio de Moraes.

Como orientação destas práticas terapêuticas, o estatuto previa o estabelecimento de um regimento interno, que seria organizado pela diretoria da Tenda, sob a orientação do Guia Chefe, através do Sr. Zélio de Moraes. Eram proibidas as discussões políticas, religiosas e de demais assuntos que não fossem considerados condizentes com as propostas de trabalho preconizadas pela Tenda Espírita de Nossa Senhora da Piedade.

A Tenda referida, deveria ser administrada por uma diretoria e um conselho deliberativo. A diretoria deveria compor-se de cinco membros: Presidente, secretário, tesoureiro, procurador e

diretor geral. O conselho iria compor-se de vinte membros, que seriam eleitos pela assembléia geral, composta de dois terços dos sócios quites com as suas mensalidades, na primeira convocação, e na segunda com o maior número de associados. Competia ao conselho deliberar acerca da diversidade dos assuntos ligados à manutenção salutar das atividades da Tenda, como: eleição da sua diretoria, aprovação do regimento interno, análise dos procedimentos ritualísticos e

34

avaliação das diretrizes administrativas em termos gerais. A diretoria pertinente, deveria usar das suas atribuições estatutárias na organização do regimento interno da Tenda, estabelecendo um ordenamento interno capaz de atender as necessidades dos seus associados, trabalhadores e freqüentadores, harmonicamente ligados ao efetivo compromisso dos trabalhos espirituais desenvolvidos.

O regimento interno estabelecido preconizava as diretrizes ritualísticas, organizacionais, normatizando as relações entre os diversos membros que articulados fomentavam o pleno funcionamento da instituição. A Tenda teria como “Chefe Espiritual”, o “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, considerado o criador da UMBANDA no Brasil no ano de 1908. A entidade denominada de “Orixá Malet” da falange de “Ogum” (São Jorge), seria o responsável pelos trabalhos de demanda, como anteriormente citado. O preto-velho chamado de “Pai Antônio” seria a entidade que interpretava o “Orixá Malet”, transmitindo as ordens estabelecidas pelo “chefe”. Ainda seriam designadas outras entidades que iriam se responsabilizar pela parte espiritual das sessões umbandistas, representadas pelos médiuns da Tenda e respaldadas pelo Sr. Zélio de Moraes. Haveriam sessões de caridade, de desenvolvimento mediúnico e de consultas exclusivas, como também, sessões especiais de desobsessão. Seriam divididas entre sessões de “Caboclos” e “Pretos-Velhos”, a partir das ritualísticas pertinentes a cada uma delas, além de uma orientação doutrinária fundamentando os trabalhos espirituais realizados.

Um calendário litúrgico foi instituído, a ser seguido pelo período de um ano, compreendendo as denominadas “Giras Festivas”, de caráter ritualístico, comemorativo, considerando-se datas importantes e solenes da Tenda, homenageando as diversas “Falanges Espirituais” que auxiliavam os trabalhos caritativos desenvolvidos, através da crença da existência de seres desencarnados que atuavam juntos aos médiuns devidamente preparados a este intento. Assim temos, o dia 20 de janeiro ligado à Oxossi (São Sebastião-Caboclos); o dia 23 de abril ligado à Ogum (São Jorge); o dia 13 de maio ligado aos Pretos-velhos (Almas dos Pretos Cativos); o dia 13 de junho ligado à Santo Antônio e ao Pai Antônio (Exus Guardiões); o dia 15 de setembro em homenagem à Tenda Nossa Senhora da Piedade; o dia 27 de setembro ligado aos

Ibêjes (São Cosme e São Damião-Falange das Crianças); o dia 30 de setembro ligado à Xangô (São Jerônimo); o dia 16 de novembro na lembrança do aniversário do Caboclo das Sete Encruzilhadas; o dia 4 de dezembro ligado à inhaça (Santa Bárbara); o dia 8 de dezembro ligado à Yemanjá e Oxum (Nossa Senhora da Conceição). Supostamente o dia 25 de dezembro estaria ligado à Oxalá (Nascimento de Jesus Cristo) (15).

35

Auxiliando e dando suporte à realização das sessões umbandistas, atendendo, orientando, operacionalizando, zelando pelo bom funcionamento dos trabalhos espirituais da Tenda, existiam os cambonos, que eram considerados os assessores diretos das entidades incorporadas, onde eram distribuídas diversas funções de acordo com as necessidades requeridas. Eles controlavam, interagiam e faziam cumprir as normas e procedimentos preconizados pelo regimento interno estabelecido pela diretoria, aprovado pelo conselho deliberativo e autorizado pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através do médium Zélio de Moraes.

Algumas obras doutrinárias básicas eram recomendadas como o “Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, todos de Allan Kardec, como o livro “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda”, do jornalista Leal de Souza. Estas leituras davam embasamento teórico aos trabalhos realizados na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

Na prática os procedimentos ritualísticos articulados dinamizavam as sessões umbandistas, dentro de um determinado espaço propício, onde eram realizados os trabalhos espirituais. Todos os membros participantes, incluindo o dirigente principal, os sub-chefes, médiuns desenvolvidos, médiuns em desenvolvimento, cambonos e assistência, se colocavam em posição de concentração, respeito e atenção, na formação de uma corrente harmônica de pensamentos, com o objetivo de se iniciar as atividades mediúnicas previstas para aquela determinada data em questão. O “Gongá” estaria paramentado com vistosas toalhas brancas, flores ornamentais, principalmente de rosas brancas, a flor símbolo da Umbanda, velas acesas, diversos copos com água dispostos, dando embasamento e assentamento magístico ao ritual que iria se iniciar. Imagens dos santos católicos representavam os chefes das falanges dos Orixás, entidades e guias, que deveriam incorporar nos seus aparelhos a fim de dar desenvolvimento a toda a terapêutica exigida nas atividades espirituais propriamente ditas. Com o intuito de purificar o ambiente do ritual umbandista, eram queimadas algumas resinas odoríferas em um turíbulo de barro ou metal, geralmente contendo carvão vegetal, incenso, bejoim, alecrim, alfazema, cânfora, mirra, comumente chamado de defumador, direcionando-o a todos os presentes no templo. A

partir daí, seria realizada uma conversação doutrinária, riscados e firmados os pontos cabalísticos e entoados os pontos cantados pertinentes (16), sendo estabelecida uma egrégora magística de vibrações consideradas salutares a um efetivo resultado, atingindo os objetivos pré-estabelecidos.

Com a prece de abertura proferida, geralmente era a “Prece de Cáritas” ou a “Prece de Ismael”, sendo feitas as saudações e assentamentos aos Orixás, chefes de falanges e as devidas

36

exortações litúrgicas, seria iniciada a sessão umbandista, com a chamada do guia chefe do dirigente, o “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, cuja insígnia era representada por uma flecha transpassando um coração:

“...Chegou, chegou!. Chegou, com Deus, chegou! Chegou, o Caboclo das Sete Encruzilhadas. ...Eles são três caboclos, caboclos do Jacutá. Eles giram noite e dia para os filhos de Oxalá. Sete com mais sete, com mais sete, vinte e um. Salvando os três setes, todos três de um a um. Sete Montanhas gira, quando a noite vai chegar. Seu irmão Sete Lagoas, quando o dia clarear. E ao romper da aurora, até alta madrugada, gira o Caboclo das Sete Encruzilhadas. ...Senhora da Piedade, a sua estrela é quem nos guia. Senhora da Piedade, a sua estrela é quem nos guia. Sete Encruzilhadas em seu terreiro, e Ogum em toda gira. Sete Encruzilhadas em seu terreiro e Ogum em toda gira. ...Oi daí-me forças Jesus de Nazaré! Oi daí-me forças pra mim vir trabalhar! Dizem que a Umbanda tem mironga! Tem mironga, Pai Antônio tem gongá! ...Ogum de Lei! Orixá de Lei! Ê, ê, ê, a, a! Salve a coroa de Ogum de Lei! Ogum de Lei, Ogum de Nagô! ...”. (17).

Acreditando na presença das entidades do astral, se processaria os trabalhos de caridade, com o direcionamento dos médiuns envolvidos a participarem de uma mesa branca, efetivando as devidas desobsessões e posteriormente atendendo a assistência nos seus inúmeros problemas de ordem emocional, material e espiritual. Após a realização desta etapa de contato entre “encarnados e desencarnados”, através dos intermediários, chamados médiuns, dadas as orientações pertinentes através do “CHEFE”, seria encerrada a sessão umbandista com uma prece de agradecimento, revigoração e engendramento dos trabalhos praticados durante o período estabelecido à realização do Culto de Umbanda.

No tocante ao desenrolar das sessões umbandistas, existem algumas crônicas escritas pelo jornalista Leal de Souza, através das suas visitas à Tenda Nossa Senhora da Piedade, que descrevem os fatos pitorescos, percepções das nuances doutrinárias, ritualísticas e das interações entre os mais diversos participantes, incluindo as dos capítulos 23 e 25 do livro “O Espiritismo, A Magia e As Sete Linhas de Umbanda”, escrito em 1933, na Cidade do Rio de Janeiro.

Primeiramente o autor mencionado descreve com amplitude a capacidade espiritual, persuasiva e sábia da entidade conhecida como “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, onde fala do

seu “*profundíssimo*” conhecimento teológico a respeito dos ensinamentos bíblicos e das mais diversificadas obras dos doutores da Igreja Católica, talvez se supondo alguma encarnação anterior como sacerdote. Tendo ainda conhecimentos ligados a medicina, explicando o minucioso processo de renovação dos neurônios, dando exemplos de numerosos casos de ferimentos que as

37

atingiram e o tratamento adequado, durante a primeira grande guerra em 1914. Dava sérias palestras acerca do mecanismo dos sentimentos, versava sobre a teoria das vibrações e dos fluidos, ensinando aos indivíduos de culturas diversas as “*transcendentes leis astronômicas*”.

O jornalista relata que em uma ocasião, estando presente um capitalista de São Paulo, que era espírita, houve um admirável estudo da situação financeira da França, pela quebra do padrão ouro na Inglaterra. Usava uma linguagem peculiar, de acordo com o público presente, do erudito ao popular, “*ora chã, ora simples, sem um atavio, ora fulgurante nos arrojos da alta eloquência, nunca desce tanto, que se abastarde, nem se eleva de mais, que se torne inacessível*”. Como um mestre paciente transmitia a sua mensagem através de narrativas, parábolas, conselhos, na perspectiva de uma compreensão efetiva a uma prática pertinente. Leal de Souza, ainda relata que, como um profeta realizou inúmeras previsões, como a mudança dos padrões de comportamentos humanos no final do século XX, a questão da liberação dos costumes ligados à sexualidade, individualismo, desigualdades sociais, bem como o advento da segunda grande guerra mundial e suas possíveis conseqüências à humanidade.

Dentre os mais diversificados fatos e ocorrências, citarei um deles, considerado um marco de Memória e História da Tenda da Piedade, mencionado pelo jornalista. Uma das filhas de um comerciante de Niterói, estava passando por um sofrimento agonizante, estando a medicina impossibilitada de resolver a problemática vislumbrada pela paciente. Seu pai, desesperado, foi aconselhado a procurar ajuda nos trabalhos realizados na humilde Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Indo ao encontro da salvação da filha, foi orientado a voltar a noite, onde o guia chefe da casa tomaria conhecimento do caso. Quando retorna ao seu lar, encontra a filha praticamente morta, com a devida assistência médica emitindo o atestado de óbito, dando prosseguimento aos procedimentos legais de tratamento do enterro. Passadas algumas horas, á noite, na Tenda da Piedade, houve a manifestação do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, dizendo que iria socorrer a filha daquele pai desesperado, através de um profundo trabalho espiritual, auxiliado pelas demais falanges do espaço. Todos se mantiveram em concentração durante umas duas horas de longo esforço mental. Posteriormente, explicou aos seus auxiliares “encarnados”

toda a terapêutica utilizada, sendo orientados, em nome de Deus, a irem a casa da menina com o objetivo de retirá-la da urna funerária, pois seria atestado um dos benefícios realizados pelo “espiritismo”, que teria conseguido a permissão do altíssimo, o favorecimento da ressurreição da vítima, possivelmente acometida de uma profunda obsessão espiritual. Chegando a referida residência, cumprindo as ordenações recebidas, vislumbraram a presença viva da moça, na

38

verificação de cura da possível moléstia que a acometia. O médico que a assistiu, emitindo o atestado de óbito, constatando o ocorrido, considerou o caso inexplicável pela ciência moderna, sendo considerado uma verdadeiro milagre. Alguns meses depois, almoçando com a família, a vítima do mal súbito, contestando a possível intervenção do sobrenatural, foi acometida de uma indigestão, vindo a falecer em menos de vinte e quatro horas. Este e outros relatos interessantes, nos permitem refletir a proposta dos trabalhos desenvolvidos na Tenda, que seriam embasados no Evangelho de Jesus, em sintonia com elevados padrões morais, assim descritos, dentro de um procedimento correto e adequado ao socorro espiritual de todos aqueles que necessitavam de algum auxílio. Sendo a prática dos trabalhos umbandistas direcionados à crença de um Deus único, na intervenção dos Orixás, representantes das forças da natureza, presentes nos sete raios emanados pela divindade absoluta, direcionados pelos seus mensageiros, que seriam os guias que desenvolviam as atividades terapêuticas no Terreiro de Umbanda. A crença na reencarnação, isto é, no retorno sucessivo dos espíritos à terra, como forma de aprimoramento, estaria ligado à lei de causa e efeito, demonstrando que tudo aquilo que semeamos iremos colher oportunamente, seja de bom ou de mal, dependendo das nossas intenções mais íntimas, materializadas no nosso comportamento, nas relações interpessoais e na nossa filosofia de vida. O amor ao próximo seria a base da fraternidade universal, onde a mediunidade seria uma missão, nunca uma profissão, manifestando efetivamente o espírito para a caridade. Nisto se baseava a doutrina preconizada pelo que se denominou chamar de “Linha Branca de Umbanda e Demanda” (18).

A CRIAÇÃO DOS SETE TEMPLOS DE UMBANDA:

Na continuidade deste memorável relato, com o passar dos dez anos da fundação da Tenda da Piedade, em 1918, o “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, claro, através do seu médium Zélio de Moraes, declara que iria se iniciar a segunda parte da sua missão, que seria a criação dos sete templos, considerados o *“núcleo onde se propagaria a Religião de Umbanda”*. A partir de alguns componentes da própria tenda matriz dirigida pelo caboclo, foram designados os indivíduos que iriam fundar as demais tendas umbandistas. Estes recebiam orientações, esclarecimentos e exortações, nas reuniões de quinta-feira, de como deveriam formar os novos

templos, em termos doutrinários, de preparação dos corpos mediúnicos, da organização dos estatutos, da administração e dos procedimentos ritualísticos e litúrgicos.

Mais uma vez, Leal de Souza nos relata no capítulo 24, do livro “O Espiritismo, A Magia e As Sete Linhas de Umbanda”, as condições mencionadas acima:

39

“...Cada uma dessas tendas constitue uma sociedade civil, cabendo a sua responsabilidade legal, e a espiritual, ao respectivo presidente, que é nomeado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, independente de indicação ou sanção humana, e por elle transferido, suspenso, ou demitido livremente, bem como os médiuns, que o “Chefe” designa e póde, se o entender, afastar de suas tendas. ...A organização espiritual é a seguinte: cada tenda tem um chefe de terreiro. – presidente espiritual – um substituto immediato, e vários eventuaes, chamados, estes, pela ordem de antiguidade na tenda, e todos designados pelo guia geral. ...A hierarchia, na ordem material, como na espiritual, é mantida com severidade. Cercam o Caboclo das Sete Encruzilhadas muitos espíritos elevados que elle distribue, conforme as circunstancias, pelas diversas tendas, mas esses espíritos e mesmo os Orixás não diminuem nem assumem a autoridade dos presidentes espiritual e material, e trabalham de acordo com elles. Os próprios enviados especiaes mandados, de longe em longe, com mensagens dos chefes e padroeiros das linhas, só as proferem depois do consentimento dos dois dirigentes. Até o “Chefe”, quando baixa e incorpora em qualquer das tendas, não se investe na direcção dos trabalhos, mantendo o prestígio de seus delegados...”

As tendas, que foram fundadas gradativa e sucessivamente, deveriam realizar determinadas sessões de caridade, de experiência e as de descarga. Seriam respectivamente momentos de socorro espiritual às diversas necessidades humanas, de aprimoramento mediúnico, de estudos científicos e doutrinários, e de limpeza densa, que se caracterizava em descarregar as más influências, os miasmas negativos, as desobsessões, defendendo o ambiente, o corpo mediúnico e a assistência em geral. Não seria lícito a realização de “qualquer trabalho sem a autorização expressa do Caboclo das Sete Encruzilhadas”, dizia o nosso cronista Leal de Souza. Ainda relatando que “para o serviço de suas tendas, o “Chefe”, tem as suas ordens Orixás e phalanges de todas as linhas, incluída, na de Ogum, a phalange marítima do Oriente. Bastando essas anotações para que se comprehenda o que é uma organização da Linha Branca de Umbanda e Demanda, concebida no espaço e executada na Terra”.

Com isto, foram se formando as seguintes tendas umbandistas a seguir: A Tenda Nossa Senhora da Conceição (Oxum), designada à Sra. Gabriela Dionysio Soares, médium do “Caboclo

Sapoéba”; A Tenda Nossa Senhora da Guia (Yemanjá), a ser dirigida pelo Sr. Durval de Souza; A Tenda Santa Bárbara (Yansã) (19) pelo Sr. João Aguiar; A Tenda São Pedro (Xangô Velho) (20), através do Sr. José Meirelles, que era um antigo agente da municipalidade carioca e foi deputado federal, sendo auxiliado pelos espíritos de “Pai Francisco” e “Pai Joba” (21); A Tenda de Oxalá, pelo Sr. Paulo Lavois (22); A Tenda São Jorge (Ogum), sob o comando do Sr. João Severino Ramos (23);

40

A Tenda São Jerônimo (Xangô), com José Álvares Pessoa, apelidado de “Capitão Pessoa” (24). Esta última tenda, fundada por volta de 1935, ainda não vislumbrava um dirigente adequado a sua direção, quando em uma noite de quinta-feira, nas reuniões regulares promovidas pelo “Chefe”, através de Zélio de Moraes, ocorreu uma visita de um espírita convicto, estudioso dos diversos aspectos da manifestação dos espíritos, este indivíduo não estava acreditando nos relatos das experiências mediúnicas vivenciadas na Tenda da Piedade, indo indagar in loco. Para o seu espanto, quando adentrou no ambiente onde se reuniam os vários dirigentes das outras tendas, foi surpreendido com uma exortação do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, que interrompendo a sua conversação, aludiu que àquele indivíduo recém-chegado, seria o novo dirigente tão esperado da “Casa de Xangô” a ser fundada, que seria a sétima tenda. Houve um breve diálogo entre os dois, onde o “caboclo” evidenciou muitas nuances da vida do visitante, sendo convencido a assumir a direção da nova casa. Este indivíduo era o Sr. José Álvares Pessoa, conhecedor profundo das doutrinas espiritualistas em geral, realizando uma peculiar direção, praticando um culto espiritualmente elevado.

Além das reuniões promovidas às quintas-feiras, na segunda sexta-feira de cada mês, todos os componentes das respectivas tendas fundadas, trabalhavam juntos na tenda matriz, sendo que em alguns momentos haviam rodízios entre os diversos agrupamentos umbandistas. Todo o ano era realizado um retiro de vinte e um dias, fora da capital, ocorrendo várias cerimônias em todas as sedes e nas residências dos dirigentes. Mensalmente havia uma vigília de vinte e quatro horas, com revezamentos entre os diversos componentes das tendas, celebrando sessões festivas, de confraternização, de fortalecimento espiritual, como o ritual do “Amaci”, ainda realizado na Tenda Nossa Senhora da Piedade, todo o dia 15 de novembro, considerado o Dia da Umbanda, se caracterizando um evento de profunda devoção umbandista, através dos banhos das ervas sagradas, devidamente colhidas, realizando a lavagem de cabeça, com o objetivo de fortalecer e manter adequadamente uma ligação vibracional com os guias do astral. Seguindo a tradição, é realizado uma cerimônia com as fitas correspondentes a cada Orixá das Sete Linhas de Umbanda,

firmando em conjunto um ponto cabalístico engendrando o trabalho realizado. No ritual do amaci, a Sra.Zilméia, filha de Zélio de Moraes, se banha na mistura, pois é a presidente de honra da Tenda da Piedade, Cabana de Pai Antônio, em Boca do Mato, Cachoeira de Macacu, RJ. Na continuidade, prosseguindo com os médiuns de graus mais elevados, passando a participar do banho com a mistura das ervas, os demais médiuns da casa. Este ritual é bastante conhecido e de

41

grande difusão na Umbanda, sendo mantido este cerimonial deste a fundação da tenda matriz, em 16 de novembro de 1908.

As atividades desenvolvidas nas sete tendas, procuravam seguir as orientações do “Chefe”, como mencionado anteriormente, geralmente agrupando inúmeros adeptos, atendendo os necessitados do corpo e da alma, em inúmeras problemáticas evidenciadas, confortando, neutralizando obsessões, realizando possíveis curas das doenças, físicas, mentais e espirituais. Algumas entidades se nomeiam quando no atendimento junto a assistência, nos trabalhos realizados, assim temos: O “Caboclo Corta Vento”, da linha de Oxalá; o “Caboclo Acahyba”, da linha de Oxossi; o “Caboclo Ogum Yara”, da linha de Ogum; o “Caboclo Ogum Timbiry, da falange do Oriente; o “Caboclo da Lua”, da linha de Xangô, todos pertencentes a Tenda Nossa Senhora da Conceição, a Casa da Oxum. Como os da Tenda Nossa Senhora da Guia, de Yemanjá: O “Caboclo Jaguaribe”, “Garnazan”, o “Caboclo Sete Cores”, “Gira Matto”, “Bagi”, pertencentes à linha de Oxossi, direcionando os trabalhos através dos médiuns capacitados a este intendo, de acordo com as orientações doutrinárias e diretrizes ritualísticas do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”.

Através de uma disciplina exigente, todas as ações contrárias às orientações doutrinárias preconizadas pela Linha Branca de Umbanda e Demanda, são devidamente reparadas, de acordo com as regras estabelecidas, pois poderiam causar inúmeros danos ao ambiente espiritual, provocando o afastamento das “entidades de luz”, prejudicando o conceito de integridade das tendas umbandistas, que teriam que suportar determinadas penalidades, dentro da lei de causa e efeito, no cumprimento de um resgate pelas faltas cometidas, principalmente ligadas às deturpações das diretrizes ritualísticas padronizadas que norteavam as orientações estabelecidas.

Além das atividades doutrinárias, ritualísticas, de atendimento e de preparação mediúnica, existiam as celebrações, isto é, as festividades dos padroeiros e dos chefes das sete linhas umbandistas, já citados, sendo realizadas alocuções, preces, orações, na transmissão de mensagens de auto-estima, motivando as pessoas a suportarem as suas provações terrenas com

perspectivas de superação humana. Compareciam a estas festas convidados eméritos, visitantes, irmãos de outras tendas umbandistas, médiuns, dirigentes e chefes de terreiro. Em um ambiente acolhedor onde imperava uma alegria religiosa e devocional, eram compartilhados momentos de confraternização entre “encarnados” e “desencarnados”, procurando ser mantido uma harmonia ambiental. Uma das festas mais cogitadas nos meios umbandistas é a dia de São Cosme e São Damião, que são considerados os protetores das crianças, sincretizados com o Orixá africano

42

Ibêji, os gêmeos, onde os médiuns incorporavam espíritos que desencarnaram na tenra infância, sendo necessário toda a atenção, como bem relata a Sra. Zilméia, que procura tratar todos os seres com um carinho fraternal, vigiando a atuação destas entidades na ligação sutil com os médiuns, porque dizem que quando se apossam destes, verifica-se uma mudança brusca de comportamento, ocorrendo ações infantilizadas, podendo haver indiscreções nos diálogos estabelecidos, sem escrúpulos sócio-culturais, expressando impulsivamente pensamentos inapropriados, fora das conveniências da sociedade vigente. Contudo, percebe-se uma flexibilidade existente na filosofia umbandista, absorvendo valores culturais diferentes, porém considerados convergentes na capacidade de articular a síntese das diversas formas de religiosidade manifestadas.

Dando prosseguimento, foram fundadas diversas tendas umbandistas, no dimensionamento doutrinário da Linha Branca, sob a orientação do “Caboclo”, no Estado do Rio de Janeiro, em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Pará, Alagoas, Bahia. Muitas vezes o Sr. Zélio de Moraes estava presente, ou então mandava alguns representantes gabaritados à organização e direção das novas tendas umbandistas. Este famoso relato, conta que em Belém do Pará foi fundada a Tenda Mirim Santo Expedito, sob a direção do Tenente Joaquim Bentes Monteiro, cumprindo uma importante missão, assim considerada, juntamente com a sua esposa Consuelo Bentes Monteiro. Um dos médiuns desta tenda, Evaldo Pina, retornando ao Rio de Janeiro iria atuar na TULEF, estando com o Sr. Zélio de Moraes, este com a sua sensibilidade espiritual, descreveu, sem estar presente pessoalmente, todo o processo de fundação da tenda da região norte, recebendo uma mensagem do dirigente, já falecido, mencionando particularidades que apenas poucas pessoas compartilhavam. No território brasileiro existem muitos templos que foram fundados diretamente ou indiretamente pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, incluindo as outras tendas que descendem das originais. Muitas destas tendas deturparam as diretrizes originais, outras seguem de maneira correta os procedimentos ritualísticos preconizados. Nisto podemos perceber a preocupação de dimensão

institucional do Culto de Umbanda, legitimando as suas práticas religiosas, através de normas e procedimentos estratégicos a este intento.

Em 26 de agosto de 1939, irá ser determinado pelo “Caboclo” a fundação de uma Federação Espírita de Umbanda, sendo posteriormente denominada de União Espiritista de Umbanda do Brasil, devendo congregar as diversas tendas, a partir das sete primeiras, uniformizando o culto umbandista, estabelecendo o uso do branco nos vestuários, na

43

homogeneização das diversas classes participantes e das práticas ritualísticas desenvolvidas, de maneira simplificada, dentro das diretrizes doutrinárias preconizadas nas bases estabelecidas, criando-se estatutos, ordenamentos legais, evitando as terríveis perseguições aos cultos. De acordo com o Sr. Pedro Miranda, atual presidente da UEUB, na época da criação da primeira federação, até então conhecida, temos algumas tendas mencionadas que se filiaram, como: A Tenda Espírita Beneficente Santa Luzia, através do irmão Frederico; A Cabana Espírita Senhor do Bonfim, pelo Sr. Manuel Floriano da Fonseca (25), localizada no Engenho de Dentro; A Cabana de Pai Joaquim de Luanda, pela irmã Márcia Justino, considerada uma grande divulgadora da doutrina umbandista, através das suas pregações e inspirações nas palestras proferidas; A Tenda Mirim, fundada em 1924, através do irmão Benjamim Figueiredo, deixando uma obra com 43 filiais, fundando mais tarde o Primado de Umbanda, compondo uma doutrinação disciplinar e hierárquica bastante contundente. Em 1947, surgiria o famoso “Jornal de Umbanda”, que durante uns trinta anos consecutivos, seria o porta-voz doutrinário do culto umbandista, tendo como colaboradores o Sr. Cavalcanti Bandeira, Sr. Olívio Novaes, Sr. J. Alves de Oliveira, Sr. Pedro Miranda, Sr. W.W. da Matta e Silva, dentre outros.

O advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” e a proposição do culto umbandista constitui um marco histórico na memória dos vários umbandistas espalhados pelo Brasil afora, como bem afirmou o Sr. Pedro Miranda em uma entrevista à Revista Espiritual de Umbanda, no.4:

“Podemos dizer que a partir de Zélio, surgiu uma doutrina para a Umbanda. Já existiam manifestações em vários pontos da Cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, de médiuns que incorporavam Pretos-Velhos e Caboclos, mas não dentro daquele princípio filosófico trazido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Esse é um marco doutrinário importantíssimo. Quando ele diz, de forma bem específica, que a Umbanda é a manifestação do espírito para a caridade, é um marco histórico, é a doutrina, mas já existiam as manifestações. A mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas foi mais para que nós, médiuns, nos situássemos dentro daquela nova posição doutrinária”.

Para que esta doutrina fosse estabelecida direcionou-se algumas estratégias de institucionalização, sustentando a legitimação do Culto de Umbanda, na reflexão de uma proposta passível de construção de uma religião brasileira, no amálgama dos mais variados valores das religiosidades aqui, no Brasil, vivenciados e influenciados pelas culturas européia, africana, indígena, asiática, que articulados sincreticamente, incorporados, bricolados, emergiam na perspectiva da manifestação, no decorrer de um processo histórico, de uma identidade religiosa, como resultado da miscigenação dos diversos traços culturais evidenciados nas

44

práticas umbandistas. Sendo estas práticas delineadas através de uma doutrina preconizada nos moldes espíritas, pois davam uma certa base de cientificidade às manifestações das entidades do astral, descaracterizando as influências animistas fetichistas remanescentes dos cultos bantus, classificados pejorativamente como “macumba”, baixo espiritismo, onde se reuniam pessoas de “baixo escalão”, realizando inúmeros trabalhos de magia negra, no intuito de prejudicar alguém, sendo classificadas de “macumbeiras”, “quimbandeiras”, porém muitas vezes solicitadas pelas classes abastadas, na encomenda de feitiços de várias naturezas, sendo percebidos os valores e os preconceitos da época em questão.

A evangelização doutrinária presente na ritualística umbandista norteava a busca da sua legitimação e institucionalização na tentativa de superação dos rituais considerados primitivos, pois apesar da utilização de determinados elementos de outrora, dos respectivos cultos mencionados, estes teriam um fundamento explicado pela sua razão de ser, isto é, com base científica, enfatizando propostas evolucionistas e progressistas, com referência ao kardecismo, que assim engendradas, dariam credibilidade, aceitabilidade e respeitabilidade aos pressupostos preconizados pelo Culto de Umbanda, através do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”.

Notas Explicativas do Capítulo I:

(1)= Este relato de referência nacional, foi primeiramente elaborado, juntamente ao Sr. Zélio Fernandino de Moraes, através da coordenação da Sra .Lília Ribeiro, in memorian, ex-diretora de culto da Tenda de Umbanda, Luz, Esperança, Fraternidade, TULEF, e do “Boletim Macaia”, periódico institucional, cuja legenda dizia: *“Por uma Umbanda Cristã”*.

(2)=Capacidade de receber irradiações, vibrações e comunicações espirituais das entidades do astral. Podemos ter várias manifestações, como: auditiva, visual, olfativa, incorporativa, transporte, intuitiva, etc. Termo da Doutrina Espírita que foi incorporado pela Umbanda.

(3)=Sr.Hippolyte Denizard Rivail, nascido em Lyon, na França, em 1804. Foi o codificador do Espiritismo, em meados do século XIX, através de inúmeras mensagens espirituais recebidas. Algumas publicações: “O Livro dos Espíritos”(1856); “O Evangelho Segundo o Espiritismo”(1864); “O Céu e o Inferno”(1867); “A Gênese”(1867).

(4)=A Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, situava-se à Rua Coronel Gomes Machado, no.140, em “NITHEROY”, sendo filiada à Federação Espírita Brasileira. Advinda do “Grupo S.João Baptista”, era uma sociedade beneficente, atendendo inúmeras pessoas necessitadas, ainda divulgando e praticando a doutrina espírita, preconizada por Allan Kardec. Realizava o cadastro, orientação e supervisão de várias agremiações fluminenses filiadas.

(5)=Seres espirituais de certa importância no panteão umbandista, possuindo notoriedade, respeito e credibilidade, pelos trabalhos desenvolvidos nas várias tendas em que se manifestam. Ex: Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, etc.

(6)=De acordo com o relato referido, o presidente da Federação Espírita de Niterói, em 1908. Havendo controvérsias contemporâneas desta veracidade verificada através dos vários depoimentos testemunhais, inclusive do próprio Sr. Zélio Fernandino de Moraes.

(7)=Local que foi padronizado pela doutrina espírita à realização das reuniões de comunicação mediúnica. Este procedimento foi incorporado pela Umbanda, principalmente pelas primeiras tendas fundadas pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas”.

(8)=Considerada uma das reencarnações do espírito conhecido como “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, que foi o famoso “Frei Gabriel Malagrida”, o jesuíta, condenado pela inquisição, sendo queimado vivo na Praça do Rossio, em 21 de setembro de 1761, Lisboa, Portugal.

(9)=De acordo com o esoterismo, o governador espiritual do planeta Terra.

(10)=Generalização dos cultos afro-brasileiros com influências dos yorubás, bantus (congo-angolense), ameríndios, católicos, espíritas e ocultistas, principalmente amalgadas no Rio de Janeiro, sem maiores preocupações doutrinárias, sendo considerados animistas, magísticos, coexistindo ritualísticas fetichistas, onde se promoviam negociações de diversos feitiços, geralmente voltados para o mal, ou para o bem, sendo conhecidas por “macumbas” ou “quimbandas”.

(11)=Local mítico da morada dos orixás, guias, protetores e entidades em geral. Seria o “CÉU” dos umbandistas.

(12)=Banho purificador e revigorador, preparado através das chamadas “Ervas Sagradas”, no momento da inicialização dos adeptos e em períodos regulares de manutenção bioenergética.

(13)=Ciência esotérica que objetiva explicar determinados fenômenos sobrenaturais não comprovados pelas concepções científicas naturais.

46

(14)=Proposição solicitada pelos umbandistas ao considerarem a “Umbanda” um resultado histórico das diversas religiosidades advindas e presentes no Brasil, que foram amalgadas, sincretizadas e incorporadas pelo povo brasileiro.

(15)=Este calendário de homenagem às falanges espirituais, estão ligadas a concepção de organização das “Sete Linhas de Umbanda”, envolvendo os orixás africanos sincretizados com os santos católicos e entidades ameríndias.

(16)=São os cânticos litúrgicos e vibracionais, conjuntamente com os signos cabalísticos firmados, que funcionam como catalizadores energéticos, que engendram os fluídos astrais manipulados pelas entidades incorporadas através dos seus médiuns.

(17)=Cânticos memoráveis entoados, até hoje, na Tenda Nossa Senhora da Piedade, Cabana de Pai Antônio, em Boca do Mato, Cachoeiras de Macacu, no Estado do Rio de Janeiro.

(18)=Aspecto doutrinário preconizado pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, através do Sr. Zélio de Moraes, distinguindo a proposta do culto umbandista, que seria embasado na caridade de fazer o bem combatendo o mal.

(19)=Constatei o funcionamento da respectiva tenda, com ritualística desvirtuada dos padrões preconizados pela Linha Branca de Umbanda e Demanda, sendo realizados trabalhos ligados à chamada “Linha de Quimbanda”, o pólo oposto da Umbanda, localizada na Rua Regente Feijó, Centro, na Cidade do Rio de Janeiro. Foi percebida a manutenção do patrimônio histórico e cultural da última direção, incluindo a reprodução da pintura do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”.

(20)=Vestígios vislumbrados do seu funcionamento da Rua Visconde de Santa Isabel, no Bairro de Vila Isabel, Rio de Janeiro, RJ.

(21)=Curiosamente tendo a incumbência, junto a entidade “Caboclo Jaguaribe” de organizar a Tenda Nossa Senhora da Guia, através dos egressos da Tenda do Pescador.

(22)=Ainda funcionando nos arredores do Bairro do Rio Comprido, na Cidade do Rio de Janeiro, RJ.

(23)=Atualmente comandada pelo Sr. Pedro Miranda, também presidente da União Espiritista de Umbanda do Brasil, UEUB.

(24)=Hoje conhecida como Tenda de Umbanda, Luz, Esperança, Fraternidade, sendo uma remanescente da antiga Tenda Espírita de São Jerônimo, a Casa de Xangô. A TULEF, foi coordenada pela Sra. Lília Ribeiro, jornalista, in memorian, sendo sua presidente durante muitos anos, publicando o “Boletim Macaia”.

(25)=Foi vice-presidente e posteriormente exerceu a presidência da UEUB.

CAPÍTULO II:

“As Estratégias de Legitimação da Umbanda”:

Entre os anos de 1908 à 1939, isto é, no final dos anos 30 do século XX, período que está sendo analisado neste exercício de investigação histórica através da reelaboração da trajetória de Zélio Fernandino de Moraes, se iniciando com o advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, na proposição da institucionalização do culto umbandista, vislumbramos algumas estratégias de legitimação com o objetivo de oficializar a ritualística devocional, terapêutica e religiosa dos pressupostos preconizados pela doutrina estabelecida, envolvendo a “*Manifestação do Espírito para a Caridade*”. Percebe-se a preocupação da aceitabilidade da sociedade a estes pressupostos que norteariam ao progresso e dimensionamento daquela que deveria ser considerada a primeira religião brasileira, isto é, sua gênese se realizou no Brasil, com características sócio culturais do povo brasileiro, suas devoções, religiosidades, influências e confluências católicas, espíritas, africanas, indígenas, místicas, que iriam demarcar a sua notória formação, diretriz e atuação no cenário de percepção da espiritualidade umbandista emergente neste início de século, através das propostas nacionalistas e republicanas, se constituindo por uma iniciativa de liberdade religiosa, porém tendo que seguir os ditames da lei que norteavam a saúde pública, o funcionamento das aglomerações religiosas, dos cultos, ou das manifestações que poderiam de alguma forma deturpar o que era considerado civilizado, socialmente aceito, ou seja, dentro dos parâmetros estabelecidos de sanidade física, mental e comportamental, pois caso contrário poderiam ocorrer sérias perseguições policiais, apoiadas pelo aparato judicial vigente, na intenção de manter o equilíbrio social, com propostas progressistas, evolucionistas e porque não dizer políticas.

Nas próximas digressões, farei algumas articulações relacionando as propostas de legitimação do culto umbandista frente as regras jurídicas preconizadas pela sociedade brasileira, as perseguições e as providências cabíveis tomadas, objetivando a manutenção e direcionamento do culto umbandista.

Dentro deste contexto, as Sete Tendas de Umbanda, a partir da análise da trajetória de Zélio de Moraes, de acordo com o atual presidente da União Espiritista de Umbanda do Brasil, Sr. Pedro Miranda, no final do ano de 1938, os dirigentes reuniram-se na intenção de criar a Federação Espírita de Umbanda, atualmente UEUB, mencionada acima. No propósito de assegurar uma divulgação legítima do culto umbandista, foi criado o “Jornal de Umbanda” em 1947, na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, reunindo Luiz da Cunha, Leal de Souza, Maurício Marques Lisboa, Alfredo Marinho Ravasco, dentre outros. Conjuntamente com o jornal, a federação então fundada em 1939, sendo considerada a Casa Mater da Umbanda, sob a orientação do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, preconizava a reunião dos diversos terreiros, tendas e centros umbandistas então em funcionamento, objetivando a devida legalização dos

48

mesmos, as diretrizes doutrinárias e institucionais, a difusão do culto, o intercâmbio com os irmãos de fé, tornando-se um órgão oficial congregador em todo o território nacional, com sede na cidade do Rio de Janeiro, então distrito federal. É mister salientar, que esta instituição faria o papel de órgão institucionalizador e legitimador do culto umbandista no Brasil.

No processo de institucionalização propriamente dito, ocorreram estratégias de legitimação que se norteavam pelo contexto histórico delineado. A criação de uma federação, de um jornal e posteriormente a organização de um congresso nacional em 1941, são exemplos de posturas defensivas frente as interdições jurídicas, políticas e religiosas enfrentadas pelos umbandistas, que tenderiam a assegurar a liberdade de culto, devidamente referendada pelos pressupostos doutrinários preconizados, embasados até cientificamente, com menções históricas milenares que articuladas engendrariam a posição política e teológica da doutrina umbandista.

É importante apontarmos que presentes neste contexto, estavam a Tenda Nossa Senhora da Piedade e as demais Sete Tendas criadas pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, analisando a partir dos sujeitos históricos envolvidos, vislumbramos serem indivíduos advindos da classe média urbana, como o Sr. Zélio de Moraes, letrados, advogados, militares, jornalistas, políticos, universitários, etc, que de alguma forma davam este caráter institucional à Umbanda, muitos eram ex-católicos, ex-espíritas, não crentes, que pelas sessões terapêuticas das tendas umbandistas, alcançavam determinada graça, se tornando umbandistas através das provas verificadas de possibilidade da intervenção do sobrenatural, de acordo com as suas experiências e vivências, da atuação das entidades do astral. Eram estes homens que iriam embasar as propostas das estratégias legitimadores do culto umbandista. Com isto, perguntamos, em que contexto histórico se posicionavam estas estratégias de legitimação? Como se caracterizavam? Em que a Umbanda se embasava para legitimar o seu culto, a sua doutrina e os seus pressupostos? Para a efetivação da legitimação do culto umbandista, com quais parâmetros os umbandistas se identificavam para se afirmarem como tal, em detrimento daquilo que os marginalizavam? Acredito que através destes questionamentos básicos poderemos realizar uma breve reflexão, dada a trajetória histórica rememorada, toda uma motivação institucionalizadora e legitimadora.

De Celso, autor umbandista, em 1967 relatou a seguinte afirmativa (1) :

“(...) A religião de Umbanda é uma religião, e não uma reunião de CURANDEIROS, e em nada se confunde e nada tem a ver com os FEITICEIROS ou com os MACUMBEIROS.”

Nesta afirmativa podemos verificar o cerne das estratégias de legitimação umbandista com relação aos fundamentos jurídicos estabelecidos em leis, nas quais embasavam as perseguições policiais aos cultos de origem afro-brasileira e similares, como: Umbanda, Candomblé, Catimbó, Macumba, Xangô de Pernambuco, Batuque no Rio Grande do Sul, Tambor de Mina, etc. Claramente, esta argumentação está eximindo a Umbanda das práticas consideradas ilegais da medicina. Pois é considerado “curandeiro” aquele indivíduo que se utiliza dos procedimentos de cura, como gestos, palavras e invocações, prescrevendo substâncias em geral, sem ter o diploma

49

de uma faculdade médica, podendo ser detido e condenado a pena de reclusão de seis meses a dois anos, de acordo com o artigo 284 do capítulo III do Código Penal, ponderação feita por Dandara e Ligiéro no livro “Iniciação à Umbanda” (2) . Apesar de nos cultos umbandistas ocorrerem terapias curativas, gestos com palavras, entoação de cânticos litúrgicos, evocações e invocações, a Umbanda deveria ser uma religião legitimada através de uma doutrina séria que preconizava uma liturgia sagrada manifestada por uma ritualística pertinente aonde através dos elementos utilizados, viesse a dignificar estes procedimentos, legitimando este processo de engendramento do culto, eximindo-se das práticas consideradas impuras, primitivas, degradantes, como as que norteavam os remanescentes dos cultos amalgados pela cultura indígena e africana, como no caso, as macumbas cariocas. Nestes cultos estariam presentes o fetichismo, o curandeirismo, o uso de elementos primitivos, como a ingestão de bebidas alcoólicas, sacrifícios, pólvora ou exacerbação do tabaco. Se usados estes elementos teria-se uma ligação com a terapêutica ritualística e consideravelmente explicado cientificamente o procedimento direcionado. Nisto iria se nortear os pressupostos umbandistas a partir dos elementos incorporados da religiosidade indígena, africana, principalmente bantu, e dos aspectos místicos orientais e europeus. É neste contexto histórico, principalmente delineado pelo poder ditatorial de Getúlio Vargas que a Federação Espírita de Umbanda será criada, sendo denominada a partir do 1º congresso nacional umbandista, em 1941, de União Espiritista de Umbanda do Brasil – UEUB. Então, estando presentes estes elementos de análise histórica, sejam políticos, econômicos e culturais, embasam as estratégias de legitimar o culto umbandista.

A partir da chamada “Era Vargas” presente na História do Brasil, com o advento da “Revolução de 1930”, preocupando-se em estabelecer um poder sincronizado com as diversas forças econômicas do país, e não somente com o eixo mineiro e paulista, formadores das oligarquias regionais que dividiam o poder na chamada república velha, que não atendiam aos pressupostos e perspectivas modernizadoras preconizados, estando ligadas a um processo de fortalecimento de um estado nacional, capitalista e burguês. A tentativa de superação dos paulistas, na revolução constitucionalista de 1932, a organização da Aliança Nacional

Libertadora e o seu movimento mobilizador do proletariado em 1935, com intenções, reivindicações e proposições do partido comunista, incrementando na tentativa de um maior posicionamento da classe operária frente aos aspectos repressores dos empreendedores capitalistas, como também na defesa dos interesses nacionais, reforma agrária, supressão do pagamento da dívida externa, embasavam alguns elementos da luta ideológica. Estas frentes contrárias aos setores liberais da sociedade brasileira, deliberadamente combatiam as tendências autoritárias de fortalecimento de um nacionalismo estadista, que já estava intermediando as relações trabalhistas em caráter verticalista, sendo efetivamente contra o dimensionamento do fascismo no mundo (3) . É claro que ocorreram violentas repressões a estas mobilizações populares, principalmente aos movimentos ligados ao partido comunista, como outras tentativas

50

de formação de grupos autônomos de natureza associativa que permitisse uma expressividade autêntica, criativa, com posicionamentos culturais definidos, valores, comportamentos e relações que poderiam denotar uma identidade própria de determinado grupo que se evidenciaria na sociedade em detrimento dos estatutos intervencionistas que viriam a permear a vida social, política, econômica e cultural da nação brasileira a partir de 1937. Então, neste período iria se estabelecer o denominado “Estado Novo”, que através de uma política intervencionista da máquina governamental, se posicionaria um controle administrativo centralizador, vertical, onde as decisões partiriam da cúpula se dimensionando a todas as esferas institucionais do país, objetivando um imediato progresso influenciando o crescimento econômico, onde as diretrizes políticas do poder intermediariam as classes sociais que faziam parte do sistema, incluindo as leis trabalhistas, o posicionamento dos técnicos burocráticos, que iriam supervisionar os mecanismos das deliberações emanadas do poder central. Dando embasamento a estes pressupostos de controle intervencionista foram criadas algumas instituições como em 1938, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), controlando os orçamentos anuais e a estrutura administrativa em geral; Instituto do Açúcar e do Alcool, do Pinho, do Sal; Conselho Técnico de Economia e Finanças; Conselho Nacional do Petróleo; Conselho Nacional de Política Industrial e Comercial; o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939, que iria controlar as manifestações artísticas, culturais, os meios de comunicação, divulgando a construção de uma proposta de nacionalidade, formando a opinião pública de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo novo regime, centrado na figura do ditador, “o salvador da pátria”, o Sr. Getúlio Vargas. Esta política intervencionista influenciaria a construção arquitetada de uma suposta “cultura brasileira” dentro de determinados padrões estabelecidos, reunindo aspectos simbólicos da história brasileira, onde basicamente teríamos como raiz as chamadas três unidades étnicas formadoras do caráter do brasileiro, o indígena, o branco e o negro. Neste matiz se embasava toda uma preocupação de unificação da mentalidade cultural, que supostamente seria importante para a formação da juventude e de uma alma nobre da nação, isto é, se institucionalizava uma elevada cultura, em detrimento de uma cultura desagregada, marginalizada, expressada pelos

vários movimentos populares, no caso das minorias étnicas, como por exemplo os grupos que representavam as religiosidades afro-brasileiras. Buscava-se homogeneizar a língua, os costumes, comportamentos, leis, idéias e pensamentos, de maneira a propiciar um estado fortalecido, controlador do progresso tecnológico, intelectual e promissor da nação brasileira. Alguns importantes intelectuais foram convidados a participar deste fabuloso projeto nacionalista, como: Mário de Andrade, líder modernista da década de 20; Lúcio Costa, arquiteto, construtor do prédio do Ministério da Educação durante o “Estado Novo”; Tristão de Athaíde, jornalista, um dos líderes da ação católica; Carlos Drummond de Andrade, poeta, autor de várias poesias, prosas na literatura moderna brasileira; Heitor Villa-Lobos, maestro e compositor, reunindo a vasta temática simbólica do folclore brasileiro, transformando-a em magníficas composições, que

51

serviam de base a formar os famosos cantos orfeônicos, onde se juntavam nos grandes estádios, alunos e professores das escolas públicas em perfeito sinal de harmonia com as políticas intervencionistas preconizadas. Anísio Teixeira contribuiu na formação do ideal de uma escola pública que favorecesse a todos, em caráter de igualdade, de oportunidade, formando elementos que serviriam de base ao engrandecimento da nação. Não poderia deixar de elucidar as importantes contribuições clássicas na historiografia brasileira, como às obras de Gilberto Freyre, “Casa Grande & Senzala”, Sérgio Buarque de Hollanda, “Raízes do Brasil” e Caio Prado Júnior, “Formação do Brasil Contemporâneo”. Enfim, inviabilizando as atuações autonomistas da sociedade brasileira, teria-se que se redescobrir o Brasil, suas raízes, elevando culturalmente o seu povo, produzindo grandes realizações literárias, musicais, teatrais, embasadas nas manifestações folclóricas com toques de erudição. Estes intelectuais seriam artífices da construção de uma legitimação cultural nacional, inibidora das tensões das diferenças de classes, teríamos um Brasil forte, integrado e potencialmente preparado para o seu efetivo progresso. Se priorizava as temáticas cívicas, envolvendo a disciplina ordenadora do sistema político, fundamentando um estado protecionista, que deliberava as questões trabalhistas a favor do proletariado, contrário às manifestações pluralistas da sociedade. Estas eram as diretrizes básicas à manutenção do poder político e autoritarista imposto no chamado período do “Estado Novo” (4).

Neste período no tocante às manifestações da religiosidade afro-brasileira, mas especialmente a busca da legitimação do culto umbandista frente a aceitabilidade do sistema político e a respeitabilidade da sociedade vigente, ocorreram inúmeras perseguições aos cultos advindos da cultura africana ou indígena, nos quais a Umbanda provavelmente estaria inserida. Porém, pela influência da classe média urbana presente nas sessões umbandistas, concorreu ao estabelecimento de inúmeras estratégias à legitimação do culto, aproveitando os ensejos da matriz cultural brasileira, cuja influência sofreu da cultura do índio, do branco e do negro. Nisto se investiria na perspectiva de construção de uma legítima “Religião Brasileira”, pois a sua constituição se configurava pelas influências científicas do kardecismo, o espírito cristão do catolicismo e as terapêuticas naturais africanas e indígenas, através dos usos das ervas, dos rituais

nos campos sagrados, do estabelecimento de regras e procedimentos litúrgicos que evidenciariam o aspecto de seriedade, responsabilidade e cumplicidade, principalmente nos elementos de identificação altruísta da doutrina do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através de Zélio de Moraes, que preconizava “a manifestação do espírito para a caridade”. Com isto, estaria presente o resgate histórico da alma devocional do brasileiro. Mesmo com esta prerrogativa, em vários momentos ocorreram inúmeras perseguições aos cultos afro-brasileiros em geral, e especialmente àqueles denominados umbandistas, que de alguma maneira tentavam se diferenciar, pois traziam uma mensagem diferente daquelas que possivelmente se vislumbrava nos outros cultos. É importante verificar, que a Umbanda se desenvolve entre Niterói e o Rio de Janeiro, então distrito federal, nutrindo de uma força representativa e simbólica muito presente na formação de uma

52

identidade religiosa brasileira. A Umbanda neste momento buscava se inserir como uma ramificação do espiritismo kardecista, não se identificando com os cultos afro-brasileiros, no caso a macumba. Muitos umbandistas ao serem questionados quanto a sua identidade religiosa se diziam espíritas, inclusive até hoje ouvimos estas respostas. O registro dos centros umbandistas, como mencionado anteriormente, em cartório, deveria ser acrescentado o termo espírita e muitas das vezes ocultava-se o nome de determinado orixá, como por exemplo, Iansã, permanecendo o nome de “Santa Bárbara” que denominava determinada tenda fundada, como no caso das sete tendas fundadas pelo caboclo através do médium Zélio.

Como afirmava o jornalista Leal de Souza, presidente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, os umbandistas teriam que separar o “joio do trigo”, pois para alguns pensadores a Umbanda seria a evolução da macumba, porém não se identificando com esta terminologia. Os cultos umbandista seriam espíritas ou africanistas? O escritor mencionado acima, em 1932, no livro “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda”, opina acerca do termo “Macumba” no capítulo XIII:

“A macumba se distingue e caracteriza pelo uso de batuques, tambores e alguns instrumentos originários da África. Essa música bizarra em sua irregularidade soturna, não representa um acessório de barulho inútil, pois exerce positiva influência nos trabalhos, acelerando, com suas vibrações os lances fluídicos. As reuniões não comportam limitações de hora, prolongando-se, na maioria das situações, até o alvorecer. São dirigidas sempre por um espírito, invariavelmente obedecido sem tergiversificações, porque está habituado a punir os recalcitrantes com implacável rigor. É, de ordinário, o espírito de algum africano, porém também há de caboclos. Os métodos, seja qual for a entidade dirigente são os mesmos, porque o caboclo aprendeu com o africano. Os médiuns que ajudam o aparelho receptor do guia da reunião às vezes, temem receber as entidades auxiliares. Aquele ordena-lhes que fiquem de joelhos, dá-lhes um copo de vinho, porém com mais frequência, puxa-lhes, com uma palmatória de cinco buracos, dois alentados bolos. Depois da incorporação, manda queimar-lhes pólvora nas palmas das mãos, que se torna incombustível quando o espírito toma posse integral do organismo do médium.

Conhecendo essa prova e seus resultados quando a incorporação é incompleta, apassivam-se os aparelhos humanos, entregando-se por inteiro àqueles que devem utiliza-los. Os trabalhos, que, segundo os objetivos, participam da magia, ora impressionam pela singularidade, ora assustam pela violência, surpreendem pela beleza. Obrigam a meditação, forçam ao estudo, e foi estudando-os que cheguei à outra margem do espiritismo”.

Este escritor, que pode ser representado por um dos componentes da classe média urbana formadora da Umbanda, no texto mencionado acima, demonstrou ser letrado, possuindo um adequado vocabulário, não coloquial, fazendo as suas considerações acerca das investidas jornalísticas nos diversos terreiros de macumba situados na Cidade do Rio de Janeiro, incluindo uma série de reportagens no livro “No Mundo dos Espíritos”. Nesta análise, pondera acerca da

53

ritualística verificada nos terreiros visitados, de maneira a caracterizar o comportamento primitivista dos adeptos encarnados e desencarnados, o nível educacional e intelectual do grupo em evidência, pertencente a determinada classe social considerada “inferior”, talvez! Nisto verificamos a sutil percepção de que a essência umbandista se distingue completamente destas nuances presenciadas. Em um outro capítulo do mesmo livro, o autor compara com as entidades umbandistas, demonstrando a humildade, a sabedoria e a capacidade terapêutica e civilizada das mesmas. Ele diz que os protetores que baixam nas tendas umbandistas, de linha branca, são sempre humildes, com uma linguagem comum, popular, causando dúvidas quanto a sua capacidade de lidar com os problemas psicológicos e materiais, porém surpreendem seus consulentes, pois revelam conhecimentos profundos acerca de vários temas científicos envolvendo humanidades, medicina, história, física e conhecimentos gerais. Com isto, vislumbramos a busca da aceitabilidade da Umbanda legitimada pelos seus aspectos altruísticos vivenciados na prática ritualística e litúrgica das suas sessões terapêuticas. E mais, dentro dos códigos das leis, a Umbanda estava se colocando com uma prática religiosa que se estabelece dentro dos requisitos previstos, sejam de manutenção da ordem, da disciplina e da severidade dos seus procedimentos devocionais. Nisto verifica-se uma das estratégias de legitimação do culto.

Com respeito ao aspecto da lei, a Umbanda deveria se adequar aos pressupostos jurídicos que delineavam o controle dos hábitos, comportamentos e expressões dos vários grupos religiosos, principalmente na crença da magia advinda dos mecanismos ritualísticos dos feitiços, que presentes desde a época da colonização no Brasil, procuravam-se resolver todos os tipos de problemas materiais, físicos e emocionais, através de mezinhas, preparos de ervas, invocações, evocações, rezas e procedimentos cabalísticos trazidos da Europa, ou da vivência do contato das etnias africanas e indígenas. No limiar da República, de acordo com a Profa. Yvonne Maggie, no seu livro “Medo de feitiço: Relações entre Magia e Poder no Brasil”⁽⁵⁾, nos remete que com o decreto de 11 de outubro de 1890, o estado brasileiro cria alguns mecanismos de regulação no combate aos feiticeiros, curandeiros e possíveis manipuladores da fé. Se institui o Código Penal, onde nos artigos pertinentes combatia-se à prática ilegal da medicina, à magia, o curandeirismo e

o charlatanismo. Nesta tentativa de controle pelas autoridades, estava presente o temor dos malefícios causados pelos possíveis feitiços, a proposição das questões ligadas à saúde mental, higienização dos hábitos e comportamentos, civilizando-os, inibindo àqueles que produziam tais empreendimentos mágicos. Havia a possibilidade de desorganização social, desregramento e desequilíbrio da sanidade mental, pois o uso de determinados rituais poderiam influenciar de maneira maléfica a boa conduta da sociedade. Poderia-se influenciar no fechamento dos caminhos, geração de inúmeras doenças ou possíveis curas, manutenção de amantes ou retorno dos maridos perdidos, etc. Criam-se intervenções estatais instituindo juizados especiais e toda uma estrutura de pessoal capaz de resolver esta problemática considerada atrasada, inferior e marginalizada. É importante salientar que em 7 de janeiro de 1890, o governo provisório, decreta

54

que proibia toda a intervenção da federação em geral com relação aos aspectos de religiosidade da população, pois em um país republicano, seria consagrado o direito pleno de liberdade de culto, na extinção monopolizadora da Igreja Católica, pois configurava-se um estado laico, porém não estabelecendo nitidamente o conceito de “confissão religiosa”, de acordo com o texto da Profa. Yvonne Maggie. Contudo estabelecia-se um controle contra as práticas consideradas contrárias a civilização de uma boa sociedade e a prática legal da medicina, claro, contendo estratégias de um poder intervencionista, regulamentando as atividades religiosas. Haveria possibilidade de se adquirir a individualidade jurídica através da devida inscrição do contrato social, de determinado agrupamento religioso, no registro civil da circunscrição onde se estabeleceria a sede da instituição, possibilitando a sua devida organização oficial. Isto regulamentado em 1893, na lei no. 173, de 10 de setembro, nos termos do artigo 72, 3º da constituição, tendo no artigo 1º da lei mencionada, a individualização jurídica.

A supervisão policial caberia coibir as práticas desordenantes das expressões de religiosidades mágicas, identificando-as e combatendo-as de acordo com a lei estabelecida. No período de 1890 a 1940, ocorrendo uma institucionalização “do aparato jurídico”, se utilizou de maneira intensiva ao combate àqueles que eram considerados os desviantes das leis, os curandeiros, feiticeiros e charlatões. Neste contexto a Umbanda se insere de maneira veemente, procurando estruturar estratégias a sua efetiva legitimação. Tentava-se de maneira brusca reprimir as manifestações advindas dos remanescentes cultos indígenas ou negros, ponderando que o chamado “sincretismo religioso” entre os santos católicos e orixás africanos, foi legitimado na tentativa de assimilação dos valores cristãos, surgindo as religiões afro-brasileiras. Na tentativa de afirmação do culto umbandista, argumenta-se que surgiram determinadas federações, representadas pela classe média urbana, que iriam intermediar, junto ao poder central, os interesses dos grupos frente as repressões policiais, intervindo em políticas organizacionais, jurídicas e legitimadoras. Exemplificando esta atuação, em um relatório da polícia federal, em 1928, estaria-se confiando uma campanha contra o curandeirismo, o baixo espiritismo, o

candomblé, a macumba, o falso espiritismo, através da criação da comissão do Dr. Augusto Mattos Mendes, atendendo em todo distrito federal.

A partir de 1927, os chamados “Centros Espíritas”⁽⁶⁾ estavam sendo controlados pela polícia, onde de 1934 a 1945 seriam ligados à primeira delegacia auxiliar. No ano de 1934, irão ser organizadas as polícias de costumes que controlariam as instituições religiosas e as ligadas a medicina. Em 1937, é criada a seção de tóxicos e mistificações, regulamentando a especificidade da sua atuação, principalmente ligada aos agrupamentos afro-brasileiros, inibindo a possibilidade do uso da maconha, já dimensionado entre os negros marginalizados, sendo vislumbrados os antecedentes criminais. Para que um determinado centro espírita funcionasse deveria entrar com um processo de registro, seguindo ao gabinete policial que outorgaria o desenvolvimento dos trabalhos a serem realizados ou não, dependendo da tipologia da ritualística

55

e dos aspectos doutrinários pregados, não infringindo os pressupostos legais compreendidos na lei, já mencionados anteriormente. Neste sentido foram estabelecidas as estratégias de legitimação e institucionalização da Umbanda, que se constituiriam de um arcabouço teológico em processo de construção na manutenção e estabilização dos pressupostos doutrinários preconizados e da liturgia praticada nos centros umbandistas.

Alguns líderes umbandistas estavam ligados ao poder autoritário de Getúlio Vargas, pois até em certos terreiros ostentava-se o retrato do ditador, de acordo com o autor do livro “Umbanda e sua História”, Diamantino F. Trindade. Mesmo assim, em muitos terreiros ocorreram perseguições, frente a lei de costumes e diversões de 1934, já citada, onde a Umbanda, o Espiritismo, os Cultos Afro-Brasileiros, a Maçonaria, estariam ligados ao Departamento de Tóxicos e Mistificações do Rio de Janeiro, lidando com álcool, drogas, jogo e prostituição, vigorando até 1964. As perseguições eram caracterizadas pelo aprisionamento dos adeptos dos cultos, recolhimento dos objetos, instrumentos e utensílios dos terreiros, supostamente usando a violência e o desrespeito às manifestações culturais expressadas, muitas vezes se desconfiando que os macumbeiros poderiam dar guarida aos comunistas, sendo confundidos, também, como subversivos. Muitas vezes, na troca de proteção, alguns policiais corruptos cometiam o ato da extorção junto aos terreiros perseguidos. Os governos republicanos perseguiram determinadas manifestações religiosas de forma a garantir a lei, como no governo de Washington Luís (1926-1930), tudo isto para assegurar o processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, distrito federal, através de uma mentalidade higienista contra áqueles que contrariavam este projeto civilizatório, sendo catalogados os malefícios à sanidade pública e à nacionalidade, principalmente os feiticeiros, macumbeiros, curandeiros e charlatões, que proliferavam nos arredores da capital brasileira. Configura-se esta perseguição através de denúncias anônimas à polícia, contra os batuques, oferendas nas encruzilhadas, festejos comemorativos, rituais noturnos nos terreiros, que se caracterizavam por acusações, averiguações e prisões, muitas vezes contestadas, se abriam processos, que em alguns casos não se direcionavam ao julgamento. Com

base neste contexto analisado, as federações espíritas e no ano de 1939, na criação da Federação Espírita de Umbanda, através de Zelio de Moraes, irão se estabelecer acordos com a polícia, influenciando no adequado funcionamento das instituições. Segundo Diana Brown (1985), “como resposta à repressão, é criada a federação umbandista”. Em 1941, ano do Primeiro Congresso Umbandista, o delegado Filinto Muller exigiria que os centros espíritas, em geral, deveriam ser registrados na Delegacia de Polícia Política. No processo de legitimação e institucionalização destes cultos espiritualistas, e se falando da Umbanda, a necessidade de manter os agrupamentos ritualísticos corroboraram com as estratégias estabelecidas, a edição do jornal umbandista, a estruturação de um congresso nacional e a representatividade através de uma federação.

No ano de 1941, alguns líderes umbandistas, pertencentes à Federação Espírita de Umbanda, iriam propor a realização de um congresso nacional umbandista, onde possibilitaria a

56

discussão com os demais adeptos do culto, na tentativa de criar uma identidade, estabelecendo uma codificação para a Umbanda. Realmente ocorreu o 1º. Congresso de Espiritismo de Umbanda, no Rio de Janeiro, entre os dias 19 a 26 de outubro de 1941. Faziam parte da comissão organizadora do congresso os seguintes confrades: Sr. Jayme S. Madruga, Sr. Alfredo Antônio Rego e Sr. Diamantino Coelho Fernandes. Buscava-se a consolidação doutrinária e filosófica do verdadeiro espiritismo de Umbanda. Esta comissão preconizava que o culto umbandista *não poderia ser considerado um conjunto de fetiches, seitas ou crenças originárias de povos incultos ou aparentemente ignorante. Esta nobre doutrina seria uma corrente altruísta do pensamento humano existente na Terra há mais de 100 séculos, cuja raiz se perderia na profundidade insondável das mais antigas filosofias* (7). A Umbanda perante os seus fundamentos e princípios, poderia-se perceber a aglutinação de todas as religiões, ciências e filosofias universais. E de conveniência prévia, respeitaria as exigências da ordem pública e dos bons costumes, como bem é percebido no discurso conclusivo do primeiro congresso umbandista pronunciado pelo 1º. secretário da Federação Espírita de Umbanda, Sr. Alfredo Antônio Rego:

...“Realmente, Srs. Congressistas, que mais poderíamos desejar além da harmonia em que decorreram todas as nossas assembléias, e do alto valor dos trabalhos que aqui foram apresentados? Tendo estabelecido como pontos fundamentais deste Congresso, a codificação da História, Filosofia, Doutrina, Ritual, Mediunidade e Chefia Espiritual, temos hoje a imensa satisfação de proclamar o pleno cumprimento do programa que traçamos, o qual foi executado fiel e rigorosamente, durante as oito noites de nossas reuniões. ...Que o Espiritismo de Umbanda possa, outrossim, iluminar todas as consciências, inspirar, guiar e proteger as nossas autoridades na sua difícil missão de preservadoras da Ordem e Progresso do Brasil, especialmente ao Exmo. Sr. Presidente da República, Ministros de Estado, Membros do Poder Judiciário, Chefe de Polícia, seus auxiliares e todos os demais colaboradores da Administração Pública, e bem assim às suas Exmas. Famílias, imploremos a Jesus que assim seja!”.

A idéia da estruturação de um congresso umbandista estava ligada diretamente às preocupações da Federação Espírita de Umbanda em homogeneizar as práticas ritualísticas das diversas tendas que desenvolviam esta modalidade de trabalho espiritual, tendo em vista o elevado número de instituições na capital federal. O objetivo principal era divulgar a essência da espiritualidade umbandista em detrimento de outras práticas inferiores de contato com os seres desencarnados, como os remanescentes dos cultos afro-brasileiros, a macumba, o baixo-espiritismo, o curandeirismo, os feiticeiros e fetichistas, onde algumas pessoas consideradas menos esclarecidas praticavam este tipo de ritualística primitiva, involutiva, degradantes e pouco civilizada. Nisto separando verdadeiramente “o joio do trigo”, necessitava-se legitimar esta modalidade de culto, principalmente frente às autoridades públicas. Quando da fundação da Federação Espírita de Umbanda em 1939, deliberou-se a necessidade de preparação de um congresso aonde poderia se estudar, debater e codificar a doutrina umbandista, *a fim de varrer de uma vez o que por aí se*

57

praticava com o nome de Espiritismo de Umbanda, e que no nível de civilização a que atingimos não tem mais razão de ser” (8). Sendo assim, foi proposta a nomeação da comissão organizadora, apresentando em fins de julho de 1941 o programa elaborado com referência ao congresso umbandista, contendo os trabalhos a serem apresentados durante as reuniões plenárias. O presidente da referida federação, Sr. Eurico Lagden Moerbeck, realizou inúmeras reuniões preparatórias, escutando as orientações dos guias espirituais, incluindo o “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, dos membros das tendas fundadas através de Zélio de Moraes e dos demais líderes umbandistas. A primeira reunião ocorreu na “Tenda de São Jeronimo”, avaliando os diversos obstáculos materiais, financeiros, logísticos e políticos a vencer. Posteriormente houve uma segunda reunião na “Tenda Humildade e Caridade”, contribuindo à discussão das proposições a serem debatidas. Dando continuidade das reuniões na “Tenda São Jorge”, foram processados e digeridos novos esclarecimentos à comissão organizadora. Um penúltimo encontro ocorrido na “Tenda de N.Sa.da Conceição”, norteou os líderes umbandistas nos parâmetros a serem seguidos nas palestras. Uma última reunião, verificada às vésperas do congresso, estando presentes toda a diretoria da federação umbandista, demais tendas associadas e chefes de terreiro, onde foram definidos o arcabouço geral dos trabalhos a serem apresentados no período determinado pela ocorrência do pleito. Com isto, foi elaborado o programa a ser seguido pelo Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda: “Investigação histórica em torno das práticas espirituais de Umbanda através das antigas civilizações, da Idade Média até aos nossos dias, de modo a demonstrar a evidência de uma profunda raiz da gênese umbandista; Coordenação dos princípios filosóficos em que se apóia o Espiritismo de Umbanda, pelo estudo de sua prática nas mais antigas religiões e filosofias conhecidas, e sua comparação com o que vem sendo realizado no Brasil; Uniformização dos princípios doutrinários a serem adotados no Espiritismo de Umbanda, pela seleção dos conceitos e recomendações que se apresentarem como merecedoras de estudo, para o maior esclarecimento dos seus adeptos; Coordenação das várias

modalidades de trabalho conhecidas, a fim de se proceder à respectiva seleção, e recomendar a adoção da que for considerada a melhor delas em todas as tendas de Umbanda; Coordenação das várias modalidades de desenvolvê-la e sua classificação segundo as faculdades e aptidões dos médiuns; Coordenação de todas as vibrações em torno de Jesus, cuja similitude no Espiritismo de Umbanda é “Oxalá”, o seu Chefe Supremo” (9). Sendo estabelecido o programa do congresso umbandista, foi considerado pelos organizadores como o maior esforço realizado no Brasil acerca do Espiritismo de Umbanda. Das várias questões abordadas no congresso, uma explicação plausível à legitimação umbandista estaria ligada a desafricanização da sua ritualística, onde a Umbanda seria uma religião bem mais antiga que os cultos africanos ou indígenas. Ela incorporava a chamada “magia universal” tendo os seus embasamentos esotéricos e cabalísticos advindos das escolas egípcias e hindus. Ainda estando em pauta a sua origem na Lemúria,

58

o fantástico continente perdido, derivando a sua significação da expressão sânscrita: “AUM + BHANDÃ”, sendo traduzido pelo conjunto das leis divinas, luz irradiante, fonte permanente de vida e evolução em constante movimentação. Concluiu-se que a Umbanda seria uma religião, ciência e filosofia, de acordo com o grau de evolução dos seus adeptos, estando a sua prática assegurada pelo artigo 122, 4º. da Constituição Federal de 10 de novembro de 1937 e pelo artigo 208 do Código Penal a entrar em vigor em 1º. de janeiro de 1942, possuindo um procedimento litúrgico, doutrinário, utilizando uma ritualística apropriada, cientificamente explicada na utilização dos instrumentos magísticos, estando no mesmo nível teológico das demais religiões conhecidas no mundo. Sua doutrina era baseada no princípio da reencarnação do espírito nas várias vidas em sucessão neste planeta de provas e expiações, seguindo todas as etapas evolutivas necessárias ao aprimoramento espiritual de cada alma. A filosofia umbandista iria consistir no reconhecimento do ser humano como uma parte da divindade, emanada de forma límpida e pura, se reintegrando ao fim da vida, isto é, no final da sua última encarnação, neste mesmo estado de integridade, pelas conquistas e esforços próprios de aprimoramento moral. Não haveria religiões melhores que a Umbanda, todas seriam consideradas positivas se fossem praticadas com sinceridade e amor, pois acreditava-se que cada uma delas faziam parte de inúmeras interpretações dos aspectos divinos emanados pelos raios vibracionais do universo, através do grande arquiteto, Deus, tudo de acordo com o nível consciencial de cada um. Reconhecia-se Jesus Cristo como Chefe Supremo do Espiritismo de Umbanda, onde a partir dele eram emanados os sete raios representados pela cúpula de entidades altamente evoluídas, representadas pelas sete linhas umbandistas, que se dividiriam em falanges de guias, protetores, guardiões, batalhões de trabalhadores invisíveis, na forma de “Caboclos”, “Pretos-Velhos”, “Crianças” e demais ramificações vibracionais. Seriam o Conhecimento, a Humildade e a Pureza assim representadas na “Manifestação do Espírito para a Caridade”. A Umbanda seria o resgate da

humanidade, restaurando um laço de comunhão divina perdida a milhares de anos, nas mais longínquas eras, buscando no aprimoramento moral a evolução ⁽¹⁰⁾.

De acordo com o Prof. José Henrique Motta de Oliveira, na sua análise comparativa das estratégias de legitimação da Umbanda durante o Estado Novo, presente na sua importante dissertação onde se aprofunda na reflexão da disposição do culto umbandista entre a macumba e o espiritismo ⁽¹¹⁾, pontua que:

“As estratégias adotadas pelos líderes do movimento umbandista refletiam as aspirações sociais daquele período histórico e visavam inserir a nova religião em uma conjuntura de recriação dos valores nacionais. Nesta perspectiva, os umbandistas foram capazes de mediar simultaneamente, códigos sociais, políticos e religiosos, para transformar magia em religião, curandeiros em sacerdotes, assistencialismo em caridade e, conseqüentemente, prestígio político e respeitabilidade religiosa”.

59

Esta idéia estabelece que as práticas afro-indígenas poderiam se integrar na moderna sociedade brasileira, onde na própria nomenclatura apresentada no primeiro congresso umbandista de “ESPIRITISMO DE UMBANDA”, norteia toda uma estratégia de reconhecimento das autoridades governamentais, acabando com a perseguição policial, tendo uma maior área de abrangência do culto, apresentando uma digna abertura na manutenção da ordem e do progresso em uma nação civilizada. Nos próprios anais do congresso em análise são apresentados estes norteamentos de aceitabilidade social, envolvendo filosofia, doutrina e codificação das formas ritualísticas, terapêuticas e litúrgicas da então considerada a mais nova “Religião Brasileira”. É interessante verificar nas análises refletidas no trabalho acadêmico mencionado acima, que a Umbanda, através dos seus líderes intelectuais, procuravam integrar uma linguagem científica que deveria separar das fantasias, superstições e crendices dos remanescentes dos cultos afro-indígenas, a nova religião deveria ser vista como uma expressão da “evolução cultural” do povo brasileiro. Complementando estas reflexões, temos a considerar mais uma análise do Prof. José Henrique Motta de Oliveira:

“A Federação Espírita de Umbanda visava a regulamentação de uma nova religião, representante de uma aspiração orgânica-corporativista de uma coletividade hierarquizada e sob a liderança de uma elite de sacerdotes intelectualizados. Seria um órgão centralizador e burocrático, a FEU teria a autoridade para realizar operações de codificações das crenças e ritos, normatizando e homogeneizando o culto umbandista”.

O primeiro congresso umbandista, divulgado nos principais jornais da capital, visava então diminuir os preconceitos dos padrões conservadores da sociedade brasileira. Na perspectiva de representação simbólica estes mesmos líderes umbandistas apresentaram um “memorial” às autoridades policiais do Distrito Federal, explicando em detalhes específicos todos os aspectos doutrinários, ritualísticos da nova religião, como também, todas as normas e procedimentos

administrativos centralizados na federação umbandista com relação aos terreiros filiados (12). Posteriormente inúmeras federações surgiram representando os mais diversos interesses dos adeptos umbandistas espalhados pelo país afora, agrupando influências “*entre uma categoria umbandista intelectualizada a uma mais popular*”, de acordo com o Prof. José Henrique na sua dissertação. A proposição de uma codificação foi realizada através do congresso, lançamento de livros, como “O Culto de Umbanda em Face da Lei”, jornais específicos e inúmeras palestras elucidativas.

Em uma perspectiva de reelaboração de memória, em um exercício de investigação histórica, principalmente com relação a proposição do culto umbandista através do advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” pelo médium Zélio Fernandino de Moraes, torna-se importante mencionar algumas produções construídas neste contexto histórico que irão embasar as digressões refletidas anteriormente. Como antes analisado, ocorreram várias tentativas de codificação da Umbanda paralelas à realização do primeiro congresso, buscando uma

60

evangelização doutrinária. Importante lembrar que foi nas palestras elucidativas do congresso umbandista de 1941, que foram aprovadas as Sete Linhas de Umbanda, preconizadas por Leal de Souza, sendo sincretizadas com os Santos da Igreja Católica, compostas da seguinte maneira: OXALÁ (Nosso Senhor do Bonfim); OGUM (São Jorge); OXÓSSI (São Sebastião); XANGÔ (São Jerônimo); IANSÃ (Santa Bárbara); YEMANJÁ (Nossa Senhora da Conceição); AS ALMAS (Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, etc). Acredita-se que devido ao seu profundo estudo, vivência e conhecimento as sete linhas foram aprovadas no congresso umbandista. Outras federações deram várias classificações inserindo outras linhas, como as de OXUM, NANÃ BURUQUÊ, IBEJADA, entre santos, entidades, guias e protetores dos mais variados arquétipos. De acordo com a Federação Espírita de Umbanda, as deliberações com relação a codificação do culto umbandista e a sua homogeneização e padronização doutrinária, simplicidade ritualística, o uso de um vestuário comum a todos de cor branca, estabelecendo os horários das sessões, dentre outros procedimentos pertinentes aos regimentos das tendas fundadas a partir da Tenda N.Sa. da Piedade, havia a preocupação de que se seguisse uma direção com o propósito de legitimar a nova religião que iria representar a alma brasileira. Porém, por vários interesses pessoais, alguns líderes umbandistas disputavam esta legitimação na deturpação dos direcionamentos estabelecidos.

Alguns líderes umbandistas se projetaram na contribuição da legitimação do culto através das suas propostas de codificação, como: Leal de Souza, “O Espiritismo, a Magia, e as Sete Linhas de Umbanda”(1932); Waldemar Bento, “Magia do Brasil”(1932); João de Freitas, “Umbanda”(1939); Emanuel Zespo, “Codificação da Lei de Umbanda”(1941); Lourença Braga, “Trabalhos de Umbanda”(1946); Mestre Yokanan, “Evangelho de Umbanda”(1954); Cavalcanti Bandeira, “O Que é Umbanda”(1970); Jota Alves de Oliveira, “Evangelho na Umbanda”(1970).

No final do Estado Novo, em 1945, houve uma dinamização do culto umbandista nacionalmente. Diversas instituições e novas federações serão fundadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais. Diamantino F. Trindade, no livro “Umbanda e sua História”, nos informa que em 1950, irá começar a penetração do culto umbandista no Rio Grande do Sul, através de Moab Caldas, que foi eleito Deputado Estadual. Em uma dessas federações, a Congregação Espírita Umbandista do Brasil, através do importante líder Tancredo da Silva Pinto, irá defender a influência africana no culto umbandista, instituindo o denominado Omolocô, onde se interagiam as ritualísticas da cultura religiosa afro-brasileira com os pressupostos preconizados pela Umbanda. Ele se torna um grande divulgador, escritor e colunista, onde por vários anos escreve em uma coluna no jornal O Dia, recomendando uma maneira mais africanizada de se trabalhar a ritualística umbandista. Ficou conhecido como o “Tata de Umbanda”. Realizou várias articulações políticas na década de 50, instituindo a Festa de Yemanjá no dia 31 de dezembro, sendo considerada uma data importante aos umbandistas em 1967, como também na criação de uma praça dedicada aos “Pretos-Velhos” em Inhoaíba, na zona oeste carioca.

61

Tentava-se africanizar os rituais umbandistas. Ocorreu em 1956, uma coligação entre os representantes das duas correntes, sendo denominada de Colegiado Espírita do Cruzeiro do Sul e tinha a União Espiritista de Umbanda do Brasil (antiga FEU), como uma importante articulante. Esta coligação, de acordo com Diamantino F. Trindade, conseguiu uma importante penetração política, elegendo vários candidatos nos estados da federação, como em 1958, a Umbanda, conseguia eleger Átila Nunes, importante radialista que se dedicava aos programas umbandistas, juntamente com sua esposa a Sra. Bambina Bucci, denominado “Melodias de Terreiro”. Átila Nunes, foi considerado um grande articulista à legitimação da Umbanda no Rio de Janeiro por vários anos, possuindo uma coluna denominada “Gira de Umbanda”, na Gazeta de Notícias, expressando em artigos vibrantes a essência do que deveria ser considerado a verdadeira Umbanda em detrimento das deturpações dos falsos líderes umbandistas, que se utilizavam da ritualística em proveito próprio. Concomitantemente, vários jornais, como o “Jornal de Umbanda” da UEUB, programas de rádios, publicações de livros doutrinários iriam de uma forma efetiva marcar o processo de legitimação e institucionalização da Umbanda. Na década de 1950, o líder umbandista W.W. da Matta e Silva, com o advento de “Pai Guiné”, seriam publicadas importantes obras elucidativas ao movimento umbandista, como o livro “A Umbanda de Todos Nós”, trazendo maiores aprofundamentos das palestras direcionadas no primeiro congresso umbandista em 1941, contribuindo na estruturação dos ensinamentos esotéricos, isto é, cabalísticos da doutrina proposta, onde já se esperava este acontecimento, como nos informa Diamantino F. Trindade. No livro editado pela Tenda Espírita São Jorge, em 1953, “Umbanda e Seus Cânticos”, de João Severino Ramos, presidente da respectiva tenda, iremos perceber esta assertativa:

“Um movimento de aglutinação se opera entre as agremiações de Umbanda. Busca-se um denominador comum para todos. Caminha-se a largos passos para uma necessária uniformização das normas de trabalho, no que elas possuem de fundamental. Delineia-se, em nítidos contornos, a estrutura de uma doutrina que nos revelará, afinal, a Umbanda Esotérica, pois os tempos são chegados”.

Em janeiro de 1961, acontece no Rio de Janeiro, o segundo congresso umbandista, onde no estádio do Maracanãzinho, representantes de vários estados brasileiros, políticos municipais e estaduais, e demais adeptos e chefes de terreiro, demonstraram o potencial de crescimento da nova religião, de acordo com a antropóloga americana Diana Brown. O Prof. Vagner Gonçalves da Silva, no seu livro “Candomblé e Umbanda, Caminhos da Devoção Brasileira”, nos remete que *“foi na década de 1960 que a Umbanda, já com amplas bases e aproveitando-se de suas alianças políticas, pôde ampliar sua organização e legitimação perante a sociedade”*. O clientelismo eleitoral foi consubstancial aos seus propósitos de institucionalização. O autor mencionado acima, ainda considerou que as posições contrárias ao regime militar, em 1964, com pertinência aos setores radicais da Igreja Católica, que também se colocavam opostos às

62

posições doutrinárias umbandistas, se identificavam com os líderes esquerdistas de oposição ao governo, contribuindo a um maior dimensionamento da nova religião, ainda pela participação de muitos militares no culto. Já os setores conservadores do catolicismo foram sumariamente representados, na década de 1950, pelo Frei Kloppenburg, publicando livros, periódicos e ministrando diversas palestras de exortação aos males psíquicos do Kardecismo e da Umbanda, com propostas de excomunhão dos frequentadores católicos, pois considerava-se um pecado mortal. Mudando o seu posicionamento frente às proposições ecumênicas do Concílio Vaticano II, no início da década de 1960, pelo papa João XXIII, considerada uma etapa importante na história do catolicismo, pois reunindo cerca de 500 bispos, este conclave abordou importantes temáticas através da publicação de 16 documentos, incluindo três declarações acerca do posicionamento da liberdade religiosa e reconhecimento das religiões que não eram consideradas cristãs, como o hinduísmo, budismo, islamismo, judaísmo, e no caso brasileiro, o espiritismo, os cultos afro-brasileiros e a Umbanda.

No contexto histórico delineado em 1964, o Prof. Vagner Gonçalves nos remete uma importante declaração da Profa. Diana Brown, do livro “Uma História da Umbanda no Rio”, onde afirma que:

“A Umbanda passou bem nas mãos da ditadura militar instituída em 1964. Diferentemente da ditadura anterior, sob Vargas, este governo militar não negou aos umbandistas seus direitos políticos enquanto umbandistas, nem a liberdade da prática religiosa. Ao contrário, a ditadura apoiou os ganhos políticos e sociais alcançados nos 15 anos anteriores e auxiliou a sua institucionalização. Foi sob a ditadura militar que o registro dos Centros de Umbanda passou da

jurisdição policial para a civil, em cartório, sendo reconhecida como religião no censo oficial, e que muitos dos seus feriados religiosos foram incorporados aos calendários públicos locais e nacionais, de caráter oficial”.(1985, p.37).

Com isto, a Umbanda foi gradativamente conquistando permissão legal e apoio político e institucional do governo na realização das suas comemorações e ritualísticas nos espaços públicos e privados, se legitimando socialmente.

Em 1973, ocorre o terceiro congresso umbandista, na confirmação da Umbanda como uma religião de importância nacional, atuando de forma efetiva no assistencialismo social, fundando novas casas de culto, escolas, creches, ambulatórios, distribuindo cestas básicas aos necessitados, promovendo a “Manifestação do Espírito para a Caridade”. Nesta época, de acordo com Omolubá, no seu livro “Fundamentos de Umbanda-Revelação Religiosa”, foram veiculados importantes periódicos como: “Macaia”, “Seleções de Umbanda”, “Tablóide de Umbanda”, suplemento dominical do Jornal Gazeta de Notícias, “Mironga”, sendo publicados no Rio de Janeiro. Já em São Paulo: “Tribuna Umbandista”, “Umbanda em Marcha”, “Aruanda”, “Vanguarda da Umbanda”. Sendo importantes contribuições doutrinárias ao culto umbandista.

63

Em todos os congressos umbandistas a preocupação primordial estaria ligada à codificação, criando uma homogeneidade ritualística e doutrinária a todos os umbandistas do país. Omolubá pontua as principais temáticas abordadas nestes encontros: *“Origem do Culto, mediunismo, iniciação sacerdotal, criação de um órgão de comunicação nacional, estruturação de um fundo para aquisição de estações de rádio, organização de uma editora”*, porém com sérias dificuldades de viabilização destes projetos na prática, pelas incompatibilidades dos interesses de alguns líderes umbandistas, conflitos de compreensão doutrinárias e ritualísticas, pretensões autonomistas de determinados terreiros, distorções éticas, com algumas iniciativas coerentes de despertar da espiritualidade da alma brasileira. No ano de 1978, o Babalorixá Omolubá e o jornalista e pesquisador das religiões, Israel Cisneiros, se aprofundando nos meandros da codificação umbandista, publicam o livro “Fundamentos de Umbanda-Revelação Religiosa”, contribuindo na elucidação das principais leis regentes que interferem no culto umbandista, voltando a analisar as sete linhas, os sacramentos, as romarias, os rituais, o processo de iniciação sacerdotal, o credo umbandista, o panteão das entidades, guias e orixás e arquétipos simbólicos que os representam, se caracterizando numa fase de propagação e refluxo de afirmação doutrinária, na perspectiva dos autores acima mencionados.

No dia 12 de setembro de 1971, no Rio de Janeiro, com a intenção de congregar algumas representatividades federativas como, o Colegiado Espírita do Cruzeiro do Sul, o Supremo Órgão de Umbanda e Canbomblé do Estado de São Paulo, o Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo, é criado o Conselho Nacional Deliberativo da Umbanda, CONDU, com pretensões de influenciar nacionalmente, tendo o apoio de inúmeras outras federações umbandistas. Com a

participação dos líderes umbandistas, deputados, sociólogos, jornalistas, médicos, professores, advogados, dirigentes de terreiros. Este órgão a priori não aceitaria a filiação de templos ou de filiações individuais. Este conselho seria composto pelas federações a nível nacional, se constituindo em um órgão máximo que representasse o credo e o pensamento umbandista em terras brasileiras, preservando a Umbanda das distorções dos seus ideais religiosos, fiscalizando, em face da lei, o funcionamento dos diversos centros umbandistas. Esta instituição deveria ser reconhecida como representante da Umbanda, sendo composta pelas mais antigas e tradicionais entidades federativas no país, podendo se articular frente às autoridades oficiais, prosseguindo arduamente na manutenção de um processo de estruturação do culto umbandista, com uma racional organização administrativa, promovendo a unificação doutrinária e litúrgica (13). Sendo assim, no dia 21 de março de 1976, ocorre a Primeira Convenção Anual do Conselho Nacional Deliberativo da Umbanda, no Hotel Glória, Rio de Janeiro. Dentre os conselheiros, podemos citar: Sr.Jerônimo de Souza (RJ), Sr.Floriano Manoel da Fonseca (RJ e MA), Sr.Rosalvo da Cunha Leal (RJ), Sr.Átila Nunes (AM, PE e RS), Sr.Ildefonso Meira (RJ), Sra.Doris Maria de Souza Moreira (RJ), Sra.Florida Rodrigues (RJ), Sra. Lília Ribeiro (RJ, RS e SP) e o Sr. José Beniste (RJ).

64

Alguns exemplos de entidades federativas participantes: Cruzada Federativa Espírita do Estado do Amazonas, Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, Liga Espírita de Umbanda Riograndina (RS), Federação Umbandista do Grande ABC (SP), Congregação Espírita Umbandista do Brasil (RJ), Federação Brasileira de Umbanda (RJ), Aliança Umbandista do Estado do Rio de Janeiro, Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado do Piauí, dentre outras, do Paraná, Santa Catarina, Pernambuco, Pará, Alagoas, Minas Gerais, Goiás. Os trabalhos a serem desenvolvidos na convenção giravam em torno da construção da identidade umbandista, analisando as verdadeiras origens do culto umbandista no Brasil, principalmente na alusão ao advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através do médium Zélio Fernandino de Moraes, propondo o reconhecimento definitivo do “Hino da Umbanda” em todo o território nacional; como também, do promulgação do Dia da Umbanda, enaltecendo o dia 15 de novembro de 1908, universalizando as comemorações ligadas a data da manifestação do caboclo e o início da institucionalização do culto umbandista; a busca de um reconhecimento oficial das entidades componentes do CONDU, objetivando a unificação, codificação e a uma efetiva estruturação doutrinária, litúrgica e ritualística para a Umbanda, a partir da proposta da “Manifestação do Espírito para a Caridade”. O culto ao evangelho seria o embasamento dos pressupostos umbandistas, sendo essencial à prática da mediunidade a humildade, ter elevado padrão moral, ilibado comportamento social, prestar socorro espiritual gratuitamente, não aceitando retribuição monetária, sendo que a Umbanda ensinaria a crer em um único Deus absoluto, nos Orixás, consideradas forças superiores que atuavam nos vários campos da revelação divina, sendo representados pelos guias, protetores e demais almas desencarnadas, que seriam os

trabalhadores astrais, na reencarnação como aprimoramento espiritual, na lei de causa e efeito, no amor ao próximo, embasando a fraternidade universal. Isto se resume no preâmbulo de J. Alves de Oliveira, um dos codificadores da doutrina umbandista presente nos anais da primeira convenção do CONDU:

“A Umbanda com a qual nos identificamos é a que tem finalidades elevadas e educativas, retificadoras e regenerativas, onde se recomenda a reforma íntima e o amor ao próximo. Onde se aconselha o perdão e não se atíça a luta. Onde já foi substituído o “olho por olho” de Moisés, pelo ensino de Jesus o Cristo. A Umbanda em nossos dias é um movimento dinâmico, produzindo magnetismo sadio. Renovação e constante evolução são as características dinâmicas que observamos. Sentimos a Umbanda como se fora uma esteira de luz a iluminar os filhos de Deus no caminho das trevas. Vemos a Umbanda como se fora uma casa de saúde a restabelecer os enfermos morais e espirituais. Vemos a Umbanda despertando as consciências, iluminando as veredas para a ascensão do homem, do espírito imortal. Umbanda chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam o amor universal, a imortalidade da alma, a vida futura e a reencarnação, consagrando-se como uma verdadeira religião de caráter nacional”.

65

Com sérias preocupações de sanar os desvirtuamentos, deturpações, clientelismos, atos de corrupção, aproveitamento da boa fé do povo, que pela ganância de alguns provocavam desvios às verdadeiras intenções da codificação do culto umbandista, principalmente envolvendo a satisfação dos desejos individuais em detrimento da coletividade em geral, sugeriam-se que os umbandistas estudassem com profundidade as várias temáticas envolvendo a doutrina, liturgia e ritual no tocante a formação de uma identidade cultural através da origem e formação da corrente astral da Umbanda, significados pertinentes as sete vibrações originais, as modalidades de mediunidade, a consciência das influências de poder exercidas pelos dirigentes, processos de iniciação sacerdotal, a finalidade dos pontos cantados e riscados e sua expressividade mística e cabalística, e toda uma estrutura logística, psicológica, emocional e administrativa envolvendo os processos terapêuticos magísticos da interação entre as energias encarnadas e desencarnadas, incluindo os espíritos elementares, pertencentes aos sítios da natureza, na manipulação harmônica de todo este manancial vibracional, efetivando os trabalhos umbandistas nos diversos templos.

As estratégias de legitimação da Umbanda focaram a sua aceitabilidade como uma religião espiritualista com sérios comprometimentos litúrgicos e compromissos com o bem geral, se tornando muitas vezes, pelos seus trabalhos assistencialistas, sendo considerada de utilidade pública. A estrutura do templo, uma doutrina estabelecida que norteasse toda a liturgia ritualística, a partir de uma prévia codificação homogeneizada, a hierarquização das posições sociais, a divisão das funções, a organização administrativa e do regimento interno das casas umbandistas, dariam um embasamento de um caráter civilizatório, científico e teológico. As lutas

pela construção da identidade umbandista ainda se perpetuam na atualidade, mantendo a chama de um ideal de valorização, respeito, cumplicidade, devoção e efetividade da sua ritualística.

Notas Explicativas do Capítulo II:

(1)=De Celso, “Umbanda de Caboclos”. Rio de Janeiro: Editora Eco. 1967. p.60.

(2)=Dandara e Ligiéro, Zeca. “Iniciação à Umbanda”. Rio de Janeiro: Nova Era. 2000. p.80.

(3)=Mendonça, Sônia Regina de . “Da Revolução de 30 ao Estado Novo” in História Geral do Brasil. Maria Yedda Linhares (organizadora). 9ª. edição. Rio de Janeiro: Campus. 1990. Da p.322 à 325.

(4)=Mendonça, Sônia Regina de. “O Nacional e o Popular em Questão: A Cultura dos Anos de 1930 a 1950” in História Geral do Brasil. Maria Yedda Linhares (organizadora). 9ª.edição. Rio de Janeiro: Campus. 1990. Da p.344 à p.347.

(5)=Monografia premiada pelo Arquivo Nacional em 1991; sendo considerada uma relevante pesquisa documental, utilizando fontes históricas em um trabalho antropológico, através de processos criminais. Investigando a crença na feitiçaria, foi analisado as formas de combate e perseguição às religiões espiritualistas, especialmente os cultos afro-brasileiros, envolvendo a Umbanda. Como bem fundamentou o Diretor Geral do Arquivo Nacional, o Sr. Jaime Antunes da Silva.

(6)=Denominações oficiais e aceitas nos Terreiros de Umbanda, onde se estruturavam sua doutrina, ritualística e liturgia, realizando as reuniões mediúnicas. Local da realização dos cultos umbandistas.

(7)=Objetivo preconizado pelos líderes umbandistas no texto introdutório dos anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, em 1941.

(8)=O ideal defendido pelo primeiro congresso umbandista a respeito da codificação doutrinária e legitimação do culto de Umbanda no Brasil.

(9)=A programação do evento propriamente dito, através dos debates, análises e reflexões a serem verificadas no primeiro congresso umbandista de 1941.

(10)=Como resultado das temáticas debatidas no primeiro congresso umbandista, foram consideradas em plenário algumas conclusões assim demonstradas e legitimadas pela Federação Espírita de Umbanda.

(11)=Oliveira, José Henrique Motta. “Entre a Macumba e o Espiritismo: Uma Análise Comparativa das Estratégias de Legitimação da Umbanda durante o Estado Novo”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2007.

(12)=Esta comissão, seria presidida pelos três organizadores do primeiro congresso umbandista, representando as tendas filiadas à Federação Espírita de Umbanda. Sr. Jaime S. Madruga, Sr. Alfredo Antônio Rego e o Sr. Diamantino Coelho Fernandes.

(13)=Anais da Convenção Anual do Conselho Nacional Deliberativo da Umbanda (CONDU) do dia 19 ao dia 21 de março de 1976, no Hotel Glória, na Cidade do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO III:

“A Construção da Identidade Umbandista”:

Na perspectiva de reelaboração da memória da trajetória de Zélio Fernandino de Moraes na correlação direta com o advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” em 15 de novembro de 1908, embasando a construção da identidade umbandista, tem-se a manifestação de uma revelação espiritual em que se reconhece o estabelecimento do projeto de institucionalização da doutrina de Umbanda no Brasil, tendo em vista os desdobramentos históricos delineados a partir deste evento. Não podemos negar a existência dos cultos afro-brasileiros, principalmente da “macumba carioca”, onde estariam imbricados os elementos católicos, espíritas, indígenas, nagôs e bantus, principalmente ligados às Nações Congo e Angola, cultuando os antepassados míticos e possuindo uma cultura assimilável à incorporação de valores a serem sincretizados.

Na popularização de alguns aspectos da religiosidade brasileira, estiveram presentes os valores cristãos, ameríndios, africanos, com influência científica direta do espiritismo francês, tendo claras evidências, em terras brasileiras, dos pressupostos doutrinários racionais e dos comprometimentos morais e religiosos, principalmente no tocante aos atendimentos terapêuticos, assistencialistas e evangelizadores. Tanto que no final do século XIX, preocupada com essa popularização do espiritismo na capital, Rio de Janeiro, a Federação Espírita Brasileira (FEB), tenta unificar os procedimentos doutrinários, como uma estratégia de resguardar a verdadeira essência do kardecismo e das suas diretrizes científicas, evolucionistas e progressistas.

Reinterpretando esta modalidade elitista da sociedade brasileira, os recém libertos em 1888, participantes de uma nação republicana laica, em um ambiente urbano, na tentativa de ocupar um lugar ao sol, já tendo experiências de comunicação com entidades sobrenaturais, principalmente no culto bantu dos antepassados, irão incorporar alguns valores do espiritismo, catolicismo, juntamente com as suas práticas ritualísticas, de forma a legitimar, dar embasamento e credibilidade as suas formas de organização e atuação religiosa. O kardecismo explicava cientificamente as várias formas de comunicação com os espíritos, que os antepassados bantus já praticavam há séculos, sem um arcabouço doutrinário, pois tudo era transmitido pela oralidade.

A Umbanda viria a engendrar este processo de evolução entre a macumba e o espiritismo (1), com elementos indígenas, católicos e africanos, se constituindo como uma Religião Brasileira, assimilada pela bricolagem dos vários valores religiosos compartilhados e reconstruídos no processo de elaboração histórica e religiosa da sociedade brasileira. No livro “Iniciação à Umbanda” de Dandara e Zeca Ligiéro (2), está disponível um depoimento de um chefe de terreiro pernambucano, conhecido como “Painho”, caricaturado pelo famoso humorista Chico Anísio, que diz:

68

“A Umbanda é como a balança de São Miguel, dá a quem dá. Então, se você trata o Orixá bem, ele tem que tratar você bem, mas se você não trata ele bem, ele não pode lhe ajudar. Eu acredito que a Umbanda está se tornando a religião mais original do Brasil, a mais espontânea e a mais autêntica. A Umbanda é a soma de tudo que a gente tem em um contexto histórico brasileiro. A Umbanda, etnicamente, é a mistura de tudo: ela é a mistura do índio, ele é a mistura do negro, ele é a mistura do colonizador português e de tudo mais que apareça. Então, espiritualmente também ela é isso. É muito comum a gente ver dentro da Umbanda todas as influências, todos os cultos... Mas é pelo controle do próprio povo! O povo brasileiro é um povo carente, é um povo necessitado... O mais importante é que a Umbanda é uma coisa deles mesmos, porque na sua carência o povo brasileiro não tem a quem recorrer, então eles têm que ter um socorro próprio. E a Umbanda é isso, a Umbanda não é uma religião acadêmica, não é uma religião codificada; ela é feita do povo e para o povo, dentro da sua própria crença, sua própria cultura, dentro de seus próprios anseios e do seu próprio nível de espiritualidade.”

Para os líderes umbandistas a Umbanda seria o agrupamento de todos, unidos em prol de um único ideal, se estabelecendo a identidade do culto, apesar das diferenças das modalidades e influências encontradas nos diversos terreiros que praticam a sua liturgia e ritualística. É sugerido que a palavra “Umbanda” foi formada pela contração de “uma” e “banda”, que em português significaria “um grupo” (3).

A Profª. Marieta de Moraes Ferreira (4), no artigo “Memórias da História”, presente na Revista Nossa História (junho/2004), nos remete um importante apontamento com referência à

reelaboração de memória na construção da identidade de determinados grupos, instituições, trajetórias ou indivíduos (5) :

“A memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, tanto coletivo quanto individual. O que seria de cada um de nós, indivíduos, se não contássemos com uma memória que nos situasse em determinado contexto familiar, profissional, afetivo? Da mesma forma, o que aconteceria com a nossa comunidade, seja local ou nacional, se, repentinamente, fosse privada de seu passado? A construção da identidade não está, porém, isenta de transformações, já que se define em relação a um exterior, e considera a aceitação, a admissibilidade e a credibilidade que se estabelecem a partir da interação com os outros. Isto quer dizer que memória e identidade são frutos de um trabalho de construção, constantemente negociadas, e representam fenômenos sociais que não devem ser compreendidos como manifestação de alguma “essência” pessoal ou de grupo. ...Aniversários e festejos comemorativos são momentos importantes na vida de pessoas, instituições e países. Segundo o historiador francês Philippe Raynaud, “comemoração é a cerimônia destinada a trazer de volta a lembrança de uma pessoa ou de um evento”, que “indica a idéia de uma ligação entre os homens, fundada sobre a memória”. Essa ligação também pode ser chamada de identidade. ...”.

69

Na visão da Profa. Marieta de Moraes, esta ligação denominada de identidade surge a partir da iniciativa dos vários setores da sociedade na recuperação das suas memórias, sejam através de exposições, livros, monumentos, museus, comemorações, na perspectiva de reelaborar identidades, divulgando o que é necessário ser lembrado na construção de determinada história. Com isto será reforçada a imagem pública de determinado grupo, instituição, pessoa, concebendo projetos de valorização dos registros das trajetórias dos indivíduos ou organizações, na confirmação *“da importância de eventos considerados fundadores, bem como para instituir ou atualizar determinadas celebrações”*. Tendo como primordial propósito o alcance da dignidade pela valorização dos eventos ocorridos, em determinados contextos históricos, que possibilitam reelaborações das várias memórias de acordo com os critérios estabelecidos na construção de uma identidade institucional ou de grupo, evidenciando através do sentido de uma história rememorada e acreditada como a representante de certa categoria de valores filosóficos, culturais e políticos, inegavelmente negociada e com possibilidades de mudanças consideradas.

Na construção da identidade umbandista, verificamos a necessidade da comemoração do dia 15 de novembro de 1908, no estabelecimento de um marco histórico, pois dada a mensagem revelada pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através do médium Zélio Fernandino de Moraes, que a Umbanda seria “a manifestação do espírito para a caridade”, estariam postas as bases doutrinárias, de acordo com o famoso relato rememorado do advento do caboclo e os desdobramentos históricos a partir deste evento, sendo aceitas pelos vários agrupamentos pertinentes como uma data valorativa à compreensão do processo de institucionalização e

legitimação do culto, surgindo uma nova religião genuinamente brasileira. Esta data deveria ser lembrada como uma referência histórica envolvendo um “mito fundador” do culto umbandista no Brasil, interligando os seus adeptos na intenção de celebrar à memória do advento do caboclo na negociação da construção de uma identidade, elaborando um importante marco da História da Umbanda. Configurando-se uma congregação das forças codificadoras necessárias a este intento.

Atualmente, existem várias iniciativas de comemorações em todo o Brasil envolvendo o advento do caboclo, e realmente é vislumbrado esta perspectiva de identificação aglutinadora. A influência das diretrizes deixadas pelas determinações do “Caboclo” através de Zélio de Moraes estão sendo repensadas, discutidas e renegociadas como forma de serem admitidas pela comunidade umbandista como um todo, é claro, na sua essência, no respeito das suas peculiares diferenças de assimilação e acomodação na construção histórica e cultural dos seus rituais. O “Hino da Umbanda” é um exemplo de aglutinação dos adeptos na relação direta da construção da identidade umbandista. A União Espiritista de Umbanda do Brasil (UEUB), a Congregação Espírita Umbandista do Brasil (CEUB), através do Sr. Pedro Miranda e da Sra. Fátima Damas, RJ, incluindo a Tenda Nossa Senhora da Piedade, representada pela sua atual presidente, a Sra. Lygia Cunha, neta de Zélio de Moraes, dentre outras instituições, como o Conselho Nacional de Umbandistas do Brasil (CONUB), estão profundamente envolvidos com a comemoração do

70

centenário da revelação dos pressupostos umbandistas, em 2008, revelados no dia 15 de novembro de 1908. Sendo importante rememorar este evento onde é considerada a criação da primeira tenda umbandista brasileira, oficialmente registrada em cartório, a “Tenda Espírita N.Sa. da Piedade”, como na fundação das Sete Tendias sucessivamente, tendo em 1939 a primeira representatividade dos umbandistas, a Federação Espírita de Umbanda, onde se organizaria o primeiro congresso do culto. Temos assim os principais desdobramentos históricos advindos deste evento. A mensagem da manifestação do espírito para a caridade, o uso de uma ritualística simplificada, a institucionalização de uma doutrina, procedimentos litúrgicos padronizados, o uso geral do branco, seriam a base a uma codificação a ser seguida pelas mais variadas expressões do sentimento umbandista no Brasil. Com isto, é justificado a busca de uma identidade legitimadora do legado histórico rememorado. Abaixo serão lembradas algumas expressões orais do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através de Zélio de Moraes, importantes neste processo de comemoração e construção de identidade (6):

“Sou apenas um caboclo brasileiro. ... Se é preciso que eu tenha um nome digam que sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois não haverá caminhos fechados para mim. Venho trazer a Umbanda, religião que harmonizará as famílias e que perdurará até o final dos séculos...Umbanda é a manifestação do espírito para a caridade... . Nós aprenderemos com aqueles espíritos que souberem mais e ensinaremos os que souberem menos e a nenhum viraremos as costas ou diremos não... .”.

Estas palavras exemplificam o advento do caboclo em um centro de doutrina kardecista, em Niterói, onde o jovem rapaz de 17 anos, Zélio de Moraes, manifestou-se com uma entidade trazendo as diretrizes de uma nova religião denominada “Umbanda”, no dia 15 de novembro de 1908. Também um marco histórico brasileiro, pois é comemorada a proclamação da república, com referência a mesma data no ano de 1889.

A busca da identidade na Umbanda está ligada na essência de uma doutrina norteadora em detrimento da diversidade das formas de expressão do culto propriamente dito, porém aproveitando estas diferenças na negociação de uma construção pertinente do que é ser um umbandista. Isto é caracterizado pela convergência das diversidades focando a um conhecimento único, aquilo que foi fragmentado será reconstituído. De acordo com Caio de Omulú, Coordenador do CONUB no Ceará (7), *“A identidade umbandista é a consciência de quem somos, por que estamos aqui e para onde vamos, ... sendo contrária a exclusividade, sendo calcada no respeito com as diferenças, não apenas de culto, mas com as formas de cada um ser de celebrar a universalidade do sagrado. Na diversidade de seus ritos, uma das suas principais características, a Umbanda é essencialmente abrangente, flexível, tolerante com as diferenças, sendo contrária às desigualdades. ... Se busca na pureza, simplicidade e humildade, os princípios básicos à reunião de todos. ... A Umbanda é uma unidade aberta, não definitiva, pois abertas e não definitivas são as consciências dos seres humanos, seu principal objeto de trabalho, dentro da obra planejada de sua Corrente Astral Superior”*.

71

Então a identidade umbandista com esta perspectiva de análise se nortearia a partir de uma exclusiva característica, onde a sociedade em geral a diferenciaria dos outros credos, cultos ou religiões, de acordo com os discípulos da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD), Ivan Cintra/SP e Patrícia Cintra/SP (8):

“Por isso, para o umbandista mais importante do que ser reconhecido por uma guia ou um talismã, é ser reconhecido por suas ações diárias, sua postura diante desta vida e da convicção acerca do espírito, crendo na Divindade Suprema, que se veste de muitos nomes, como: Tupã, Olorum, Olodumare, Zambi, etc, somando e não dividindo. Crer que a Divindade Suprema estende seus poderes a 7 Espíritos Supremos, os Orixás das Sete Linhas de Umbanda, e que esses são pais universais, acolhendo a toda a humanidade como seus próprios filhos. Crer em espíritos luminares, nossos ancestrais, que labutaram e labutam pela evolução do planeta, apresentando-se nos terreiros como caboclos, pretos e pretas-velhas, crianças, exus e outros, é a identidade religiosa de todo umbandista que reflete, acima de tudo, o que somos capazes de absorver do plano espiritual, manifestando a caridade a todos sem distinção”.

Sendo assim a luta em âmbito nacional para a efetivação da construção da identidade umbandista, superando distorções, preconceitos, na compreensão das práticas ritualísticas e doutrinárias do culto umbandista com referência ao advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através do médium Zélio Fernandino de Moraes e seus desdobramentos históricos, políticos e culturais.

No embasamento deste capítulo foi realizada uma pesquisa envolvendo alguns líderes umbandistas ligados às várias intuições representativas das expressões doutrinárias da Umbanda, principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo, são alguns sacerdotes, presidentes de federações, adeptos, estudiosos, editores de revistas, escritores e empresários (9). É mister salientar a importância dada ao advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, através de Zélio de Moraes, no processo de institucionalização e legitimação do culto umbandista, na consciência de ser umbandista e da relevância histórica deste evento na efetivação doutrinária de uma religião considerada brasileira. Ressaltando na possibilidade da comemoração do centenário deste acontecimento, um momento de reflexão dos pressupostos umbandistas, realizando congressos, negociações e propostas de mudanças e transformações das mentalidades, reestruturando e construindo uma identidade ao culto de Umbanda, na melhoria dos conceitos pré-estabelecidos anteriormente. De acordo com o Prof. José Henrique Motta de Oliveira (10), a Umbanda seria:

“Uma religião nascida do processo de bricolagem das religiosidades ameríndias, européias e africanas, que se deu ao longo de 500 anos de colonização. Ser umbandista é professar uma religião que ainda está se conformando. Contudo, exige deste fiel a observação da prática do amor e da caridade, que no fundo representa a interiorização de um dogma cristão. Zélio de Moraes é um personagem importantíssimo à Umbanda, uma vez que é um símbolo que demarca a ruptura de dois momentos distintos da religião, sua expressão puramente cultural, que antecede o

72

dia 15/11/1908, e a expressão institucionalizada da nova religião, permitindo a sua instalação legitimamente entre as demais religiões que disputam a administração do mercado do sagrado. A comemoração do evento considerado fundador vem ratificar e consolida-lo como uma tradição. Sendo importante a compreensão do processo histórico da Umbanda, porque permite aos adeptos deslumbrar as possibilidades de crescimento da religião, evitando que se cometa os mesmos erros do passado, que acabaram por proporcionar as rupturas e sectarismos dentro do culto umbandista. Para mim a Umbanda é uma religião brasileira, porque nasceu no Brasil, fruto da bricolagem de várias religiões. Não é porque encontramos empréstimos das religiões africanas que deveremos considera-las africana, pois, se assim procedermos, teremos que considera-la européia também, uma vez que os empréstimos do catolicismo e do kardecismo são tão importantes quanto as contribuições africanas e ameríndias. O culto umbandista está se conformando. Minha preocupação enquanto umbandista é colocar um fim na visão estereotipada de religião de resultados. A função da Umbanda, como de qualquer outra religião, é aproximar o homem de Deus. E a função dos guias espirituais é nos ajudar nessa caminhada rumo à casa do Pai. Creio ser muito importante a consolidação da imagem do Zélio de Moraes e da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas no processo de construção de uma identidade umbandista, a fim de que nossa religião se consolide em definitivo e não venha a desaparecer com o tempo”.

Estas colocações foram criteriosamente selecionadas pois a partir das respostas verificadas, foram as que melhor resumiram os anseios dos líderes umbandistas abordados pela pesquisa realizada.

O Prof. José Beniste, estudioso dos cultos afro-brasileiros, autor de vários livros, como “Órum Áiyé”⁽¹¹⁾, complementa estas colocações dizendo que:

“A Umbanda é um culto sincrético surgido no Brasil, ao lado das transformações sociais ocorridas na sociedade, onde ser umbandista é acreditar em seus princípios, no poder da caridade, ser reencarnacionista, crer na manifestação do espírito em prol da caridade, sendo que Zélio de Moraes criou uma modalidade de culto afro, indígena, espírita, católico, com normas de conduta, organização, tudo devidamente pré-estabelecido, pois é importante compreender a História da Umbanda e os personagens que a construíram”.

As demais colocações ratificam a importância da memória do advento do caboclo na construção da identidade umbandista, como nos remete os depoimentos abaixo registrados:

“A Umbanda é a Manifestação do Espírito para a Caridade, definição dada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, significando “Deus está ao nosso lado”, sendo o seu lema a humildade, amor e a caridade. Para nós umbandistas a importância de Zélio de Moraes é muito grande, pois a sua trajetória nos revela o quanto realizou, seus trabalhos de cura, desobsessão, seu desprendimento pelos bens materiais e a sua inigualável simplicidade. Acredito na importância da comemoração do dia 15/11/1908, pois a Umbanda resistiu com bravura, vemos estar hoje difundida e seguida por milhares em todo o território nacional. É importante conhecer o processo histórico da Umbanda”. Lygia Cunha ⁽¹²⁾.

73

“Considero a importância da Trajetória de Zélio de Moraes como um marco no processo histórico e evolutivo da Umbanda. A História da Umbanda nos faz lembrar os ensinamentos dos irmãos que nos antecederam. Estamos em um processo de mudança e de transformações. Temos que entender e compreender que a Umbanda vem do Plano Espiritual para o nosso campo de limitações. Vamos repetir. Deixa a Umbanda melhor. Daqui a uns 10.000 anos, estaremos bem melhor”. Pedro Miranda ⁽¹³⁾.

“Zélio é ou deveria ser o farol para todo e qualquer Umbandista. Através de seu trabalho surgiram inúmeras tendas umbandistas. Trouxe os princípios fundamentais da Umbanda, desmembrando-a dos cultos afros, mostrando a sua pureza. É importante comemorar a advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas pelo seu trabalho, seu exemplo digno e respeitabilidade na Umbanda. Através de Zélio a Umbanda tornou-se um culto genuinamente brasileiro. Não considero a Umbanda como uma religião, pois em nosso ponto de vista necessita-se ter uma codificação onde todos seguem os mesmos princípios. Com muita tristeza vejo uma Umbanda distorcida nas mãos de pessoas sem conhecimentos de causa, praticando coisas que não pertencem à Umbanda. As poucas Tendas que praticam a Umbanda se não se entenderem para um fortalecimento geral, construirão um futuro desastroso pela falta de união. Precisamos dar as mãos e lutar pelo que acreditamos e praticamos. Umbanda unida, Umbanda forte. Deixemos de

lado a vaidade. “Umbanda é a manifestação do Espírito para a prática da caridade”. Ser Umbandista é ter consciência de suas responsabilidades diante da missão que lhe foi confiada pelo Plano Astral”. Fátima Damas (14).

“Umbanda é uma religião brasileira aonde os espíritos se manifestam para a prática da caridade. Ser Umbandista é ser clemente. Zélio foi um exemplo de humildade, caridade e sabedoria. Deixando um enorme legado para todos nós. É de suma importância comemorar o evento ocorrido no dia 15/11/1908, pois ocorreu a primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, trazendo ao plano físico as determinações da espiritualidade. A Umbanda foi plasmada em solo brasileiro e a sua formação se dá através dos elementos religiosos da cultura brasileira. O principal plantio da Umbanda é a caridade, cuja a colheita é a modificação do Ser Humano”. Armando Fernandes (15).

“Ser Umbandista é acima de tudo saber confiar nas orientações dos próprios guias ou mentores espirituais. Zélio percorreu um caminho importante, para a consolidação da Umbanda no plano físico. Desmistificou idéias antigas e erradas a respeito da crença em espíritos, além de ser introduzido ou ajudado a introduzir a Umbanda e a sua espiritualidade em diversos nichos da sociedade. É importante comemorar o centenário da Umbanda, pois é uma religião que se concretizou em território brasileiro. O Ser Humano precisa de referências históricas para compreender a si mesmo. Compreender a história e a trajetória da Umbanda, é uma forma de facilitar a confiança na religião e deixar a fé fluir sem tanto preconceito ou medo de algo desconhecido”. Adriana Berlinski (16).

74

“Umbanda é o conjunto das Leis de Deus. Apesar da “manifestação da Umbanda” ter se iniciado antes do advento de 15/11/1908, criou-se um ícone para a referência dos Umbandistas, tendo em vista as raízes da religião: ameríndia, heleno-semita e africana. Entendo a comemoração deste evento apenas pela manutenção de um ícone, tendo em vista que deram á ele a condição de “fundador” da Umbanda, apesar do nascimento ser mais do que transcendental. Afinal, deve-se compreender o que se faz e o porquê de se fazer, para que não haja o comportamento e ou atitude cega, que leva, inevitavelmente, ao fanatismo. Em qualquer atividade humana, devemos compreender a nossa origem e especular sobre o nosso destino. É provável que no futuro, a Umbanda seja praticada com acesso restrito, situação em que será difícil encontrar aqueles que poderão transmitir uma orientação essencial e um atendimento adequado”. Thashamara (17).

“A Umbanda se fixou no plano físico definitivamente após a vinda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, porém, as manifestações espirituais são milenares. Encontramos relatos das próprias entidades onde citam trabalhar a muitas centenas de anos com as manifestações espirituais, porém, sem um nome definido. Para todo o religioso se faz necessário que haja o entendimento de sua crença e muito mais ter uma data onde poderá reverenciá-la! Fixa-se assim de forma concreta uma religião, com sua história! Por saber que nada é a esmo, tudo tem um

início e ele dever ser lembrado e colocado como fonte de estudo. A Umbanda se fixou em terras brasileiras, com todas as mistras raciais e culturais próprias de seu povo. Sobre o futuro, espero que as vertentes possam se entender, pois esta religião tem muito a dar ao Brasil em termos de história e cultura, é só entendermos que as vertentes são necessárias para o crescimento. Todas as vertentes são importantes, o respeito sobre as formas de atuação devem existir. O estudo tem que ser aprimorado e ninguém é dono da VERDADE!”. Ortiz Belo de Souza (18).

“A importância da trajetória de Zélio de Moraes é total, uma vez que promove a primeira manifestação usando o nome Umbanda e a dissociando das demais vertentes mediúnicas como espiritismo, catimbó, candomblé, etc. Este evento dever ser comemorado pois a partir da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas foi declarada a fundação do culto umbandista. O homem que não conhece a sua história é um ser vazio e fraco, sem argumentos e sustentação racional, cairá fatalmente na vala das trevas da ignorância. Percebo grandes frentes criando movimentos de reestruturação da doutrina, teologia, normatização de culto e crenças. Considero válido e penso que no futuro distante teremos um movimento religioso mais coeso. A Umbanda é uma religião brasileira”. Rodrigo Queiroz (19).

“O marco da manifestação do Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas coloca a Umbanda dentro do contexto religioso da época, dominado na sua maioria pelo catolicismo e em já pelos aristocráticos espíritas. Aqui houve essa mistura de origens, de cultos diferentes e essa adaptação necessária que a tornou realmente brasileira. E que seja o centenário um pequeno passo para a consolidação da Umbanda no Brasil”. Adriano Camargo (20).

75

“Umbanda é uma religião e uma doutrina de cunho espírita. Zélio de Moraes serviu, para este mundo terreno, de intérprete e divulgador da Umbanda, estando para ela como Kardec para o Espiritismo de mesa. O dia 15/11/1908 dever ser comemorado, pois um acontecimento tão importante como o surgimento de uma nova religião, não deve ser esquecido. Naquele dia houve a primeira revelação a respeito da Umbanda, transmitida pelo Espírito Caboclo das Sete Encruzilhadas, servindo de médium Zélio de Moraes. Umbanda é como o povo brasileiro, que em seu dia a dia incorporou costumes, palavras e modo de viver de várias origens. E dessa sagrada mistura, resultou uma religião adaptada ao brasileiro e mesmo para toda a humanidade, trazendo para o seu bojo o que há de melhor no catolicismo, candomblé e espiritismo. Importante ressaltar o atendimento individualizado realizado pelos guias aos seus assistidos, prática que por vezes é desprezada em outras religiões. A comemoração em 2008 é um momento especial para refletirmos sobre a Umbanda”. Antônio Iloízio Barros Bastos (21).

A partir da exposição dos depoimentos, verificamos a importância dada ao advento do “Caboclo” na construção da identidade umbandista, exaltando a trajetória de Zélio Fernandino de Moraes, como um marco de referência no processo de institucionalização e legitimação dos pressupostos doutrinários, litúrgicos e ritualísticos da Umbanda. A lembrança deste evento é

pontuada na reflexão destes mesmos pressupostos, na necessidade de se estabelecer uma ponte entre o passado e o presente, objetivando através dos fatos históricos demarcados pelo “mito fundador”, a evidência referendada de se compreender e se identificar como umbandista. E como a Profa. Marieta de Moraes, no artigo anteriormente mencionado, nos diz que a “memória e a identidade são frutos de um trabalho de construção, constantemente negociadas”, apontando a reflexão do historiador francês Philippe Raynaud. Comemorar é lembrar, rememorar, retornando a uma referência considerada importante a um determinado grupo em evidência, constando de uma trajetória pessoal ou de um evento, interligando vários indivíduos que comungam de um determinado ideal, crença, religião, valores, que se embasam a partir de uma memória, muitas vezes sacralizada, na construção de uma história que irá validar uma identidade, em que se possa espelhar e refletir os anseios negociados destes mesmos indivíduos em prol da sua legitimação e manutenção ideológica, política, social e cultural.

Notas Explicativas do Capítulo III:

(1)=Reflexão presente na dissertação de mestrado defendida pelo Prof. José Henrique Motta (UFRJ/2007). Já mencionada anteriormente nas notas explicativas do capítulo II (vide).

(2)=Painho, no vídeo “Hiel Umbanda” produzido pela BBC de Londres e dirigida por Eduardo Poyamo e Florian Pfiffer.

(3)= “Uma definição ainda mais includente está agora ganhando popularidade, uma que enfatiza a identidade brasileira e que tem sido dada a mim em diversas entrevistas”. Depoimento da antropóloga americana (EUA), Diana Brown em 1986.

(4)= A Profa. Marieta de Moraes Ferreira leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro e é pesquisadora emérita da Fundação Getúlio Vargas –RJ, trabalhando na área de História Oral, Ensino de História, Memória e Identidade, atuando no Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC).

(5)=Ferreira, Marieta de Moraes. “Memória da História” in Revista Nossa História. Uma publicação editada pela Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: junho/2004. pág. 98.

(6)=Lembrança das expressões orais proferidas pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através de Zélio Fernandino de Moraes, colhidas e coordenadas pela Sra.Lília Ribeiro (in memorian), ex-diretora de culto da Tenda de Umbanda, Luz, Esperança, Fraternidade, TULEF e do “Boletim Macaia”.

(7)=Omulú, Caio de. “Essência, Diversidade, Universalidade” in *Jornal Brasileiro de Umbanda*–“Identidade Umbandista”. São Paulo: julho-agosto/2007. pág. 7.

(8)=Cintra, Ivan & Cintra, Patrícia. “Vivenciando a Identidade Umbandista” in *Jornal Brasileiro de Umbanda*–“Semelhança em Essência”. São Paulo: julho-agosto/2007. pág. 3.

(9)=Líderes, dirigentes e adeptos umbandistas entrevistados através do questionário intitulado “Umbanda: A Manifestação do Espírito para a Caridade na Construção da Identidade Umbandista”.

(10)=Professor de História, jornalista e dirigente umbandista da “Cabana de Pai Pescador das Almas” localizada em Campo Grande, Rio de Janeiro, RJ. Mestre em História Comparada pela UFRJ/2007. Já mencionado anteriormente nas notas explicativas do capítulo II (vide).

(11)=Historiador, pesquisador, conferencista, autor de ensaios sobre os problemas dos diversos cultos de raízes africanistas; sendo integrante de movimentos visando à restauração da dignidade religiosa afro-brasileira. Possui vasta documentação sobre as religiões afro-brasileiras, com gravações dos depoimentos de várias personalidades ligadas. Foi iniciado em 1984, no Candomblé Ketu, pela Yalorixá “Cantu de Aira Tola do Ase Opo Afonjá”.

(12)=Lygia Maria Marinho da Cunha é assistente social, neta legítima de Zélio Fernandino de Moraes, exercendo atualmente a presidência da Tenda Nossa Senhora da Piedade, em Boca do Mato, Cachoeiras de Macacu, RJ.

(13)=Pedro Miranda é advogado, dirigente umbandista da Tenda Espírita São Jorge e Presidente da União Espiritista de Umbanda do Brasil. É considerado um importante orador, articulador e defensor do movimento umbandista na atualidade.

(14)=Fátima Damas é administradora de empresas, presidente da Congregação Espírita Umbandista do Brasil, CEUB, exercendo o sacerdócio umbandista no Terreiro da Vovó Maria Conga do Congo. Na atualidade é considerada uma importante articulista para a manutenção legitimadora do culto umbandista, dando palestras, organizando eventos, escrevendo artigos doutrinários, ministrando cursos de formação umbandista à comunidade.

77

(15)=Armando Fernandes, empresário, é presidente do templo umbandista A Caminho da Paz, localizado no bairro do Encantado, Rio de Janeiro, RJ. Realiza diversos eventos de divulgação da doutrina umbandista, promovendo o congaçamento entre diversos terreiros localizados na cidade do Rio de Janeiro.

(16)=Adriana Berlinski é advogada, dirigente umbandista e escritora de livros doutrinários com mensagens do “Caboclo das Sete Encruzilhadas”.

(17)=Marcio Petersen Bamberg é consultor, professor universitário e escritor de diversos artigos envolvendo a doutrina umbandista. Possui diversos sites na internet com esclarecimentos teológicos, culturais e históricos. Thashamara é o seu nome iniciático a partir da doutrina de umbanda esotérica preconizada pelo Sr. Matta e Silva, autor do famoso livro “A Umbanda de Todos Nós”, escrito na década de 1950.

(18)=Ortz Belo é protético, dirigente umbandista em São Paulo, estudioso e pesquisador da doutrina umbandita.

(19)=Rodrigo Queiroz, é professor, graduando em Filosofia, exercendo a presidência do Instituto Cultural Aruanda. Articulista da Umbanda em São Paulo, atualmente é editor da Revista de Umbanda Sagrada, veiculando vários artigos esclarecedores da doutrina, ritual e liturgia do culto umbandista.

(20)=Adriando Camargo, comerciante, é dirigente da Tenda Umbandista Pena Branca e Caboclo Ventania, localizada na cidade de São Paulo. Pesquisador e estudioso da doutrina umbandista, escreve vários artigos esclarecedores da flora medicinal e do uso ritualístico das diversas ervas e suas funções no ritual umbandista.

(21)=Antônio Iloízio Barros Bastos, magistrado, formado pela UFRJ, exerce o cargo de juiz de direito. Pesquisador e estudioso das doutrinas espiritualistas em geral, incluindo a Umbanda, é freqüentador assíduo e sócio contribuinte da Tenda Nossa Senhora da Piedade, em Boca do Mato, Cachoeiras de Macacu, RJ.

CONCLUSÃO:

Concluindo este breve exercício de investigação histórica, na perspectiva de rememorar os principais aspectos do advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através de Zélio Fernandino de Moraes, influenciando a construção da identidade umbandista, aproveito para relembrar a relação essencial existente entre a Memória e a História explicada pela mitologia grega. Mnemosine, filha de Urano (o céu) e de Gaia (a terra) era uma força primitiva da natureza e a guardiã da memória. Com Zeus teve nove filhas, entre elas, Clio, a musa da História. Assim a História é filha da Memória. Nesta relação mítica observamos que na exaltação de uma determinada memória estaremos conseqüentemente nos posicionando na construção de uma determinada história.

O estabelecimento criterioso de uma análise crítica e ponderada foi importante para definir, selecionar e apontar os elementos que deverão figurar na elaboração de uma pesquisa histórica envolvendo os aspectos ligados à memória e a história das temáticas envolvidas em um exercício de investigação. Neste sentido, consciente destes elementos constitutivos, foi embasada a estruturação deste trabalho monográfico, na perspectiva de maiores vislumbres futuros, no

tocante a um aprofundamento das nuances que envolvem o desenvolvimento de uma pesquisa histórica nos seus aspectos teóricos e metodológicos pertinentes.

A partir destas reflexões percebi os impulsos presentes nas negociações políticas, sociais e culturais que se interagem na possibilidade de um direcionamento ideológico, de uma identidade em construção, através dos elementos históricos disponíveis e selecionados a tal intento, estrategicamente direcionados no alcance de um reconhecimento plausível e de uma aceitabilidade legitimada. Nestas reflexões estiveram pautadas os movimentos de construção da identidade do culto umbandista com base na referência de uma revelação espiritual que delineou um possível caminho a ser seguido. Não descartando é claro o processo complexo de incorporações, assimilações, acomodações, bricolagens, sincretismos e negociações que envolveram a formação da alma devocional brasileira.

Atualmente a memória do culto umbandista está sendo profundamente lapidada pelos líderes envolvidos neste processo, criando ícones de referência no estabelecimento de uma identidade propulsora de um reconhecimento legítimo de uma religião construída em terras brasileiras, institucionalizada e legitimada através de uma doutrina revelada e acreditada por inúmeras pessoas que seguem as liturgias da Umbanda. A compreensão dos elementos históricos tornam-se um escudo na defesa das crenças, valores, ideologias, no exercício livre e com consciência dos parâmetros de cidadania, envolvendo os direitos civis, políticos e sociais adquiridos. Visto que, no ano de 2008, estará sendo comemorado o centenário do surgimento do culto umbandista, onde o advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” por intermédio de Zélio de Moraes, é considerado um marco importante no estabelecimento das regras doutrinárias de uma religião a ser seguida e respeitada.

79

Paralelamente a estas discussões, foi instituído o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, através da Lei Federal no.11.635, de 27 de dezembro de 2007, sendo esta data incluída no Calendário Cívico da União para efeitos de comemoração oficial. Uma frase de Zélio Fernandino de Moraes resume bem isto: *“Umbanda, árvore frondosa que está sempre a dar frutos a quem souber e merecer colhê-los”*. Com isto, vislumbramos o estabelecimento de datas comemorativas no sentido de não se perderem as inúmeras identidades referendadas através de uma memória deliberadamente negociada que favorece a seleção criteriosa e estratégica da construção de uma determinada história socialmente legitimada.

Espero ter contribuído de alguma maneira, no estabelecimento de uma reflexão histórica, envolvendo os aspectos constitutivos de memória na elaboração de uma determinada história, procurando compreender os elementos que contribuíram na construção da identidade umbandista através do advento do “Caboclo”, envolvendo a trajetória do médium Zélio Fernandino de Moraes.

Finalizando, para refletir, gostaria de mencionar uma citação presente no livro “Iniciação à Umbanda”, de Dandara e Ligiéro, do estudioso Robert Farris Thompson que diz ⁽¹⁾ :

“A religião é ditada no espírito, primeiro pelo espírito de um padre jesuíta, representando a parte

católica e européia da Umbanda, então pelo espírito de um “americano nativo”, o primeiro mentor, que representa não somente o elemento caboclo da Umbanda, mas é também constituído pelo elemento Congo. Na verdade, o nome do caboclo (Sete Encruzilhadas) mostra uma preocupação típica da cultura Congo com as encruzilhadas, como teatro das sanções espirituais. Em adição, esse caboclo conhece quicongo ou quimbundo: Umbanda, o nome dado a Zélio de Moraes para começar a nova religião, é próximo da palavra “banda”, em quicongo, “iniciar, começar um trabalho”; para o quimbundo de Angola, a palavra “umbanda” essencialmente significa ‘trabalhar positivamente com medicinas’”.

(1)=Thompson, Robert Farris. “Face of de Gods”. Nova York: Prestel, 1993. p. 97.

BIBLIOGRAFIA:

I-LIVROS, ARTIGOS E FONTES:

I.1-ALCÂNTARA, Alfredo. “Umbanda em Julgamento”. Rio de Janeiro: Gráfica Mundo Espírita, 1949.

I.2-AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). “Usos & Abusos da História Oral”. 5ª. edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

I.3-BANDEIRA, Armando Cavalcanti. “Umbanda, Evolução Histórico-Religiosa”. Rio de Janeiro: s/ed, 1961.

I.4-BARROS, Jacy Rego. “Senzala e Macumba”. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1939.

I.5-BARROS, José D'Assunção. "O Campo da História: Especialidades e Abordagens". Petrópolis: Vozes, 2004.

I.6-BASTIDE, Roger. "As Religiões Africanas no Brasil". São Paulo: Pioneira, 1971 (1960).

I.7-BENTO, Waldemar. "A Magia no Brasil". Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1939.

I.8-BERKENBROCK, Volney J. "A Experiência dos Orixás: Um Estudo sobre a Experiência Religiosa no Candomblé". Petrópolis: Vozes, 1997.

I.9-BIRMAN, Patrícia. "O Que é Umbanda". São Paulo: Brasiliense, 1985.

I.10-BOURDIEU, Pierre. "A Economia das Trocas Simbólicas". São Paulo: Editora Perspectiva. Coleção Estudos dirigida por J. Guinsburg.

I.11-BRAGA, Lourenço. "Umbanda e Quimbanda". Rio de Janeiro: Livraria Jacintho, 1942.

I.12-BROWN, Diana. "Uma História da Umbanda no Rio" in "Umbanda e Política-Cadernos do ISER, no.18. Rio de Janeiro: Marco Zero-ISER, 1985.

I.13-CACCIATORE, Olga Gudolle. "Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros". 3ª. edição. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

81

I.14-CAMARGO, Cândido Procópio. "Kardecismo e Umbanda". São Paulo: Pioneira, 1961.

I.15-CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (organizadores). "Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia". Rio de Janeiro: Campus, 1997.

I.16-CARNEIRO, Édson. "Religiões Negras". Notas de Etnografia Religiosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991 (1937).

_____ "Negros Bantos". Notas de Etnografia Religiosa e de Folclore. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991 (1937).

I.17-CAVALCANTI, Maria Laura V. C. "Origens, para que as quero? Questões para uma investigação sobre a Umbanda" in *Religião e Sociedade*, 13 (2), 1986. pp.84-101.

I.18-CHAUÍ, Marilena. “Convite à Filosofia”. 8ª. edição. São Paulo: Ática, 1997.

I.19-CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. “Umbanda, Uma Religião Brasileira”. São Paulo: FFLCH/USP, CER, 1987.

I.20-COSTA, Ivan Horácio (Mestre Itaoman). “Pemba: A Grafia Sagrada dos Orixás”. Brasília: Thesaurus, 1990.

I.21-DAMAZIO, Sylvia F. “Da Elite ao Povo: Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

_____ “Um Pouco da História do Espiritismo no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

I.22-DANTAS, Beatriz Góis. “Vovó Nagô e Papai Branco: Usos e Abusos da África no Brasil”. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

I.23-FILHO, Diógenes Rebouças. “Pai Agenor”. Coleção Passagens da Memória. Salvador: Corrupio, 1998.

I.24-FILHO, José Bittencourt. “Matriz Religiosa Brasileira: Religiosidade e Mudança Social”. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: KOINONIA, 2003.

82

I.25-FERNANDES, Gonçalves. “O Sincretismo Religioso no Brasil”. Curitiba: Guairá, 1941.

I.26-FREITAS, João de. “Rituais, Reportagens, Entrevistas, Comentários, etc. 2ª. edição. Rio de Janeiro: s/ed, 1942.

I.27-GAARDER, Jostein. “O Livro das Religiões”. Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker; tradução de Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice por Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

I.28-GIUMBELLI, Emerson. “O Cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo”. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

_____ “Zélio de Moraes e As Origens da Umbanda no Rio de Janeiro” in “Caminhos da Alma-Memória Afro-Brasileira”. Publicação organizada por Vagner Gonçalves da Silva. São Paulo: Summus, 2002.

I.29-GUIMARÃES, Edyr Rosa & LIMA, Almir S. M.. “Universidade da Umbanda”. 2ª. edição. Rio de Janeiro: ERCA Editora e Gráfica, 1982.

I.30-LAPASSADE, Georges & LUZ, Marco Aurélio. “O Segredo da Macumba”. Estudos sobre o Brasil e a América Latina. Volume 19. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

I.31-LE GOFF, Jacques. “História e Memória”. Tradução de Bernardo Leitão. 4ª. edição. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

I.32-LÍBANO, Carlos Eugênio. “Umbanda, Religião Brasileira”. Rio de Janeiro: Centro Cultural Casa Branca, 2000.

I.33-LIGIÉRO, Zeca & DANDARA. “Iniciação à Umbanda”. Rio de Janeiro: Nova Era, 2000.

I.34-LIMA, Bennto de. “Malungo: Decodificação da Umbanda”. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

I.35-LIMA, Lana Lage da Gama. “História & Religião”. Organizadores: Lana Lage da Gama Lima, Cezar Teixeira Honorato, Marilda Corrêa Ciribelli, Francisco Carlos Teixeira da Silva. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

83

I.36-LINHARES, Maria Yedda (organizadora). “História Geral do Brasil”. 9ª. edição. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

I.37-LOPES, Nei. “Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana”. São Paulo: Selo Negro, 2004.

I.38-MAGGIE, Yvonne. “Medo de Feitiço: Relações entre Magia e Poder no Brasil”. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

_____ “Guerra de Orixá: Um Estudo de Ritual e Conflito”. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

I.39-MAGNANI, José Guilherme. “Umbanda”. São Paulo: Ática, 1991.

I.40-MOURA, Roberto. “Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Funarte/INM/Divisão de Música Popular, 1983.

I.41-NEGRÃO, Lísias Nogueira. “Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo”. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____ “A Umbanda como Expressão de Religiosidade Popular” in *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

I.42-OLIVEIRA, José Henrique Motta. “Entre a Macumba e o Espiritismo: Uma Análise Comparativa das Estratégias de Legitimação da Umbanda durante o Estado Novo”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada (IFCS-UFRJ). Rio de Janeiro, 2007.

_____ “Eis que o Caboclo veio à Terra anunciar à Umbanda”. Trabalho apresentado no V Simpósio de História Comparada (IFCS-UFRJ). Rio de Janeiro, Dezembro de 2007.

I.43-OLIVEIRA, J. Alves de. “Umbanda Cristã e Brasileira”. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d (1985).

I.44-OLIVEIRA, Etienne Sales. “Umbanda de Pretos-Velhos: Tradição Popular de uma Religião”. Dissertação de Mestrado apresentada à coordenação de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciência da Religião do Instituto Superior de Educação La Salle. Niterói, 2005.

I.45-OMOLUBÁ. “Fundamentos de Umbanda: Revelação Religiosa”. São Paulo: Cristális Editora e Livraria, 2004.

84

I.46-ORTIZ, Renato. “A Morte Branca do Feiticeiro Negro”. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____ “Breve Nota sobre a Umbanda e suas Origens” in *Religião e Sociedade*, 13 (1): 134-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

I.47-POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social” in *Estudos Históricos* 10 (Teoria e História). Coordenação da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica (APDOC). Rio de Janeiro, volume 5, no.10, 1992. pp.200-212.

I.48-RAMOS, Arthur. “O Negro Brasileiro”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940 (1934).

_____ “As Culturas Negras”. Introdução à Antropologia Brasileira (Vol.III). Rio de Janeiro: Livraria – Editora da Casa do Estudante do Brasil, s/d (1949-palestras).

I.49-RIO, João do (Paulo Barreto). “As Religiões do Rio”. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1951.

I.50-SARACENI, Rubens. “Os Decanos: Os Fundadores, Mestres e Pioneiros da Umbanda”. Rubens Saraceni e Mestre Xaman (coordenação). São Paulo: Madras Editora, 2003.

I.51-SILVA, Vagner Gonçalves da. “Candomblé e Umbanda-Caminhos da Devoção Brasileira”. Coleção as Religiões na História. São Paulo: Ática, 1996.

I.52-SILVA, W.W. da Matta e. “Umbanda de Todos Nós”. São Paulo: Freitas Bastos, 1970.

I.53-SOUZA, Laura de Mello e. “O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial”. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

I.54-SOUZA, Leal de. “No Mundo dos Espíritos (inquérito de A Noite)”. Rio de Janeiro: Oficinas de A Noite, 1925.

_____ “O Espiritismo, A Magia e as Sete Linhas de Umbanda”. Rio de Janeiro: s/e, 1933.

I.55-TRINDADE, Diamantino F. “Umbanda e Sua História”. São Paulo: Ícone, 1991.

I.56-VAINFAS, Ronaldo. “A Heresia dos Índios: Catolicismo e Rebeldia no Brasil Colonial”. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

85

I.57-VÁRIOS umbandistas. “O Culto de Umbanda em Face da Lei”. Rio de Janeiro: s/e, 1944.

I.58-VERGER, Pierre. “Orixás”. São Paulo: Corrupio, 1981.

I.59-ATAS, Relatórios e Estudos. Convenção Anual do Conselho Nacional Deliberativo da Umbanda (CONDU), realizado no Hotel Glória, Rio de Janeiro, de 19 de março de 1976 à 23 de março de 1976. (documento escrito).

I.60-RIBEIRO, Lília. Organização e coordenação das informações e detalhes do evento envolvendo o médium Zélio Fernandino de Moraes e a manifestação do “Caboclo das Sete Encruzilhas”. Lilia Ribeiro, in memorian, jornalista, foi diretora de culto da Tenda de Umbanda,

Luz, Esperança, Fraternidade (TULEF) e do Boletim Macaia, periódico umbandista. (documento oral e escrito).

I.61-GUIMARÃES, Lucília e GARCIA, Éder Longas. “Um Pouco da História de Zélio de Moraes”. Revisão do Mestre Thashamara. Disponível em <http://www.nativa.etc.br>. (documento virtual).

I.62-BOLETIM Informativo da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (fundada em 16/11/1908). Cachoeira de Macacu-RJ, Fevereiro de 2003. (impresso).

I.63-“CORRENDO GIRA”. Informativo da Congregação Espírita Umbandista do Brasil (CEUB). Rio de Janeiro. Ano I - Julho de 2007. Sob coordenação da Sra. Fátima Damas. (impresso).

I.64-ESTATUTO da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Registro de Títulos e Documentos do Distrito Federal – 1º. Ofício (Cartório Teffé). Protocolo no.86.844, registrado em 07/06/1940, sob o no. de ordem 1511 – Livro A – no.2. Rio de Janeiro, Rua do Rosário no.84. Ebook disponível na Biblioteca Virtual mLopes eBooks – <http://www.ebooks.byhost.com.br>. (documento escrito).

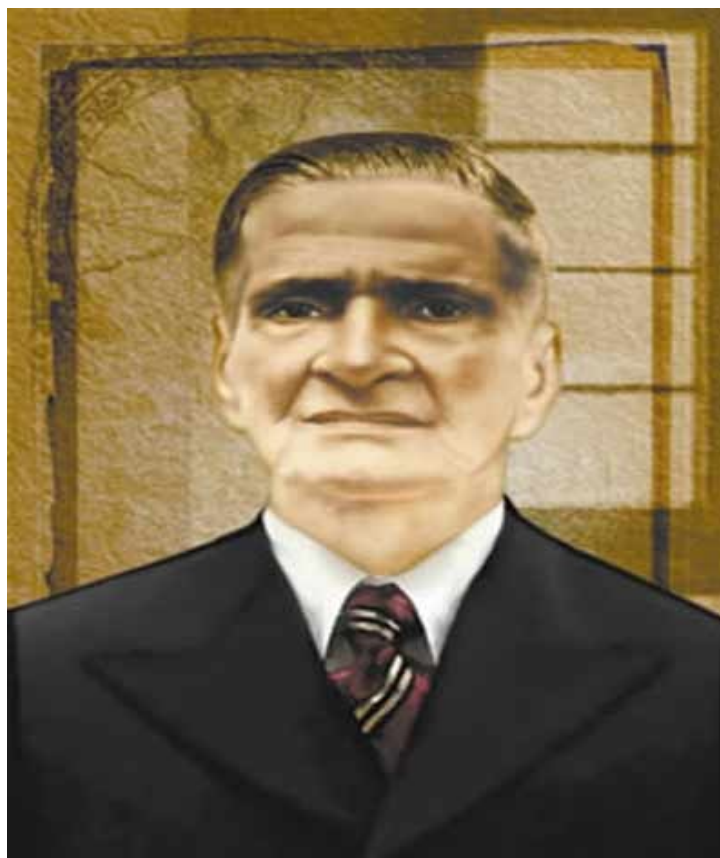
I.65-REGIMENTO Interno da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Aprovado pela Diretoria da Tenda, usando das atribuições estatutárias, sob a orientação do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” através do médium Zélio Fernandino de Moraes. Ebook disponível na Biblioteca Virtual mLopes eBooks – <http://www.ebooks.byhost.com.br>. (documento escrito).

I.66-FEDERAÇÃO Espírita de Umbanda. “Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda “. Rio de Janeiro: FEU/ “Jornal do Commercio”, 1942 (19 à 26 de outubro de 1941).

ANEXOS:

I-Zélio Fernandino de Moraes:

(Imagem reproduzida por Cláudio Gianfardoni -www.gianfardoni.com- “Jornal de Umbanda Sagrada” - SP).



“A força de que dispõe o profeta (empresário independente de salvação) cuja pretensão consiste em produzir e distribuir bens de salvação de um tipo novo e propensos a desvalorizar os antigos, tarefa para a qual conta exclusivamente com sua “pessoa” como única caução ou garantia na falta de qualquer capital inicial, depende da aptidão de seu discurso e de sua prática para mobilizar os interesses religiosos virtualmente heréticos de grupos ou classes determinados de leigos, graças ao efeito de consagração que o mero fato da simbolização e da explicitação exerce. De outro lado, tal força depende também do grau em que contribui para a subversão da ordem simbólica vigente (isto é sacerdotal) e para a reordenação simbólica da subversão desta ordem, ou seja, para a dessacralização do sagrado (isto é, do arbitrário “naturalizado”) e para a sacralização do sacrilégio (isto é, da transgressão revolucionária)”.

PIERRE BOURDIEU. (1).

(1)= Bourdieu, Pierre. “Gênese e Estrutura do Campo Religioso” in “A Economia das Trocas Simbólicas”.

São Paulo: Editora Perspectiva. Coleção Estudos dirigida por J. Guinsburg. P.60.

87

II-Orientação Doutrinária do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

(Gravação realizada na casa da Sra. Lília Ribeiro, com a voz de Zélio de Moraes, em 16/11/1972).

“A Umbanda tem progredido e vai progredir. É preciso sinceridade, honestidade, e eu previno sempre aos companheiros de muitos anos, a vil moeda vai prejudicar a Umbanda; médiuns que vão se vender e que serão mais tarde, expulsos, como Jesus expulsou os vendilhões do templo. O perigo do médium homem é a consulente mulher; do médium mulher é o consulente homem. É preciso estar sempre de prevenção, porque os próprios obsessores que procuram atacar as nossas casas, fazem que toque alguma coisa no coração da mulher que fala ao Pai de Terreiro, como ao coração do homem que fala à Mãe de Terreiro. É preciso ter muito cuidado e haver moral, para que a Umbanda progrida. Umbanda é humildade, amor e caridade, essa é a nossa bandeira. Neste momento, meus irmãos, me rodeiam diversos espíritos que trabalham na Umbanda do Brasil, Caboclos de Oxóssi, de Ogum, de Xangô, etc. Este que vos fala, porém, é da falange de Oxóssi, meu Pai, e não veio por acaso; trouxe uma ordem, uma missão. Meus irmãos, sejam humildes, tenham amor no coração, amor de irmãos para irmãos, porque as vossas mediunidades ficarão mais puras, servindo aos espíritos superiores que venham a baixar entre vós; é preciso que os aparelhos estejam sempre limpos, os instrumentos afinados com as virtudes que Jesus pregou na Terra, para que tenhamos boas comunicações e proteção para aqueles que vêm em busca de socorro nas Casas de Umbanda. Meus irmãos, este aparelho já está velho, com 80 anos a fazer, mas começou antes dos 18. Posso dizer que o ajudei a casar, para que não estivesse a dar cabeçadas, para que fosse um médium aproveitável e que, pela sua mediunidade, eu pudesse implantar a nossa Umbanda. A maior parte dos que trabalham na Umbanda, se não passaram por esta Tenda, passaram pelas que saíram desta casa. Tenho uma coisa a vos pedir, se Jesus veio ao planeta Terra na humilde manjedoura, não foi por acaso. Assim o Pai o determinou. Podia ter procurado a casa de um potentado da época, mas foi escolher aquela que seria sua Mãe, esse Espírito que viria a traçar à humanidade os passos para obter paz, saúde e felicidade. Que o nascimento de Jesus, a humanidade em que Ele baixou à Terra, a estrela que iluminou aquele estábulo, sirvam de exemplo, iluminando os vossos espíritos, tirando os escuros da maldade por pensamento, por práticas e ações; que Deus perdoe as maldades que possam ter sido pensadas, para que a paz possa reinar em vossos corações e nos vossos lares. Fechai os olhos para a casa do vizinho; fechai a boca para não murmurar contra quem quer que seja; não julgueis para não serdes julgados; acreditai em Deus e a paz entrará em vosso lar. É dos evangelhos. Eu, meus irmãos, como o menor espírito que baixou a Terra, mas amigo de todos, numa concentração perfeita dos companheiros que me rodeiam neste momento, peço que eles sintam a necessidade de cada um de vós e que, ao sairdes deste templo e caridade, encontreis os vossos caminhos abertos, vossos enfermos melhorados e curados, e a saúde para sempre em vossa matéria”.

“Leal de Souza, poeta, escritor e jornalista é um dos mais antigos umbandistas do Brasil. Dirige a Tenda Nossa Senhora da Conceição, considerada por José Álvares Pessoa, uma das Tendas mestras. Diz, Leal de Souza, que a Linha Branca de Umbanda é realmente a Religião Nacional do Brasil, pois que, através de seus ritos, os espíritos ancestrais, os pais da raça, orientam e conduzem sua descendência. O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Curuguçu, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que a organizou, isso é, que foi incubido pelos guias superiores, que regem o nosso ciclo psíquico, de realizar na Terra a concepção do Espaço. Esse Espírito une a intransigência à doçura. Quando se apresentou pela primeira vez, em 15 de novembro de 1908, para iniciar sua missão, mostrou-se como um velho de longa barba branca; vestia uma túnica alvejante, que tinha em letras luminosas a palavra CARIDADE. Depois, por longos anos, assumiu o aspecto de um caboclo vigoroso; hoje é uma claridade azul no ambiente das Tendas. A sua missão é, portanto, a de preparar espíritos encarnados e desencarnados que deverão atuar no Espaço e na Terra, na época futura em que ocorrerá um acontecimento da importância do advento de Jesus no mundo antigo. O Caboclo das Sete Encruzilhadas chama Umbanda os serviços de caridade, a demanda, os trabalhos para neutralizar ou desfazer os da magia negra. A organização da Linha é um primor minucioso. Espanta a sabedoria dos espíritos que se apresentam como caboclos e pretos-velhos a que são tanto mais humildes e quanto mais elevados. Em geral, as pessoas que freqüentam as sessões, não as conhecem na plenitude da sua grandeza, porque tratam do seu caso pessoal, sem tempo para outras explanações. O Caboclo das Sete Encruzilhadas, que é dotado de rara eloqüência, quando se manifesta em público, costuma adaptar a sua linguagem à compreensão das pessoas menos cultas, que são consideradas como sendo as mais necessitadas de conforto espiritual. Foi esse espírito que há vinte anos, conforme ficou apurado em inquérito policial, reproduziu o milagre do Divino Mestre, fazendo voltar à vida, uma moça cuja morte fora atestada pelos médicos. Pai Antônio, o principal auxiliar do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e que baixa pelo mesmo aparelho, Zélio de Moraes, e que eu já vi discutir medicina com os doutores. É o espírito mais poderoso do meu conhecimento. A seguir, Leal de Souza, referiu-se a outras entidades que baixaram em Tendas de Umbanda. Na Tenda de São Jerônimo, há entre outros, dois espíritos de grande poder e vasta ciência que utilizam o mesmo aparelho, Anízio bacinca; Pai João da Costa do Ouro e o Caboclo da Lua. Este, quando saiu da minha Tenda para fundar a de Xangô, estava ditando a um oficial do Exército um livro sobre o “Império dos Incas”. O Chefe do Terreiro da Tenda de Oxalá é Pai Serafim e seus trabalhos têm produzido milagres; baixa por Paulo de Lavoir, médico como não há muitos. Pai Elias, baixa pelo Dr. Maurício Marques Lisboa, presidente da Tenda Filhos de Santa Bárbara. É velhíssimo e sapientíssimo.

Segundo outros guias, esse espírito numa de suas encarnações, foi sumo sacerdote da Babilônia e depois Papa, em Roma, para chegar como preto-velho no terreiro de Umbanda. Nota-se que

Pai Elias foi sumo sacerdote, mas seu aparelho não é sumo sacerdote de Umbanda. O indivíduo que se envaidecesse desse título seria um doente de vaidade e morreria de ridículo... Catumbé, da Tenda de São Miguel, baixa por Luiz Pires, é filósofo e alquimista. Pai Vicente, que baixa pela Sra. Corina da Silva, presidente da Tenda de São Pedro, na Ilha do Governador, é um espírito de saber profundo, que abrange a literatura, a filosofia de todos os tempos. Os seus trabalhos produzem efeitos miraculosos. Citei apenas alguns espíritos de meu conhecimento, pois como esses, os há em todas as Tendas. Não esqueçamos que o labor desses espíritos tem duas finalidades, atrair a criatura e ensiná-la a amar e servir o próximo. Com a sua manifestação, pelo corpo dos médiuns, provam a imortalidade da alma e os benefícios que fazem, servem para elevar o beneficiário, pela meditação ao culto do amor a Deus e, portanto, à prática de suas Leis”.

III.1-“Jornal de Umbanda”:

Redação e Administração:

Rua Conselheiro Agostinho, no.52, Todos os Santos, Guanabara.

Diretor Responsável:

Reinaldo Xavier de Almeida.

Finanças e Orçamento:

Antônio Venâncio do Nascimento.

Departamento de Publicidade:

José Feitosa.

Secretário Geral:

F. Romário Ferraz.

Representações em São Paulo, Campinas, Resende, Pernambuco e Piauí.

Composto e Impresso nas Oficinas da Revista Atualidade, na Rua Visconde do Rio Branco, no.627, Niterói, Estado do Rio de Janeiro.

(Publicações na década de 1950 e 1960).

No. 149- *“Para vencermos os obstáculos que tivermos de enfrentar, na longa caminhada da vida, não devemos esquecer que toda construção moral e espiritual, no conceito divino, deve ter seus alicerces invisíveis na nossa fé”.*

No.150- *“Um dos maiores serviços que as forças invisíveis do bem prestam aos homens, no presente, é penetrarem na atmosfera terrena para livrá-la das perturbações e influências negativas.*

(divulgavam-se eventos umbandistas, notícias sociais, práticas ritualísticas).

Obs: Informações obtidas na Biblioteca Nacional –RJ.

IV-Cronologia Umbandista:

PRIMEIRO PERÍODO (1891-1939):

- *1891-Nascimento de Zélio de Moraes.
- *1908-Manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas.
(Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade)
- *1913-Manifestação do Orixá Male (Falange de Ogum).
- *1917-Início da Fundação das Sete Tendias de Umbanda: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Guia, Santa Bárbara, São Pedro, Oxalá, São Jorge, São Jerônimo.
*Fundação da Tenda Mirim (Caboclo Mirim).
- *1925-Codificação das Sete Linhas de Umbanda:
Oxalá, Ogum, Oxossi, Xangô, Iansã, Yemanjá, Almas.
- *1932-Livro: “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” – Leal de Souza.
- *1935-Fundação da Tenda São Jerônimo (Caboclo das Sete Encruzilhadas).
- *1939-Fundação da Federação Espírita de Umbanda (FEU).

SEGUNDO PERÍODO (1941-1961):

- *1941-Primeiro Congresso de Umbanda (Sete Linhas).
- *1945-Expansão Nacional da Umbanda (Final do Estado Novo).
- *1947-Primeiro Jornal Umbandista (“Jornal de Umbanda”).
- *1950-Umbanda no Rio Grande do Sul elege Moab Caldas Deputado Federal.
- *1953-Primeira Federação de Umbanda do Estado de São Paulo.
- *1955-Movimento de Reafricanização da Umbanda.
- *1956-Tancredo da Silva Pinto cria a Coligação do Colegiado Espírita do Cruzeiro do Sul;
Livro: “Umbanda de Todos Nós” (temática esotérica) – W.W. da Matta e Silva.
- *1957-Grande penetração política da Umbanda.
- *1958-A Umbanda no Rio de Janeiro elege Átila Nunes Deputado Estadual.
- *1961-Segundo Congresso de Umbanda.

TERCEIRO PERÍODO (1973-2008):

- *1973-Terceiro Congresso Umbandista.
- *1975-Desencarne de Zélio Fernandino de Moraes.
- *1976-Convenção Anual do Conselho Deliberativo da Umbanda (CONDU).
- *1978-Livro: “Fundamentos de Umbanda” – Omolubá e Israel Cisneiros.
- *2000-Criação da Faculdade de Teologia Umbandista em São Paulo.
- *2008-Comemorações do Centenário da Umbanda –Construção da Identidade Umbandista.

(Site: “Estudando a Umbanda” – Internet).

(Informações colhidas e coordenadas pela Sra. Lília Ribeiro, entrevistando Zélio de Moraes - 1972).

“Em 16 de novembro de 1919, o Caboclo das Sete Encruzilhadas revela ao seu médium Zélio de Moraes, uma das existências, na Itália pelo ano de 1689, como padre jesuíta; confirmando a vidência da médium quando de sua primeira manifestação, em 15 de novembro de 1908, na sede da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói.

–“Fui padre jesuíta italiano. Nasci na Vila de Menaggio, nas margens do Como em 1689 e morri em Lisboa no ano de 1761. Desde criança que mostrei manifestar tendências para o mais exagerado misticismo. Tendo completado na Itália (Milão) os estudos teológicos, professei na Companhia de Jesus (1711). Quis vir para o Novo Mundo missionar, mas o General da Companhia Tamborini opôs-se ao meu desejo, reservando-me o lugar de professor de humanidade no Colégio de Bastis, na Córsega. Decidi, porém, realizar o meu projeto, conseguindo, mais tarde, partir para Lisboa, em 1721, de onde embarquei para o Maranhão. Por essas terras distantes andei pregando. Internei-me no sertão, afrontando os mais extraordinários perigos e vencendo-os com a intrepidez de um homem que se julga destinado a cumprir na Terra uma missão superior. Julgando-me escolhido para conquistar almas para o Céu, ouvia vozes misteriosas, que me incentivavam a prosseguir na minha cruzada. Cheguei a persuadir-me que fazia milagres.

Por obediência às ordens que me foram transmitidas, voltei ao Maranhão, em 1727, para catequizar os índios; sendo essa ocasião que consegui amansar a feroz tribo dos Barbassos, fundando uma missão que teve grande desenvolvimento.

Voltando ao Maranhão, em 1730, sustentei uma espécie de peregrinação apostólica. Fui à Bahia e ao Rio de Janeiro e, meti-me no mato a pregar. Tal predomínio alcancei sobre os índios e de tal modo me insinuei no espírito dos crentes, que em pouco tempo tinha sobre eles uma absoluta ascendência. Apareci convertido no apóstolo do Brasil. Diziam que falava com Deus, que me aparecia a Virgem Santíssima, que conversava com os santos e para completar os meus prodígios, citava os milagres que operava. Com esta forma de santidade, parti para a Europa, em 1749. Após trabalhosa viagem, cheguei a Lisboa. De todos os lados acudiram os fiéis a venerar-me. D. João V, que já se achava no último extremo, acolheu-me com verdadeiro júbilo; teve uma valiosa intercessão minha. Quando D. João V agonizava, fui quem o assistiu em sua hora final.

Em 1751, voltei ao Brasil e por aqui me demorei até 1754, ano em que cheguei a Lisboa, a chamado da Rainha viúva, D. Mariana da Áustria. Desta vez, encontrei no poder Sebastião José. O Ministro não permitiu que eu me conservasse muito tempo junto a Rainha enferma e, foi por esses e outros motivos que me ausentei para Setúbal, para não sofrer a presença do Ministro.

Por seu lado, Pombal deixou-me em paz, mas os acontecimentos vieram pôr-me em foco e atirar-me para ruína total.

Arrazada Lisboa pelo terremoto, espalhou-se que a enorme catástrofe fora um castigo do céu. Para contrariar estas informações, mandou o Ministro compor e publicar um folheto escrito por um padre, explicando o fenômeno e as causas naturais que o determinaram. Apareci em público com um opúsculo: Juízo da Verdadeira Causa do Terremoto, que padeceu a Corte de Lisboa no dia 1.º de novembro de 1755. Nesse opúsculo, procurei retificar o que se lia no folheto que Pombal mandou distribuir, asseverando que o terremoto fora efetivamente um castigo do céu. Pombal, irritado, limitou-se a mandar queimar o opúsculo e a desterrar-me para Setúbal. Chega o ano de 1758 e, no mês de setembro, ocorreu o atentado contra a vida de D. José e eu, que antes tinha uma carta ameaçadora ao Primeiro-Ministro, fui preso, em 11 de dezembro, e transferido para o Colégio da sua Ordem em Lisboa, considerado réu dessa magestade e encerrado nas prisões do Estado em 11 de janeiro de 1759. Pombal, que já tinha posto os jesuítas fora do reino, achou que a ocasião era excelente para exaltar a campanha com conceito popular e, eu seria a vítima. Rebuscaram os meus livros e nesta oportunidade me atribuíram passagens que pudessem parecer pouco ortodoxas e, entregue à Inquisição, fui condenado à pena de garrote e da fogueira. Sentença executada na Praça do Rossio, em Lisboa, a 21 de setembro de 1761. Seu nome era Frei Gabriel Malagrida.

Nota Explicativa:

Estas informações e detalhes da trajetória do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” e de Zélio de Moraes, basicamente todo este relato resumido, foram colhidos e coordenados pela Sra. Lília Ribeiro, in memoriam, jornalista, que na época, nos idos dos anos 70 (séc.XX), era diretora de culto da Tenda de Umbanda, Luz, Esperança, Fraternidade (TULEF), editando o Boletim Macaia. Neste relato ainda mencionou que Zélio Fernandino de Moraes, vem a desencarnar no dia 03 de outubro de 1975, com 84 anos de idade, vivenciando a sua mediunidade durante 67 anos, sem nenhuma interrupção. Ainda comunica que o dia 15 de novembro de 1908, passa a ser considerado uma data comemorativa da Umbanda, segundo votação e aprovação pelo Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda (CONDU), em Convenção Anual, realizada no Hotel Glória, Rio de Janeiro, de 19 à 26 de março de 1976.

VI-Umbanda: “A Manifestação do Espírito para a Caridade”:

(Pesquisa analisando a Construção da Identidade Umbandista).

Data: ____/____/____.

Nome:_____.

Profissão:_____.

Escolaridade:_____.

Instituição:_____.

Cargo:_____.

QUESTIONÁRIO:

1-O que é Umbanda?

_____.

2-O que é Ser Umbandista?

_____.

3-Qual a Importância da Trajetória de Zélio Fernandino de Moraes?

_____.

4-Por que Comemorar o Centenário do Advento da Manifestação do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” em 15 de novembro de 1908?

_____.

5-É importante compreender a História da Umbanda? Por que?

_____.

6-A Umbanda pode ser considerada uma “Religião Brasileira”?

_____.

7-Qual a sua consideração acerca do Culto Umbandista na atualidade? E o futuro da Umbanda?

_____.

Considerações Finais:

_____.

(Emails p/ retorno: sdestrellita@ig.com.br/sgestrellita@yahoo.com.br.).

VII-Pontos Cantados Entoados na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade:

(Seleção dos principais Pontos Cantados de Abertura das Sessões de Umbanda –1908/2008).

I

*“CHEGOU, CHEGOU
CHEGOU, COM DEUS, CHEGOU
CHEGOU, O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS”.*

II

*“SENHORA DA PIEDADE
A SUA ESTRELA É QUEM NOS GUIA.
SENHORA DA PIEDADE
A SUA ESTRELA É QUEM NOS GUIA.
SETE ENCRUZILHADAS EM SEU TERREIRO
E OGUM EM TODA GIRA
SETE ENCRUZILHADAS EM SEU TERREIRO
E OGUM EM TODA GIRA”.*

III

*“DÁ LICENÇA PAI ANTÔNIO,
QUE EU NÃO VIM LHE VISITAR,
EU ESTOU MUITO DOENTE,
VIM PRA VOCÊ ME CURAR,
SE A DOENÇA FOR FEITIÇO,
BULALÁ EM SEU GONGÁ,
SE A DOENÇA FOR DE DEUS, AI,
PAI ANTÔNIO VAI CURAR.
COITADO DE PAI ANTÔNIO,
PRETO-VELHO CURANDÔ,
FOI PARAR NA DETENÇÃO, AI,
POR NÃO TER UM DEFENSOR.
PAI ANTÔNIO É QUIMBANDA, É CURANDÔ,
PAI ANTÔNIO É QUIMBANDA, É CURANDÔ,
É PAI DE MESA, É CURANDÔ,
É PAI DE MESA, É CURANDÔ.
PAI ANTÔNIO É QUIMBANDA, É CURANDÔ,
PAI ANTÔNIO É QUIMBANDA, É CURANDÔ”.*

IV

*“ELES SÃO TRÊS CABOCLOS,
CABOCLOS DO JACUTÁ.
ELES GIRAM NOITE E DIA,
PARA OS FILHOS DE OXALÁ.
SETE COM MAIS SETE,
COM MAIS SETE, VINTE E UM.
SALVANDO OS TRÊS SETE,
TODOS TRÊS DE UM A UM.
SETE MONTANHAS GIRA,
QUANDO A NOITE VAI CHEGAR,
SEU IRMÃO SETE LAGOAS,
QUANDO O DIA CLAREAR.
E AO ROMPER DA AURORA,
ATÉ ALTA MADRUGADA,
GIRA O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS”.*

V

*“OGUM DE LEI,
ORIXÁ DE LEI,
Ê Ê Ê A A..
SALVE A COROA DE OGUM DE LEI,
OGUM DE LEI,
OGUM DE NAGÔ”.*

VI

*“ESTOU CANSADO DE CURIMBAR.
ESTOU CANSADO DE CURIMBAR.
LÁ NA JUREMA,
TEM OXÓSSI BRANCA LUA”.*

VII

*“TIANA CHEGOU AQUI NESSE GONGÁ,
E VEIO COM ORDENS,
PARA TRABALHAR.
TIANA TRABALHA, PARA OS FILHOS TEUS,
E VENCE DEMANDA COM A GRAÇA DE DEUS”.*